

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PAULA FRASSINETTI
MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1º CICLO DO
ENSINO BÁSICO

Relatório de Investigação

**O papel da Participação das Crianças no desenvolvimento da sua
autonomia na Escola**

Diana Raquel Saraiva Pinto

Porto

2023

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PAULA FRASSINETTI
MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1º CICLO DO
ENSINO BÁSICO

Relatório de Investigação

**O papel da Participação das Crianças no desenvolvimento da sua
autonomia na Escola**

Diana Raquel Saraiva Pinto

Orientadora: Doutora Irene Zuzarte Cortesão Melo da Costa

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti para obtenção de grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

PORTO

2023

Agradecimentos

Recordo-me de ter crescido rodeada de crianças. De brincar muito com elas. De pedir aos meus pais para me darem mais uma irmã, só porque queria mais uma criança para brincar, para cuidar. Recordo-me desse desejo ter sido concedido. Os meus pais não queriam, mas o destino foi mais forte. Essa criança cresceu, deu-me muitas alegrias e uma delas foi ter-me levado até à escola onde ela andava - ao seu grupo do pré-escolar, no qual a educadora, por estar condicionada devido à sua deficiência motora, não podia dar esse tipo de aulas. Voluntariei-me para ser eu a responsável por essa área e assim foi. Assim fui. Mas fui muito mais do que isso. Fui voluntaria. Fui professora de dança. Fui organizadora de festas de Natal e de final de ano. Mas fui também cuidadora, educadora... E sinto que foi nesse momento, que tive a certeza de que o caminho era por aí.

A educação é responsável por tanto. A educação muda o mundo. Deu-se um clique. Se educarmos para o bem, se educarmos o coração, as ações só podem ser boas. O mundo pode ser bom. Vários obstáculos pelo caminho apareceram, vários acontecimentos me desviaram do caminho. Mas por atalhos, também é possível chegar ao destino. E eu cheguei. Ainda que o destino seja ótimo, o percurso é muito melhor – foram momentos difíceis, de questionamento, de reflexão, de insistência, ansiedade, mas também de muita alegria, superação, valorização e no fundo, muita aprendizagem.

Neste caminho, quando os obstáculos apareciam, aparecia em simultâneo quem me desse a mão, me fizesse lembrar do meu valor, do meu propósito e do meu objetivo. A eles, tenho de agradecer, tornaram tudo mais simples.

Querida Mãe, obrigada pelas palavras sábias, pelos pontos de vista que tornavam sempre tudo mais claro, pela força e pelo amor. Por estares presente em todos os momentos deste percurso e todos os outros. Por me lembrares o meu valor e acreditares sempre em mim.

Querido Pai, obrigada pela tua calma e sensatez, também eu sou reflexo dessas tuas características que tanto me ajudaram neste caminho. Obrigada pela paz

que me transmites e por conversarmos tantas vezes em silêncio. Obrigada pelo amor e por te mostrares tão orgulhoso.

À minha Irmã, a quem eu quero servir de exemplo, mas que também é uma inspiração para mim. Que olhes para mim como um modelo de força e persistência. Obrigada por os momentos que me ouviste. Obrigada por estares sempre comigo. Obrigada por acreditares em mim.

Ao meu Irmão, que sempre me disse que “às vezes é preciso dar um passo atrás, para dar dois em frente”. Tens razão, mano. E cá estou eu! Obrigada pelas tuas palavras de força e por viveres as minhas alegrias como se fossem tuas.

Aos meus queridos avós paternos, que onde quer que estejam, sei que estão orgulhosos por me verem tornar uma “Senhora Professora.” Enche-me o coração poderem ter partilhado ainda, um pouco desta experiência comigo.

À minha avó materna, obrigada por ficares contente com as minhas conquistas e alegrias.

Ao meu Namorado, por teres acreditado sempre em mim. Por me lembrares sempre que nasci para isto. Por saberes o poder que uma boa educação pode ter e lembrares-me sempre de isso mesmo. Obrigada pelas palavras, pelas atitudes, pela compreensão. Obrigada por entenderes o tempo que teve de ser abdicado em prol do meu sonho. Obrigada pelo brilho nos olhos com as minhas conquistas.

Queridos Padrinhos, obrigada por terem estado sempre presentes em todos os momentos e pela força que me deram!

À minha querida e excelente orientadora deste Relatório de Estágio, Irene Cortesão, à minha melhor escolha. Pela sua disponibilidade, sempre. Pela clareza das suas palavras. Por fazer parecer tudo mais fácil. Obrigada por ter sido tão humana ao longo deste percurso e pela sua preocupação. Obrigada pela boa disposição e boa energia. Obrigada pela confiança. É um ser maravilhoso e fico-lhe eternamente grata por ter vivido esta fase comigo.

À minha orientadora de estágio, Ivone Neves. Pela sua exigência, rigor e praticidade. Por me fazer sair da minha zona de conforto e ensinar que é aí, que

nós crescemos, que nos desenvolvemos. Aprendi imenso consigo e estou-lhe eternamente grata por ter feito de mim a profissional e pessoa que sou hoje.

À minha professora cooperante, da instituição A, 1º Ciclo do Ensino Básico, por me ter acompanhado nesta aventura. Pelas palavras de força e por reconhecer sempre os erros como forma de aprendizagem. Obrigada.

À minha querida educadora cooperante, da instituição B, Pré-Escolar, que foi das melhores pessoas que se podia ter cruzado no meu caminho. Identifiquei-me consigo, desde a primeira vez que a vi: humana, sensível, bem-disposta, empática, preocupada.... Sabia que o meu percurso profissional seria por aí, e anos mais tarde, quando me foi dada a possibilidade de escolher, não tive dúvidas que este meu caminho tinha de ser feito ao seu lado. Obrigada por todos os ensinamentos e por ter sido o exemplo que foi para mim.

À minha educadora cooperante, da instituição A, Pré-Escolar, por ter feito de mim uma pessoa mais reflexiva, questionadora e trabalhadora. Por ter acreditado e reconhecido o meu valor, quando eu própria não o fazia. Obrigada.

À querida Professora Daniela Gonçalves, pela sua luz e brilho que contagiam qualquer um. Por ser uma humana e profissional de mão cheia. Por nos mostrar a nós, estudantes, que tudo é possível - tudo se faz. Obrigada por encarar este mundo da educação com tanta alegria. Com tanto positivismo. Obrigada por nos fazer acreditar que há lugar para todos e por nos dar motivos para agarrar, quando estávamos mais em baixo. Obrigada por não me fazer sentir mais uma estudante. Por valorizar cada um de nós. Por nos tratar por o nome. Teve um grande impacto em mim e fez-me sentir “que um dia quero que as minhas crianças olhem para mim, com a admiração que eu olho para si.” Muito obrigada.

À minha equipa da receção do Holmes Place, que viveu esta aventura comigo desde início. Obrigada às minhas meninas pela vossa paciência. Obrigada por acreditarem em mim. Obrigada por me ajudarem a desenvolver competências que me vão ser úteis também nesta profissão. São a melhor equipa de sempre e levo-vos comigo para sempre. Um agradecimento especial à minha querida chefe, que sempre me permitiu tudo e ajudou sempre. Que me permitiu viver a vida académica a 100%. Obrigada do fundo de coração.

Às minhas crianças por me terem recebido tão bem. Por me terem deixado ensiná-las, mas por me ensinarem tanto também. Aprendi muito com vocês e serão para sempre os meus quatro primeiros grupos especiais.

À minha amiga, Leonor Rocha, por ter vivido esta experiência comigo. Pela tua certeza e segurança, que sempre me deram tanta esperança. Por acreditares tanto. Pela tua bondade. Pelo ERASMUS que fizemos juntas e que vou sempre lembrar. Pelas escolas que vimos no estrangeiro, juntas, pelo ensino... e por acreditares, comigo, numa educação diferente para Portugal e para o Mundo.

Obrigada à Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, aos seus docentes e equipa educativa, por me terem recebido e acolhido tão bem ao longo destes 5 anos. Vão ser sempre a minha casa.

Por fim, agradeço a mim própria, pela teimosia, insistência, perfeccionismo e amor que sempre tive, para a concretização deste sonho. Por ter sempre investido em mim, ao tentar torna-me uma pessoa melhor, pois “boas pessoas dão bons profissionais.” Espero ser um exemplo para os meus alunos e crianças, pois mais do que aprenderem com o que eu digo, vão aprender com aquilo que faço e sou. Estou pronta para enfrentar os novos desafios e abraçar esta profissão com amor, dedicação e com a promessa de tentar fazer um mundo melhor!

Resumo

Este trabalho de investigação procura chamar à atenção para a importância da participação das crianças nos contextos educativos e para o desenvolvimento da sua autonomia. Pretende-se também refletir sobre a necessidade de uma reformulação da escola tradicional para que esta participação aconteça, tanto a nível de espaço físico, como forma de dinamização, mas também na forma de pensar e agir dos adultos que nela exercem a sua função profissional.

Neste contexto, discute-se o papel que esses mesmos adultos devem assumir para garantir a participação efetiva das crianças, assim como a necessidade de criação de espaços e tempos de participação nos contextos educativos. Neste quadro, chama-se a atenção para as assembleias de grupo e assembleias de turma, que surgem como espaços nos quais a criança se pode desenvolver como ser humano e ser participativo, da sociedade em que se encontra. Estes espaços e dinâmicas permitem inúmeras possibilidades, mas para que as crianças sejam capazes de tomar decisões e participar efetivamente, é necessário que lhes sejam concedidas oportunidades para tal.

Nesta investigação, realizou-se um estudo de caso múltiplo durante o qual se observou e dinamizou assembleias em duas instituições e duas valências distintas: Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico.

Com este estudo, foi possível perceber a importância que o adulto tem, ao não assumir o papel de protagonista, neste exercício de participação, permitindo que as crianças o façam, uma vez que estas têm competências para tal – no entanto, é necessário que o adulto as apoie, para que estas se desenvolvam e iniciem este processo o quanto antes.

Palavras-chave: autonomia, participação, assembleias, sociedade, facilitadores, inibidores, decisões.

Abstract

This research project aims to draw attention to the importance of children's participation in educational contexts to develop their autonomy. It is also intended to reflect on the need to reform the traditional school so that this participation occurs, both at the level of the physical space, as a way of functioning, and in the form of thinking and acting of the adults working there.

Thus, the role that these same adults should assume to guarantee the effective participation of children is discussed. As well as the need to create spaces and times of involvement in educational contexts. In this context, attention is drawn to group assemblies and class assemblies, which emerge as spaces in which the child may develop as a human being and be participatory in the society in which he/she is. However, these spaces and dynamics allow countless possibilities, but for children to make decisions and participate effectively, they must be given opportunities.

In the scope of this research, a multiple case study was carried out, during which assemblies were observed and conducted in two institutions and two different areas: preschool and 1st cycle of primary education.

With this study, it was possible to understand the adult's importance in not assuming the role of protagonist in this exercise of participation, allowing the children to do it since they have the competencies to do it. However, the adult must support them so that they develop and start this process as early as possible.

Keywords: autonomy, participation, assemblies, society, facilitators, inhibitors, decisions.



Lista de Acrónimos e Siglas

AE – Aprendizagens Essenciais

CDC – Convenção sobre os Direitos das Crianças

CEB – Ciclo do Ensino Básico

CRIANÇA X – X= Inicial do nome da criança

ED - Educadora

NEE – Necessidades Educativas Específicas

ONU – Organização das Nações Unidas

PASEO – Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória



Índice

Agradecimentos.....	I
Resumo.....	V
Abstract.....	VI
Lista de Acrónimos e Siglas.....	VII
Introdução.....	1
I – Enquadramento Teórico.....	3
1.1. Conceito de Participação.....	3
1.1.1. O que implica a participação.....	5
1.1.2. O papel dos adultos no processo de participação.....	6
1.1.3. Espaços de participação para as crianças.....	9
1.1.4. Inibidores ou facilitadores da Participação.....	12
1.2. Conceito de Autonomia.....	17
II – Enquadramento Metodológico.....	19
2.1. Procedimentos.....	21
2.1.1. Descrição e análise dos dados.....	25
Observação das Assembleias na PES III e IV – Instituição A.....	25
Descrição e análise dos dados.....	31
Observação das Assembleias na PES I – Instituição B.....	31
Descrição e análise dos dados.....	39
Observação das Assembleias na PES II – Instituição A.....	39
2.2. Discussão dos dados.....	56
2.3. Considerações Finais.....	65
Referências Bibliográficas.....	74
Apêndices.....	77
Apêndice 1.....	77
Grelha Exemplar utilizada na observação das assembleias.....	77
Apêndice 2.....	78

Grelha de Observação da Assembleia de Turma do 1º ano	78
Apêndice 3.....	80
Grelha de Observação da Assembleia de Turma do 2º ano	80
Apêndice 4.....	82
Grelha de Observação da Assembleia de Turma do 4º ano	82
Apêndice 5.....	84
Grelha de Observação da Assembleia de Escola.....	84
Apêndice 6.....	86
Grelha de Observação da Assembleia de Sala.....	86
Apêndice 7.....	89
Grelha de Observação da Assembleia de Sala.....	89
Apêndice 8.....	92
Grelha de Observação da Assembleia de Sala.....	92
Apêndice 9.....	97
Grelha de Observação da Assembleia de Sala.....	97
Apêndice 10.....	100
Grelha de Observação da Assembleia de Sala.....	100
Apêndice 11.....	103
Grelha de Observação da Assembleia de Sala.....	103
Apêndice 12.....	109
Grelha de Observação da Assembleia de Sala.....	109
Apêndice 13.....	117
Grelha de Observação da Assembleia de Sala.....	117
Apêndice 14.....	121
Grelha de Observação da Assembleia de Sala.....	121
Apêndice 15.....	126
Notas de Campo: Observação da Assembleia de Turma do 1º Ano – Instituição A	126

Apêndice 16.....	128
Grelha de Observação da Assembleia de Turma do 2º Ano – Instituição A.....	128
Apêndice 17.....	129
Notas de Campo: Observação da Assembleia de Turma do 4º Ano – Instituição A	129
Apêndice 18.....	130
Notas de Campo: Observação da Assembleia de Escola – Instituição A.....	130
Apêndice 19.....	132
Notas de Campo: Observação da Assembleia de Sala do Pré-Escolar – Instituição B.....	132
Apêndice 20.....	136
Notas de campo: Observação da Assembleia de Sala do Pré-Escolar – Instituição B.....	136
Apêndice 21.....	138
Notas de Campo: Observação da Assembleia de Sala do Pré-Escolar – Instituição B.....	138
Apêndice 22.....	141
Notas de Campo: Observação da Assembleia de Sala do Pré-Escolar – Instituição A.....	141
Apêndice 23.....	143
Notas de Campo: Observação da Assembleia de Sala do Pré-Escolar – Instituição A.....	143
Apêndice 24.....	146
Notas de Campo: Observação da Assembleia de Sala do Pré-Escolar – Instituição A.....	146
Apêndice 25.....	151
Notas de Campo: Observação da Assembleia de Sala do Pré-Escolar – Instituição A.....	151
Apêndice 26.....	156

Notas de Campo: Observação da Assembleia de Sala do Pré-Escolar – Instituição A.....	156
Apêndice 27.....	159
Notas de Campo: Observação da Assembleia de Sala do Pré-Escolar – Instituição A.....	159

Introdução

O presente Relatório de Estágio surge no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar e ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB) inseridas no 1.º e no 2.º ano do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB) da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. A orientação do decorrente relatório encontra-se ao cuidado da Doutora Irene Cortesão.

O trabalho de investigação que se segue está dividido em três partes: Enquadramento Teórico; Enquadramento Metodológico e Discussão dos Dados.

No que concerne à primeira parte, Enquadramento Teórico, este sustenta-se na apresentação e discussão dos referenciais teóricos que irão suportar a investigação presente, bem como a prática educativa que se irá desenvolver.

Surge assim a necessidade de recorrer à definição do *Conceito de Participação*, com base em diferentes autores, bem como diferentes perspetivas. De modo a existir uma contextualização mais aprofundada, é ainda explorado *O que implica a Participação*.

Segue-se o *Papel dos Adultos no Processo de Participação* uma vez que se considera que cabe ao adulto, ser um interveniente, facilitador e garantir a realização dos seus alunos neste processo, e em outros tantos.

Em seguida, discutem-se os *Espaços de Participação para as Crianças*, os quais servirão de palco, para que se dê oportunidade de as crianças intervirem, partilhando as suas ideias, opiniões, sugestões e inquietudes.

Devido à ambiguidade do tema é imprescindível a abordagem dos *Facilitadores e Inibidores da Participação*, pois esta questão da Participação das Crianças, enfrenta diferentes obstáculos – nomeadamente a desigualdade de poder entre adultos e crianças, sendo que estas têm direito em expressar a sua opinião em qualquer assunto que as afete; no entanto, infelizmente, é ainda restringida, a sua participação, opinião e competência, grande parte das vezes.

Finalmente, surge o *Conceito de Autonomia*, uma vez que é este que sustenta e se encontra intimamente ligado ao conceito de Participação. São exploradas diferentes perspetivas, sendo que em algumas se defende que a criança tem

diferentes capacidades (variando com diversos fatores, nomeadamente: idade, desenvolvimento socio-emocional...) no âmbito da autonomia e da racionalidade. Portanto prevê-se que o ideal será adiar a sua participação até ao momento em que estas atinjam determinada maturidade e competência, sendo que só aí poderá exercer o seu contributo participativo. Por outro lado, alguns autores defendem que a autonomia deve ser trabalhada e partilhada, de modo que se trate a criança como um ser racional e capaz de fazer escolhas acertadas – pois só quando se iniciam as experiências e vivências, é que é possível passar-se para o processo de tomada de decisão e, simultaneamente, o processo de participação.

Relativamente à segunda parte, *Enquadramento Metodológico*, procede-se à descrição de um estudo de caso. O processo de recolha de dados foi feito através da observação e dinamização de assembleias: 4 assembleias como observadora, realizadas na Instituição A referentes ao 1º Ciclo do Ensino Básico; 3 assembleias como dinamizadora/observadora na Instituição B referente à valência de Educação Pré-Escolar; e 6 assembleias, tendo o papel de dinamizadora/observadora na Instituição A referente à valência de Pré-Escolar.

Ao longo da observação/dinamização, procedeu-se à elaboração e ao preenchimento de grelhas de observação, que decorreram da análise de assembleias de grupo e assembleias de turma, bem como notas de campo.

No que concerne à terceira parte, referente à análise/discussão dos dados é realizada uma análise comparativa entre duas experiências vividas nas instituições investigadas, bem como das distintas valências: Educação Pré-Escolar e 1ºCEB.

Por fim, nas *Considerações Finais* é possível refletir sobre algumas conclusões do processo de investigação, quais os aspetos a melhorar neste exercício de participação, sendo que é responsabilidade da instituição, do adulto, mas também da criança.

I – Enquadramento Teórico

O capítulo que se inicia, está organizado em dois grandes tópicos.

O primeiro tópico refere-se ao *Conceito de Participação*, onde se recorre à definição de diversos autores, com visões distintas e opiniões singulares, discutindo-se também a necessidade de explorar quais as implicações da participação, através de uma análise mais alargada do conceito de cidadania infantil, propondo que a sua argumentação se centre na ideia da infância como categoria excluída de um estatuto pleno de cidadania.

Outra questão importante nesta discussão é a reflexão sobre *O papel do Adulto* neste processo e tudo o que está agregado a este neste sistema; que tipo de papel o adulto deve adotar para além do papel orientador.

Neste contexto, considera-se fundamental pensar sobre os *Espaços de Participação* das crianças e tudo o que está associado a estes. É aqui que surge a necessidade da implementação das *Assembleias de Turma*, como espaços de Participação nos quais as crianças poderão exercer direitos, mas também assumi-los.

O questionamento e a reflexão sobre estas questões levam também a pensar se se pode considerar que existem *Efeitos Facilitadores e Inibidores da Participação*, sendo que este é um tema que divide autores.

Finalmente, como segundo tópico, parece fundamental refletir sobre o *Conceito de Autonomia*, reconhecendo que a aplicação dos direitos de participação dos alunos, se depara com determinados obstáculos.

1.1. Conceito de Participação

O termo «participação» pode ser definido como:

o processo de partilha de decisões que afetam a vida de alguém e a vida da comunidade em que se vive, os meios através dos quais se constrói uma democracia, um padrão em relação ao qual as democracias devem ser medidas. A participação é, assim, o direito fundamental da cidadania (Hart, 1992)

através do qual é possível integrar o conhecimento das crianças na sua ação social, mas também aos seus direitos (nomeadamente de proteção e

participação), uma vez que a criança cidadã, deve ser respeitada, protegida, mas também escutada – e não somente, ouvida. Neste sentido, reconhece-se que as crianças não são “...recipientes passivos da socialização adulta² mas “atores sociais de direito próprio” (Christensen & James, 2005, p. 19).

De acordo com Tomás e Gama, “A participação apresenta-se como condição absoluta para tornar efetivo o discurso que impulsiona os direitos. Desta forma, a promoção dos direitos de participação assume-se como um imperativo para concretizar a ideia da criança como sujeito de direitos” (Tomás & Gama, 2011, p. 2), capaz de participar e decidir sobre questões que afetem a sua vida, sem o adulto como seu defensor, mas sim como supervisor/orientador – pois ao tomar decisões pela criança, o adulto não está a permitir que esta se desenvolva e concretize, está sim a “protegê-la da sua própria incompetência” (Fernandes, 2003, p. 46). A possibilidade de integrar o conhecimento das crianças no quotidiano deve ser aliada a uma margem de ação, cedida pelo adulto e pelo próprio espaço em que a criança está inserida. É neste contexto, que a criança pode expressar o seu ponto de vista/opinião, bem como exercer os seus direitos, funções e acima de tudo manifestando desigualdades que possa verificar e conquistando, posteriormente, a justiça que tanto anseia.

Por outro lado, Natália Fernandes defende que a participação

... não pode ser entendida como um princípio compulsivo, mas como uma dinâmica cujo exercício depende fundamentalmente da vontade dos seus detentores; ela exige a organização de mecanismos de informação das crianças relativamente à sua situação social e de sujeito de direitos. (Fernandes, 2003, p. 295)

Ou seja, não se deverá manifestar como uma exigência interna, que faz com que um sujeito seja levado a fazer determinada coisa, ou a ter um certo comportamento, mas sim como uma ação que traduza os desejos dos participantes, considerando a voz destes “...como ferramenta essencial em qualquer processo participativo” (Fernandes, 2003, p. 295).

Participação é sobretudo o ato de maturidade de dialogar e considerar as ideias, experiências e opiniões dos intervenientes integrantes no processo. É negociar enquanto se verifica a participação da criança a ampliar, a desenvolver-se e o

sentido de responsabilidade a crescer. “Falar de participação é falar de tomada de decisões... é também falar de diálogo e negociação entre crianças e adultos, numa relação aberta e dialógica, que se torna imprescindível” (Freire, 2011, p. 20).

1.1.1. O que implica a participação

Para a consolidação da imagem de infância participativa será indispensável que os processos de participação estejam presentes de forma sistemática na organização do seu quotidiano, sendo um dos passos iniciais e fundamentais no desenvolvimento de uma cultura de respeito pelas opiniões da criança. Para tal, será essencial começar por lhe proporcionar informação adequada para a formulação de opiniões validadas. (Fernandes, 2003, p. 49)

Desta forma, verifica-se que aliado ao processo de participação e à sustentação deste, é necessário dispensar tempo e espaço da rotina escolar, mas também da rotina pessoal e familiar da criança. Assim, é necessário ter em conta que as crianças poderão desejar diferentes intensidades de participação, em diferentes oportunidades e através de meios distintos.

Este processo deve estar inserido no dia-a-dia do aluno, mas acima de tudo, da criança como um todo. É essencial que este procedimento se inicie o quanto antes, de modo a que a construção de identidade e do sentimento de pertença das crianças se concretize, enquanto membros de pleno direito na sociedade, atores sociais e “participantes ativos na construção e determinação das suas experiências, das vidas de outras pessoas e das sociedades onde vivem” (Christensen & James, 2005, p. 143). De salientar que a participação está implicada em contextos diversificados e específicos, e está particularmente relacionada com outros direitos civis das crianças, nomeadamente a liberdade de expressão, consciência, religião, informação e ainda o direito à privacidade.

Para além do tempo dedicado a este efeito, é indispensável um trabalho conjunto entre o aluno/criança-professor, aluno/criança-aluno/criança, mas também aluno/criança-turma. Este trabalho deve ser divertido, apelativo e essencialmente centrado, apropriado e ajustado às crianças. Assim, uma vez que os participantes são as crianças, as metodologias devem ser pensadas, ponderadas e ajustadas ao conhecimento e à experiência que estas têm de si e do que as rodeia.

O apoio do adulto é, em todo o processo, crucial pois deve garantir que as opiniões das crianças são respeitadas, permitindo que estas rentabilizem as suas competências de participação. É crucial ter presente, que os adultos que intervêm com as crianças, devem ser empáticos, colocando-se no lugar destas e vendo o mundo com olhos de crianças e não com um olhar de adulto, de modo a facilitar algumas explicações, formas de comunicação que possa utilizar e interagindo de forma positiva e significativa.

Obviamente que os critérios idade e maturidade, juntamente com as experiências prévias de participação que as crianças têm “deverão sempre ser entrecruzados com variáveis como o contexto social em que a criança se insere, a natureza da decisão, a experiência de vida” (Fernandes, 2003, p. 103). Os seus contextos culturais e sociais de pertença são fundamentais para que as experiências de participação se mobilizem e aconteçam de uma forma “mais genuína e menos decorativa ou manipuladora das suas opiniões e perspetivas” (Trevisan, 2012, p. 96). Neste sentido, reconhece-se:

(...) a enorme importância de se olhar as crianças com atenção e cuidado, percebendo-as como pessoas com saberes, competências, vivências, interesses, gostos e receios, que variam de caso para caso. Isto porque é necessário ter consciência de que as crianças, tal como os adultos, diferem umas das outras em termos de robustez e força emocional e física, têm diferentes passados, histórias e experiências. Assim, mesmo quando as crianças da mesma idade participam, não se pode esperar delas iguais capacidades e atitudes.” (Cortesão & Jesus, 2022, p.4)

1.1.2. O papel dos adultos no processo de participação

Enquanto a presença de alguns adultos poderá facilitar explicações e a comunicação com a criança, noutras alturas os adultos podem ter a tendência de regular as vozes das crianças, ao desafiarem ou redefinirem o que dizem e, de modo semelhante, irmãos mais velhos ou mais confidentes podem dominar a direção das discussões. (Christensen & James, 2005, p. 160)

Cabe ao adulto ser um interveniente, facilitador e garantir a realização dos seus alunos. Para tal, este deve respeitar e ouvir as opiniões destes, sendo que esta ação é essencial para o reconhecimento do seu valor como humano; permitir que as competências de participação se manifestem e desenvolvam.

Segundo as *Aprendizagens Essenciais* (AE Cidadania e Desenvolvimento – 1º Ciclo, 2018, p.2) “os professores têm como missão preparar os alunos para a vida, para serem cidadãos democráticos, participativos e humanistas, numa época de diversidade social e cultural crescente”. Para que exista uma consciência humanística e de empatia, é necessário apostar na sensibilização e consciencialização dos adultos, de uma forma geral, desde a formação profissional em direitos das crianças, quer nos que lidam e trabalham diretamente com as crianças, quer nos que lidam indiretamente com estas.

A maioria dos processos de tomada de decisão, desde a família ao nível de direito internacional e que têm impacto direto ou indireto nas crianças, podem ser definidas como assuntos que lhes dizem respeito: transportes, escola, orçamentos, planeamento urbano, proteção social ou redução da pobreza serão disso exemplos. (Trevisan, 2012, p. 98)

Assim, é necessário que também seja realizado um investimento na família, no que diz respeito à tomada de consciência para que as crianças não se tornem cidadãos em espera e que iniciem precocemente esta caminhada de cidadãos ativos, participativos e colaborativos, uma vez que este é um objetivo a atingir no *Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória* (Martins, Gomes, & Brocardo, 2016) e que pode desde cedo iniciar-se, mesmo antes das crianças iniciarem o seu percurso escolar.

O adulto deve trabalhar para que se conquiste um patamar em que a criança seja reconhecida como sujeito, significando aceitar que as crianças possam “falar «de direito próprio» e relatar opiniões e experiências válidas” (Christensen & James, 2005, p. 261). Essa *fala* deve também ser temática de investimento na formação dos profissionais, de modo que estes se capacitem e profissionalizem no domínio e compreensão de língua gestual, crianças com NEE ou com grandes dificuldades de aprendizagem. No fundo, com alunos que tenham dificuldade em expressar-se verbalmente, pois também a participação engloba todos os estes alunos e também estes têm direito a participar, manifestando as suas opiniões, questões e ideias. Assim, percebe-se a importância de que:

A criança precisa de entender claramente o que lhe está a ser perguntado ou proposto para poder participar de forma plena. Também, porque as crianças agem no mundo e com o mundo de forma diferente dos adultos, as consultas

das suas opiniões devem ser realizadas com o apoio de dinâmicas, instrumentos e linguagens compreensíveis e estimulantes para elas (Cortesão e Jesus, 2022, p.5)

É certo que a expressão vai para além da manifestação verbal, pois através de ações/comportamentos é possível compreender o que um indivíduo deseja, ainda assim foi descoberto “que as crianças, especialmente as mais novas, comunicam de forma satisfatória através de meios que não sejam os verbais, fazendo sentido utilizar formas alternativas de comunicação – jogos, atividades, canções, desenho e histórias” (Christensen & James, 2005, p. 147).

É função do adulto garantir que existam espaços destinados à execução deste tipo de atividades, de modo que a inclusão e cooperação entre os diferentes intervenientes educativos, não fique de parte neste fenómeno que é a participação das crianças.

É de salientar que é necessário um trabalho conjunto para a promoção de uma educação e participação conjunta. Assim, é fulcral que o docente compreenda as especificidades de um sistema educativo que se encontra em constante mudança, bem como os alunos que tem a seu encargo. Estes possuem vontades, interesses e opiniões que vão sofrendo alterações com o tempo e, tal como os adultos, têm necessidade de partilhá-las e ajustá-las tal como defende Trevisan (2012) “ao referirem-se às suas experiências de participação, as crianças e jovens mencionam o sentido de pertença e a possibilidade de poderem confrontar opiniões e ideias, aprenderem como se formulam questões e argumentos, e a construção de opinião e solução...”. Cabe ao adulto, ouvi-los, acompanhá-los e auxiliá-los na concretização, quando estas se revelam possíveis, ricas e em consonância com o meio que as rodeia, tal como cita (Trevisan, 2012, p. 102).

No fundo, o adulto deve ser um mediador entre as crianças e os diferentes contextos de atuação, aproveitando o facto de as crianças serem a fonte primária de conhecimento sobre as suas próprias opiniões e experiências e melhor que ninguém saberem o que fazer para melhorar o seu bem-estar, desenvolverem ideias, contribuírem para o seu enriquecimento humano e escolar e ajudarem-se mutuamente, não só em contexto de sala de aula, mas também no contexto da

sociedade. O artigo 12 da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança, de 1989, afirma ainda que as crianças e jovens “...têm o direito de serem envolvidos em decisões que os afetam” (UNICEF, 2017, p. 52) – esta afirmação reconhece que estes são atores sociais das suas próprias vidas. Cada vez mais se reconhece que as crianças são competentes para ajudar no planeamento de questões, recolha, análise, confirmação e comparação de dados, partilha de descobertas, entre outros, fazendo com que o adulto possa utilizar isso a favor da sua intervenção educativa e das aprendizagens significativas dos seus alunos.

1.1.3. Espaços de participação para as crianças

Trabalhar num local onde existem crianças, traz “...grandes desafios para encontrar formas de quebrar o poder desigual entre adultos e crianças, e criar espaços que permitam às crianças ter voz e ser ouvidas” (Christensen & James, 2005, p. 143 e 144). As crianças são capazes de reconhecer a importância de serem ouvidas e de tomar decisões, algumas têm fortes opiniões, outras raramente participam e outras confiam na decisão coletiva. No entanto é fundamental a presença e intervenção dos adultos neste processo bem como na moldagem dos espaços de participação das crianças. “A questão central desta discussão consiste em reivindicar competência, espaço de ação e intervenção das crianças no exercício dos seus direitos, e simultaneamente, consoante o seu grau de dependência e vulnerabilidade, enfatizar o quanto precisam da nossa proteção” (Fernandes, 2003, p. 44). Natália Fernandes, refere-se à proteção por parte dos adultos, pois estes devem garantir que todos os alunos partilham a sua opinião, sem ninguém ser excluído, cabendo a si garantir que todos sejam intervenientes pacíficos e ativos, captando, como Isabel Menezes sublinha, múltiplas vozes, mesmo as mais silenciosas e dissonantes (Menezes, 2003).

É certo que, no que concerne à tomada de decisão/participação, as crianças não adquirem capacidades de competência, de um momento para o outro. No entanto, quanto mais precocemente este processo se iniciar, mais competências estas irão desenvolver, mais voz irão ter e mais incluídas na sociedade se irão sentir.

Os interesses e opiniões destas devem ser sempre considerados e para tal deve haver uma reflexão por parte dos estabelecimentos educativos e dos adultos que

os constituem de modo que estes sejam tidos em conta e passem a fazer parte da forma de agir e de ser das instituições. Assim, a participação das crianças em contextos formais e informais de decisão “é um aspeto central na cidadania infantil e no seu reconhecimento enquanto coletivo e de construção de identidade geracional” (Trevisan, 2012, p. 101).

No entanto, para que isto possa acontecer, será necessário criar oportunidades, podendo recorrer à organização de espaços para esse fim. Os profissionais de educação deverão preparar e estruturar o ambiente educativo, de acordo com os objetivos equacionados para o desenvolvimento das crianças e com foco na participação destas nessas mesmas atividades, sendo que o espaço se deve “converter num espaço singular e capaz de garantir a verdadeira participação da criança pela adoção de estratégias que assegurem a sua efetiva valorização como ator social e como cidadão” (Freire, 2011, p. 19).

A escola é considerada um espaço socializador das crianças em diferentes dimensões - é nesta que os alunos partilham relações com adultos e crianças, decidem, atuam, influenciam e participam. Posto isto, é imprescindível que se repense nas formas de atuar para que uma participação mais ativa, por parte das crianças, aconteça.

...importará considerar o tipo de alterações necessárias para uma participação mais efetiva das crianças e, por isso mesmo, um maior reconhecimento do seu estatuto pleno de cidadania: alterações legais que permitam a criação de mecanismos legais de apoio legal, assembleias de escola, idades de consentimento, descida de idades de voto; divulgação de informação sistemática sobre direitos das crianças em diferentes idades e condições, seja na escola, nas comunidades, hospitais etc, e de modo «child friendly» (Trevisan, 2012, p. 100)

1.1.3.1. Assembleias como espaços de exercício de participação e cidadania

De uma forma geral, distintos autores (Alderson, 1999 e Trevisan, 2012) concordam que ainda que possam e devam complementar-se com outras estratégias de participação, as assembleias são fundamentais, pois colocam a criança no centro, recorrendo a metodologias pedagógicas cooperativas e de entreajuda. As assembleias “representam um fórum de política escolar global formal, político, democrático, transparente e responsabilizado” (Trevisan, 2012,

p. 102). Na mesma linha de pensamento, estes espaços de participação são considerados respeitadores e reconhecedores dos direitos das crianças “...as assembleias de escola são um indicador chave simbólico e prático do respeito pelos direitos das crianças” (Alderson, 1999, p. 4). No contexto da organização destas assembleias, no sentido de criar verdadeiros espaços onde a participação possa ocorrer, pode e deve recorrer-se a “sessões para quebrar o gelo, de forma a ajudar cada um a sentir-se confiante e relaxado, com mais vontade de se ouvirem uns aos outros e de arriscar, partilhar ideias, com menos medo de serem rejeitados” (Christensen & James, 2005, p. 272). É inevitável e interessante que várias crianças possuam pensamentos, ideias e opiniões distintas ou opostas às dos colegas, pois é neste contexto que mais progressos intelectuais serão alcançados. Supõe-se ainda que seja concedido às crianças tempo e o espaço para falarem sobre o tipo de decisões que mais as afetam e em todos os assuntos que as afetam, direta ou indiretamente, tanto em contexto familiar, escolar ou até internacional, nomeadamente: “transportes, escola, orçamentos, planeamento urbano, proteção social ou redução da pobreza serão disso exemplos” (Trevisan, 2012, p. 98). Obviamente que apesar de ser dada a possibilidade de a criança se exprimir livremente, há aspetos a ter em conta para que a sua opinião seja tida em conta, nomeadamente a sua idade, maturidade, entre outros. Ainda que possa existir um trabalho singular, ou seja, individual, esta prática sustenta-se muito no trabalho colaborativo e de grupo. Assim, no que concerne à formação de pares ou grupos, as crianças devem ser distribuídas com base no sexo, idade ou maturidade, e por interesses. Christensen e James (2005) defendem que “...as crianças jovens trabalham melhor quando formam par com o seu melhor amigo do que com um conhecido” (Christensen & James, 2005, p. 19).

Como exemplo de estratégia de participação, é salientado que “O espaço da cidade e o modo como as crianças a observam e nela podem desempenhar um papel ativo e crítico é também exemplo de estratégias de participação que a valorizam como cidadão de pleno direito” (Trevisan, 2012, p. 102). Ao longo do desenvolvimento destas competências, os alunos vão adquirindo e criando ferramentas que os tornam cidadãos ativos, competentes, justos e com opiniões sustentadas, uma vez inseridos numa sociedade democrática, pressupõe-se que

possuam conhecimentos e competências que lhes permitam agir com firmeza, confiança e assertividade:

...dar-lhe espaço para se expressar é também fundamental, e para tal torna-se imprescindível a oportunidade da exploração dos problemas, dúvidas e ansiedades e das formas de os contornar, tal como é também indispensável deixar que conheçam os resultados das suas decisões, mesmo que estes sejam contrárias às suas expectativas. (Fernandes, 2003, p. 49)

Prevê-se então que o desenvolvimento destas *skills* se inicie prematuramente, tanto em contexto escolar, como no quotidiano. Tal como menciona Trevisan, “As ideias de voz, participação e decisão com crianças em diferentes contextos trabalham-se pensando-se, sobretudo, a partir da multiplicidade de vozes possíveis de elaborar a partir das experiências quotidianas das crianças” (Trevisan, 2012, p. 94).

Estas devem partir da experimentação e da experiência, e não apenas teoricamente, como é partilhado por Fernandes “...a participação deve ser adquirida através da prática, não podendo ser ensinada como uma abstração” (Fernandes, 2003, p. 49).

1.1.4. Inibidores ou facilitadores da Participação

Envolver as crianças, pode, de certo modo:

...salvá-las do silêncio e da exclusão e de serem representadas, erradamente, como objetos passivos, enquanto que o respeito pelo seu consentimento informado e voluntário, ajuda a protegê-las de investigações camufladas, invasivas, exploradoras ou abusivas. (Christensen & James, 2005, p. 261)

Esta temática apresenta-se como ambígua, pois se por um lado é reconhecido que as crianças podem e devem estar envolvidas, uma vez que não envolver as crianças pode representar uma prática de tentativa de exclusão e moralmente empobrecida, por outro lado podem existir ocasiões onde tal envolvimento pode ser explorador ou inapropriado. Assim, depreende-se que a vulnerabilidade é real, podendo “...haver sequelas a longo termo se não for acautelada a sua exposição a determinados riscos” (Fernandes, 2003, p. 48). No entanto, a

elevada e prolongada proteção promove a dependência e a falta de poder, acabando também por ter grandes implicações no seu desenvolvimento, formando indivíduos que não serão autónomos e independentes.

A participação das crianças permite-lhes direcionar o conteúdo das discussões, tornando esta técnica/abordagem uma poderosa ferramenta que aciona as vozes das crianças, necessidades e interesses a serem articulados. Possibilita ainda a criação de um ambiente mais flexível, onde se deve “sair do modelo tradicional de escola, com mudanças nas formas de relação entre adultos e crianças e nos modos de trabalhar” (Cortesão & Jesus, 2020, p.14) dando a possibilidade de os participantes estarem no controlo. No entanto, por outro lado, estas técnicas possuem, simultaneamente, algumas limitações: apesar de a estrutura de uma atividade poder ser planeada cuidadosamente quando se recorre à utilização de técnicas participativas, alguns conteúdos acabam por ser excluídos, pois são desconhecidos, irrelevantes para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa ou devido à sensibilidade que determinado tema possua.

Deste modo, “ao procurar abordar as crianças como atores sociais capazes, com capacidades criativas de comunicação sobre as suas experiências de processos e acontecimentos de tomada de decisão” (Christensen & James, 2005, p. 148) reforça-se a importância de formar profissionais de educação capacitados para receber e abraçar a criatividade, promovendo uma participação que espolette um diálogo com as crianças sobre assuntos complexos e abstratos, facilitando a própria interpretação da criança sobre relações, mensagens e negociações que estruturam as suas vidas. Tal como defendem as autoras “...o uso apropriado de teorias de participação encoraja a existência de diálogo, agrega análise e aprendizagem, processos que levam tempo e podem ser complexos” (Christensen & James, 2005, p. 159).

De uma forma geral, a participação permite às crianças descrever a sua própria realidade, em vez de se limitarem a responder a questões ou tentar dar respostas corretas ou melhores – este fenómeno levará à concretização e ao bem-estar das crianças, pois este está intimamente ligado aos direitos que lhes pertencem e à forma como estes são garantidos ou não. Segundo a Carta dos Direitos da Criança (Unidas, 1959) estas possuem o direito de participação, que implica

“...uma imagem de infância ativa... o direito de a criança ser consultada e ouvida, o direito ao acesso à informação, à liberdade de expressão e opinião e o direito a tomar decisões em seu benefício, direitos que deverão traduzir-se em ações públicas a ela direcionadas que considerem o seu ponto de vista” (Fernandes, 2003, p. 42). Posto isto, é legítimo questionar: será que todos estes direitos são garantidos e permitidos a todas as crianças? Mas será que também todas as crianças têm competências e ferramentas para procederem a exercícios de participação? Ou só os adultos é que possuem essas capacidades?

A criança não é “uma unidade isolada, mais inserida numa realidade social cujas estruturas a influenciam, mas são também por ela influenciadas...” (Fernandes, 2003, p. 114). No entanto, verifica-se uma tensão entre proteção e participação, entre necessidades e competências.

Contrastando com as perspetivas mais tradicionais, nas escolas com vidas mais democráticas, a educação sobre democracia inclui práticas de igualdade de respeito e de justiça. “As assembleias de escola, por exemplo, ajudam a que todos pertençam de modo positivo a uma comunidade mais vasta na qual todos são valorizados e onde são partilhados ideias e valores” (Trevisan, 2012, p. 102).

Esta possibilidade de exercício da voz das crianças no espaço escolar proporciona melhoria às instituições através do feedback dado pelos intervenientes, o contacto com grupos de crianças distintas e o debate de diferentes pontos de vista contribuem para o sucesso geral – da instituição e dos alunos que nela estão inseridos.

Esta mobilização possui aspetos extremamente positivos para o aluno e para os que o rodeiam, cabendo a nós, profissionais de educação e adultos, aproveitar a opinião e pensamentos que estes partilham, pois tal como defendem os autores é necessário “acolher as ideias das crianças e envolvê-las em processo de decisão sobre os aspetos importantes da sua vida escolar” (Cortesão & Jesus, 2020, p.14), pois as crianças ao influenciarem o que está a ser investigado, mais ativas nas investigações se tornaram, acabando por ter maiores ganhos a nível pessoal. Certo é que agregados a estas ações, existem aspetos negativos, nomeadamente: a pouca credibilidade que ainda é dada as crianças. As ideias e sugestões dadas pelos adultos, continuam a ter mais impacto e consideração

do que as das crianças, pois uma vez que “as crianças são presumivelmente incapazes de assumir responsabilidades em determinados assuntos, são necessariamente excluídas da posse de determinados direitos” (Fernandes, 2003, p. 46). Contrariamente ao que é suposto, as crianças têm de demonstrar a sua competência mesmo antes de lhes ser permitido participar, enquanto os adultos são assumidamente competentes até que se prove o contrário.

Assim, esta questão revela-se como um obstáculo, sendo que se verifica uma desigualdade de poder entre adultos e crianças. Tal como defendem os autores, “manter a posição hierárquica entre adultos e crianças, olhando as crianças como menos capazes” (Cortesão & Jesus, 2020, p.15) revela-se como um inibidor de participação, que se deve evitar.

Se por um lado, as crianças têm direito a manifestar/expressar a sua opinião em qualquer assunto que as afete, por outro, esse direito é-lhes muitas das vezes recusado/restringido, pela possibilidade da exposição destas a determinados riscos. É aqui que o papel do adulto se deverá manifestar, garantindo que todos os alunos se expressem e sejam escutados, através da preparação dos espaços seguros de participação.

Assim, o adulto deve esforçar-se para adequar a linguagem, pois muitas vezes o adulto envolve a criança, no entanto, “em momentos de escuta através de linguagem não compreensível e estimulante para elas” (Cortesão & Jesus, 2020, p.15). Deve ainda, proporcionar espaços em que o aluno aprenda a tomar decisões, sabendo onde procurar informação fidedigna e sustentada. É importante que o adulto apoie os alunos, pois as crianças estão habituadas a um modelo escolar onde não lhes é permitida a verdadeira participação e quando lhes é dado espaço para que esta decorra, estes precisam da “colaboração e a mediação de educadores para ampliar o seu repertório e organizar processos” (PORVIR, p.9) pois não estão habituados a assumir o papel de protagonistas.

Desta forma, para que haja uma verdadeira participação, é necessário “olhar as crianças como parceiros competentes nas decisões que afetam as suas vidas no contexto escolar” (Cortesão & Jesus, 2020, p.14) estabelecendo uma relação de confiança entre todos e acolhendo as ideias que as crianças vão partilhando – para que esta dinâmica seja conseguida, é necessário que “...os objetivos,

expectativas, prazos e limitações sejam apresentados com clareza” (Cortesão & Jesus, 2020, p.14), privilegiando momentos de escuta ativa das vozes das crianças.

Por outro lado, há alguns fatores que funcionam como inibidores de participação e, como tal, que se devem evitar. Neste sentido, os momentos de participação provocados, onde o adulto “escuta” a criança, no entanto “sem acolher as suas propostas em processos de decisão” (Cortesão & Jesus, 2020, p.15) isto é, momentos pontuais, nos quais a criança é forçada a participar, devem ser evitados.

Assim, considera-se que se deve privilegiar a promoção de escuta regular das vozes destas, onde “...através da organização de momentos formais em diferentes contextos” (Cortesão & Jesus, 2020, p.14) as ideias das crianças são acolhidas e concretizadas, descartando o modelo escolar tradicional. Isto porque, “para ser um instrumento democrático de envolvimento dos estudantes, ela deve estar incorporada no ambiente escolar...” (PORVIR, p.8) de forma natural e inserida nas rotinas.

1.2. Conceito de Autonomia

...a idade e a maturidade da criança devem ser consideradas na balança entre proteção e participação, identificando outros aspetos como a experiência, a própria situação, as consequências da decisão e os benefícios que daí decorrem na autonomia da criança, e por outro lado, ponderar também as consequências que poderão advir do facto de não se envolver em tal processo. (Fernandes, 2003, p. 45)

O conceito de autonomia está intimamente ligado ao processo educativo da criança. O adulto deve desenvolver práticas que favorecem o desenvolvimento integral da criança, transformando-a num sujeito ativo durante as suas experiências diárias, nomeadamente: na negociação e na defesa dos seus pontos de vista – assim, a socialização entre pares revela-se fundamental para a evolução da autonomia da criança, pois a participação da criança acaba por ampliar a sua autonomia, colocando-a no centro das suas experiências.

Um exemplo de uma pedagogia em que há a atribuição de protagonismo e competência é a Pedagogia de Jenaplan, na qual existe uma “...valorização do conhecimento, das experiências e da ação da própria criança” (Ferreira & Azevedo, 2011, p. 17). Os espaços escolares são pensados de modo que as crianças possam circular livremente, cooperar entre si, aprenderem por si próprias, mas também com ajuda e sempre com a monitorização dos professores. Assim, é-lhes atribuída autonomia e oportunidades para que estas se possam desenvolver, com responsabilidade e concentração “...longe do olhar do adulto...” (Ferreira & Azevedo, 2011, p. 13).

Assim, é importante dar espaço para que a criança evolua autonomamente, deixando-a experimentar e arriscar, desde que num ambiente devidamente preparado e suficientemente seguro. É certo que o adulto tem tendência para proteger a criança, mas deverá deixá-la desenvolver as suas capacidades, de modo que esta entenda que para toda a ação, existe uma consequência.

A criança desempenha o papel de protagonista na sua própria vida, no entanto, é necessário que lhe seja concedido espaço, tempo e confiança para que esta se consiga conhecer, aprender sobre si própria, sobre os seus desejos, ambições, interesses e até questões que a inquietem. No entanto, é necessário que o adulto permita que a criança autonomamente se vá conhecendo e

construindo, de modo a atingir um grau de maturidade que permita que ambos dialoguem e se compreendam mutuamente de modo a que "...a criança não seja excluída do processo de participação alegando fatores como por exemplo a imaturidade, falta de experiência ou a não compreensão dos assuntos" (Freire, 2011, p. 20). Isto porque até um adulto, que não tenha conhecimento sobre um determinado assunto, é incapaz de participar num diálogo onde não seja conhecedor de informação que o sustente, tal como defende Natália Fernandes, "...nenhum indivíduo, seja ele adulto ou criança, tem possibilidade de participar em qualquer dinâmica ou processo sem estar minimamente informado acerca do mesmo" (Fernandes, 2003, p. 303).

José Carlos dos Santos Debus define a autonomia como "...autodeterminação, direito à liberdade, privacidade, livre vontade etc." (Debus, 2018, p. 24). Ou seja, cada escola deve adaptar as suas estratégias, materiais e organização, para que estes conceitos sejam garantidos. Deve existir, como antes já se referiu, um conjunto de estratégias adaptadas ao grupo, faixa etária e maturidade, de modo que a criança se desenvolva, valorizando o seu conhecimento, esforço e participação. Deste modo, o professor encontrar-se-á a formar cidadãos aptos para participar na sociedade" (Ferreira & Azevedo, 2011, p. 17) acrescentando ainda que a autonomia é o "...ideal de formação do estudante e suas relações" (Debus, 2018, p. 47).

É necessário

...considerar a infância como um conceito autónomo, mas ao mesmo tempo relacional, o que permite ultrapassar as ambiguidades e as tensões de investigações que, ou não encaram a criança como ator social, ou quando a consideram enquanto tal o fazer de forma impressionistas. (Fernandes, 2003, p. 297)

ou seja, é fundamental normalizar o facto de as crianças conseguirem ser autossuficientes e autónomas, não fazendo dessa questão algo invulgar ou pouco comum, nos dias que correm.

II – Enquadramento Metodológico

No que concerne às questões metodológicas, no contexto desta investigação, optou-se pela realização de um estudo de caso múltiplo: através da observação das assembleias de turma e assembleia de escola nas três instituições educativas em que decorreu a Prática de Ensino Supervisionada (PES): uma escola do 1º Ciclo do Ensino Básico (PESIII e IV – instituição A), outra da educação pré-escolar (PES I – instituição B) e uma terceira também da educação pré-escolar (PES II – instituição A).

Assim, importa proceder à definição de estudo de caso (únicos e múltiplos), uma vez que estes permitem “estudar o objeto (caso) no seu contexto real, utilizando múltiplas fontes de evidências...” (António & Manuel, 2010, p. 64). Os estudos de caso caracterizam-se pela construção de conhecimento, passando por diversas fases tais como “...recolha, análise e interpretação da informação dos métodos qualitativos...” (António & Manuel, 2010, p. 52) tendo como objetivo: o estudo intensivo, podendo recolher informação de diversas fontes. Os estudos de caso baseiam-se na investigação de um determinado fenómeno dentro da vida real e estes caracterizam-se pela preparação prévia que é necessária, no que concerne à teoria. Possuem um carácter maioritariamente holístico – ou seja, que procura entender os fenómenos como um todo e não somente uma parte - e é global ao invés de particular.

Durante a recolha de dados, o estudo de caso pode ir sofrendo alterações consoante as informações que vão sendo recolhidas, se assim se justificar, no entanto, deve-se procurar a constante orientação através das questões formuladas inicialmente – estas questões deverão passar por responder a “...questões do tipo «como» e «porquê», para determinar o que devemos analisar” (António & Manuel, 2010, p. 56) tendo os objetivos sempre presentes de forma específica e clara. Estes podem ser exploratórios, tendo como objetivo “...definir as questões ou hipóteses para uma investigação posterior” (António & Manuel, 2010, p. 57) ou seja, procuram o motivo/causas que expliquem o fator em estudo. Já os estudos descritivos caracterizam-se pela descrição “...de um fenómeno inserido no seu contexto” (António & Manuel, 2010, p. 57).

Dentro da categoria dos estudos de casos, existem os estudos de caso únicos (baseando-se apenas no estudo de um único caso) e estudos de caso múltiplos

(sendo que ocorrem quando se estuda mais do que um caso). “A utilização de estudos de caso permite que se consiga perceber melhor, não só os contextos e as comunidades, como também os indivíduos, porque permite aprofundar a compreensão das situações, dos comportamentos e atitudes em contextos reais” (Melo, 2020, p. 37). Estes podem também ser holísticos (projeto de caso único) ou incorporados (projeto de casos múltiplos). Na presente investigação, o estudo de caso realizado, foi o estudo de caso múltiplo descritivo.

A instituição A foi o espaço escolhido para a realização de uma parte desta investigação - uma vez que foi neste estabelecimento de ensino que foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico (PES III e IV).

A instituição A é um colégio privado, situado no distrito do Porto. Segundo o Projeto Educativo da Instituição, esta rege-se por 4 princípios básicos, sendo eles: “a liberdade, a autonomia e a responsabilidade”; “a flexibilidade em ordem à mudança e à adaptação a situações novas”; “a coragem e a capacidade de decisão”; “a originalidade pessoal apoiada numa atitude crítica e criativa.”; tem também como objetivo, promover uma educação global de modo que o ser humano se desenvolva harmoniosamente a nível: “individual, comunitário e transcendente”.

A instituição B, foi outro espaço escolhido para a realização de uma parte desta investigação - uma vez que foi neste estabelecimento de ensino que foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada em Pré-Escolar (PES I).

A Instituição B é uma IPSS (Instituição Particular de Solidariedade Social), situada no distrito do Porto. É uma instituição católica que relativamente à Missão e Valores desta instituição, segundo o Projeto Educativo da mesma, revela como objetivo primordial “Promover a inclusão social das famílias e da comunidade envolvente, priorizando a educação e o desenvolvimento integral das crianças e jovens.” Tem como visão, assentar as suas medidas estratégicas em 4 pilares: “sustentabilidade, inovação, referência e qualidade” pretendendo assim distinguir-se aos olhos das famílias, mas também na freguesia e concelho.

Por fim, retomou-se à instituição A, mas desta vez para a realização da Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar (PES II) onde decorreu a última parte desta investigação: dinamização de assembleias de grupo.

2.1. Procedimentos

Como já antes foi referido, este estudo foi desenvolvido no contexto da Prática de Ensino Supervisionada (PES) no âmbito do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação Paula Frassinetti.

Neste contexto, procedeu-se à análise documental dos documentos orientadores das instituições onde decorreram as PES, no sentido de contextualizar esta investigação. Através de notas de campo, fez-se o acompanhamento e a observação de assembleias. Para tal, tendo como base a fundamentação teórica sobre o tema “Participação das Crianças” procedeu-se à criação de grelhas de observação (*Apêndice 1*), onde existem diversos indicadores que se considera possuírem um grande impacto no processo de participação das crianças.

O primeiro indicador refere-se aos temas abordados nas assembleias, quem é responsável por escolher os temas (se é a criança ou adulto) e se os assuntos são referentes à sala, à escola, à comunidade, ao dia a dia ou outros. Considera-se que deve ser dado espaço para que as crianças abordem temas que as afetem, no âmbito que estas entenderem (familiar, escolar, social, entre outros). Assim, este indicador tem como principal objetivo compreender se efetivamente são as crianças as responsáveis pela escolha do tema e quais os temas que as crianças queriam abordar, uma vez que, segundo Trevisan (2012), a maior parte dos processos de tomada de decisão, são referentes a assuntos que lhes dizem respeito.

O segundo indicador é o da Organização. Segundo Freire (2011), é necessário haver uma organização do espaço prévia de modo que sejam criadas oportunidades de participação. Assim, pretende-se perceber se existe criação de grupos durante as assembleias e, se sim, quem é responsável por os organizar: se é a criança ou adulto e se estes são organizados com base na idade, na maturidade ou nos interesses. Isto porque as crianças participam mais ou menos de acordo com os saberes e experiências que possuem, uma vez que as experiências prévias às quais a criança esteve sujeita vão influenciar o modo como esta participa. Christensen & James (2005) defendem que, quando as crianças trabalham com o seu melhor amigo, são mais produtivos do que quando

trabalham com um conhecido, logo, trabalhar em grupo com alguém de quem se gosta, traz muitos benefícios. Assim sendo, considera-se importante que os grupos sejam organizados com base nos interesses das crianças, ainda que possa existir um trabalho individual, o trabalho de grupo revela-se mais vantajoso.

O terceiro indicador foca-se na atitude/postura das crianças. Segundo Natália Fernandes estas têm direito “à liberdade de expressão e opinião e o direito a tomar decisões em seu benefício, direitos que deverão traduzir-se em ações...” (Fernandes, 2003, p. 42). Assim, pretende-se perceber se as crianças efetivamente demonstram uma atitude de quem quer garantir que os seus direitos sejam cumpridos. Isto revela a importância de perceber se as crianças se encontram no controlo durante os momentos de participação ou se acabam por ser influenciadas pelo adulto ao longo das assembleias, sendo meras espectadoras do processo. É ainda importante perceber se as crianças conseguem garantir a sua privacidade, (um direito entre os vários direitos civis que possuem) assim como o direito à não discriminação. Neste sentido é fundamental garantir que a criança consegue identificar desigualdades durante as assembleias; e ainda se manifesta vontade de justiça; ainda neste contexto, é importante garantir que a criança possa expressar o seu ponto de vista/opinião – já que o conhecimento deve ser “aproveitado” para situações do quotidiano em que a criança está inserida, devendo ser debatido, partilhado e discutido...” em qualquer processo participativo” (Fernandes, 2003, p. 295). Também se considera importante garantir que existe negociação “...entre crianças e adultos numa relação aberta e dialógica...” (Freire, 2011, p. 20) uma vez que a capacidade de negociação permite perceber o grau de maturidade que cada criança tem e a sua capacidade em dialogar e defender os seus interesses na negociação. Ainda neste contexto, é fundamental perceber se as ideias das crianças são levadas em conta e se estas conseguem exprimir opiniões distintas, uma vez que este fator é crucial para o desenvolvimento intelectual destas, assim como se as metodologias adotadas são adequadas às crianças, de acordo com conhecimento e experiências que estas possuem.

O quarto indicador é o Adulto, uma vez que este é também um participante/interveniente nestas assembleias. Considera-se importante

perceber se este dá feedback às crianças e se as escuta, uma vez que muito mais do que ser ouvida, esta deve ter quem escute os seus interesses, manifestações e opiniões, complementando com o conhecimento do adulto. No entanto, com isto, podem-se desenvolver assimetrias entre a criança e adulto. Procura-se que o adulto seja um mediador, pois assumindo este papel, tal como defende (Trevisan, 2012), está a legitimar as posições sociais e as vozes das crianças, uma vez que a criança é capaz de participar e decidir sobre questões que afetem a sua vida, sem a intervenção do adulto, devendo apenas intervir como orientador (Tomás & Gama, 2011). Também se considera fundamental que o adulto proporcione informação adequada à criança, para esta poder iniciar a “...formulação de opiniões validadas” (Fernandes, 2003, p. 49); sendo empático, colocando-se no lugar da criança, evitando olhar com o seu olhar de adulto, privilegiando a observação com olhos de criança, ajustando a linguagem e formas de comunicação, de modo a entrar no mundo destas.

Por fim, alocou-se um espaço para a observação de Outros Momentos uma vez que são fundamentais para ajudar a criança a sentir-se confiante, sem medo de se sentir rejeitada.

Observação Instituição A – 1º Ciclo do Ensino Básico

Após a construção das grelhas de observação, procedeu-se à observação das assembleias. Entre os dias 12 de maio e 27 de maio de 2022, na Instituição A, procedeu-se à observação de uma assembleia de turma do 1º Ano; uma do 2º Ano; uma do 4º ano; e, finalmente, uma Assembleia de Escola, realizada com todas as turmas. Estas assembleias tiveram como finalidade a escolha da ementa para o Dia da Criança, as atividades a realizar nesse mesmo dia, bem como as atividades a realizar na 1ª semana de julho, à exceção do 4º ano, que para além destes temas, abordou ainda o tema a desenvolver na Newsletter. De salientar que na Assembleia de Escola, todas as turmas estiveram reunidas, tendo sido expostas as decisões a que tinham chegado, após recolherem as sugestões de todas as salas/turmas.

Ao longo da observação de ambas as assembleias, a investigadora assumiu o papel de observadora.

2.1.1. Descrição e análise dos dados

Observação das Assembleias na PES III e IV – Instituição A

Após a observação das assembleias de turma da Instituição A: do 1º ano, 2º ano, 4º ano e assembleia de escola, é possível proceder à análise dos dados obtidos – de salientar que foram observadas 4 assembleias no total.

Temas	1º Ano		2º Ano		4º Ano		Assembleia Escola	
	Criança	Adulto	Criança	Adulto	Criança	Adulto	Criança	Adulto
Quem escolhe os temas	0	1	0	1	0	1	0	1
	S	N	S	N	S	N	S	N
Assuntos referentes à sala de aula	0	1	0	1	0	1	0	1
Assuntos referentes à escola	0	1	0	1	0	1	1	0
Assuntos referentes à comunidade	0	1	0	1	0	1	0	1
Assuntos referentes ao dia a dia	0	1	0	1	0	1	0	1
Outros assuntos	1	0	1	0	1	0	1	0

Organização	1º Ano		2º Ano		4º Ano		Assembleia Escola	
	Criança	Adulto	Criança	Adulto	Criança	Adulto	Criança	Adulto
Quem organiza os grupos	0	1	0	1	0	1	0	1

Através da leitura das tabelas, é possível perceber que em relação aos temas, verificou-se que a escolha dos mesmos ficou sempre ao critério dos adultos, nunca foram as crianças os responsáveis por escolher que tema iriam abordar. Por exemplo: “Adultos escolhem previamente os temas a serem abordados «ementa para o dia da criança; atividade para o dia da criança; atividade para a 1ª semana de julho»” (Assembleia de Turma, 1º Ano, Instituição A) e o mesmo se passou quanto à organização dos grupos – em que era sempre o adulto responsável por organizá-los, por exemplo: “Turma já está previamente preparada em grupos de 5/6 elementos, pois é assim que a turma se encontra ao longo das atividades letivas.” (Assembleia de Turma, 4º ano).

Os assuntos nunca foram referentes à comunidade, nem ao dia-a-dia. Na maior parte das vezes, eram relativos a outros assuntos, à escola ou por último à sala de aula, “Ementa para o Dia da Criança; atividades para o Dia da Criança; atividade para a 1ª semana de julho; motivo de comemoração do Dia da Criança.” (Assembleia de Turma, 1º Ano, Instituição A); “Newsletter «a despedida»” (Assembleia de Turma, 4º ano, Instituição A).

Atitude/Postura das Crianças	1º Ano		2º Ano		4º Ano		Assembleia Escola	
	S	N	S	N	S	N	S	N
Crianças no controlo	0	1	0	1	0	1	1	0
Criança identifica desigualdades	-	-	-	-	-	-	-	-
Criança manifesta vontade de justiça	-	-	-	-	-	-	-	-
Criança negocia	0	0	0	0	0	0	0	0
Criança pode expressar o seu ponto de vista/opinião	1	0	1	0	0	1	1	0
Ideias das crianças são levadas em conta	-	-	-	-	-	-	-	-
Crianças têm opiniões distintas	1	0	1	0	1	0	1	0
Crianças tomam decisões	-	-	0	1	0	1	1	1

No que concerne ao indicador, crianças no controlo, foi possível observar que apenas numa delas, estiveram as crianças no controlo: “São 4 crianças, do 4º ano, que lideram e orientam a assembleia de escola, escolhendo quem fala e o que vão fazer a seguir.” (Assembleia de escola) mas, nas restantes, foi sempre o adulto.

Relativamente à criança identificar desigualdades, manifestar vontade de justiça e as ideias de estas serem levadas em conta, não se verificou em nenhuma das assembleias observadas.

Não se verificaram momentos de negociação em nenhuma assembleia. Quanto ao indicador “as crianças têm opiniões distintas”, verificou-se em todas as assembleias, por exemplo na escolha do prato que queriam comer: “«pizza»,

«massa à bolonhesa», «hambúrguer»»; (Assembleia de Turma, 1º Ano, Instituição A; “«eu quero ir para a mata» «eu quero fazer trampolim».” (Assembleia de Sala, 2º Ano, Instituição A.

Por último, em relação à tomada de decisão da criança, no 1º ano, não foi possível verificar-se se sim ou não e, na assembleia de escola, verificou-se que em determinados assuntos as crianças puderam tomar decisões, mas noutros assuntos, já não: “Alunos informam das conclusões para a 1ª semana de julho: hangar2020, zoo da maia, escalada, parque da lavandeira, estas foram ideias sugeridas em assembleias de turma.” e “Alunos informam a escolha da ementa: «se estiver bom tempo, piquenique com sandes de panados, batatas fritas de pacote e gelado, se estiver mau tempo: batatas fritas com salsichas» – no entanto, em nenhuma assembleia de turma, foram sugeridos estes pratos.” (Assembleia de Escola, Instituição A); foi possível observar que na Assembleia de Escola os alunos puderam tomar decisões: “Alunas informam das conclusões para a 1º semana de julho: “hangar2020, zoo da maia, escalada, parque da lavandeira...”, estas foram ideias sugeridas em assembleias de turma.” contrariamente ao 2º e 4º ano, onde o mesmo já não se verificou.

Adulto	1º Ano		2º Ano		4º Ano		Assembleia Escola	
	S	N	S	N	S	N	S	N
Dá feedback às crianças	1	0	1	0	1	0	1	0
Adulto escuta a criança	0	1	1	0	1	0	1	0
Metodologias ajustadas às crianças	0	1	0	1	0	1	1	0
Assimetrias de poder entre criança e adulto	-	-	-	-	-	-	-	-
Adulto como mediador	-	-	-	-	-	-	-	-
Adulto como defensor	-	-	-	-	-	-	-	-
Adulto proporciona informação adequada à criança	1	0	1	0	1	0	1	0
Adulto é empático – coloca-se no lugar da criança	1	0	-	-	-	-	-	-

Relativamente ao adulto, em todas as assembleias observadas, este deu feedback às crianças e proporcionou também informação adequada “Então pelo que eu percebi, vocês querem é jogar jogos e torneios no Dia da Criança, é isso, não é?” (Assembleia de Turma, 1º Ano, Instituição A.; “Criança: Quero ir à Disneyland. Adulto: é muito longe, não me parece.” (Assembleia de Sala, 2º Ano, Instituição A) O adulto escutou as crianças, à exceção de uma assembleia, onde o adulto não o fez “Aluna «quero jogar aquele jogo que dá música e depois quando pára..» Adulto: «ah, o macaquinho chinês!» Criança: «não, aquele jogo que a música pára e nós ficamos parados.» Adulto: «pronto, jogos.»” (Assembleia de Turma, 1º Ano, Instituição A).

De um modo geral, as metodologias não parecem ter sido ajustadas às crianças em questão, “Professora apresenta um PPT com uma linguagem complexa para alunos do 1º ano: «Depois da 2ª guerra mundial...», Não será permitido que ela trabalhe ou tenha ocupação que prejudique os estudos ou saúde», «Toda a criança terá proteção contra atos de discriminação»” (Assembleia de Turma, 1º Ano, Instituição A). à exceção da assembleia escolar onde a dinâmica foi bastante apropriada.

Não foi possível observar se havia assimetrias de poder entre a criança e o adulto, nem se o adulto assumia o papel de defensor. O adulto não assumiu o papel de mediador em nenhuma assembleia.

Finalmente, no 1º ano, o adulto mostrou-se empático, “Aluna «eu não quero beber sumo» Professora «ninguém te vai obrigar a beber sumo. Nós temos sempre água na cantina, se quiseres beber água, podes beber!» (Assembleia de Turma, 1º ano, Instituição A) mas nas restantes assembleias, não foi possível observá-lo nesse papel.

Outros	1º Ano		2º Ano		4º Ano		Assembleia Escola	
	S	N	S	N	S	N	S	N
Sessões de quebra-gelo	0	1	0	1	0	1	1	0

Por fim, em relação às sessões de quebra-gelo, apenas foi possível observar numa assembleia “Alunos do 4º ano iniciam a assembleia com uma adivinha para cada turma. Dão uma breve descrição de um professor e cada turma tem

de adivinhar.” (Assembleia de Escola, Instituição A) nas restantes, essa dinâmica não aconteceu.

Assim, e de acordo com os dados apresentados, considera-se que, de forma geral, as metodologias utilizadas não foram as mais ajustadas, devido à linguagem utilizada ser complexa e pouco acessível, pois “envolver as crianças em momentos de escuta através de linguagem não compreensível e estimulante para elas.” (Cortesão & Jesus, 2020, p.15) é assinalado como um inibidor de participação para as crianças.

Contrariamente ao que era expectável, e ainda de acordo com os dados apresentados, para garantir a participação efetiva das crianças, o adulto não assumiu o papel de mediador, gerindo conflitos e mediando diálogos, de modo que essas situações fossem gradualmente “...mais estruturadas e geridas pelas crianças...” (Ferreira & Azevedo, 2011, p. 14)

Trevisan defende que “...importa, na mesma medida, questionar em que querem participar, como e a partir de que motivações.” (Trevisan, 2012, p. 100) no entanto, nas presentes assembleias, a escolha de temas e organização dos grupos ficou ao critério dos adultos, escolhendo sempre assuntos referentes à escola e sala e nunca foram referentes à comunidade, nem ao dia a dia.

Pode-se ainda ressaltar que a participação das crianças atinge um nível de maturidade quando os adultos e crianças se disponibilizam a dialogar, negociar e ter em conta as ideias de ambos, no entanto, de um modo geral e ainda de acordo com os dados apresentados, nestas assembleias, não se verificaram momentos de negociação, nem se as ideias das crianças foram sempre levadas em conta.

Pôde-se ainda perceber que os dados mostram que, na grande maioria das vezes, as crianças não estiverem no controlo destas assembleias, tendo-se apenas observado numa. Como Freire (2020, p. 19/20) “falar de participação infantil é referir a capacidade de fazer deliberações com liberdade e com o ato de assumir responsabilidades de qualquer tipo, resultantes do uso desta liberdade”, no entanto, nestes casos, isto não foi observado.

Observação Instituição B – Pré-Escolar

Procedeu-se à observação das assembleias entre os dias 25 de novembro de 2022 a 7 de janeiro de 2023, na Instituição B, observando 3 assembleias realizadas sempre com o mesmo grupo de crianças. Estas assembleias tiveram como finalidades: discutir quais as atividades que as crianças mais gostaram de fazer na semana passada, quais as atividades que menos gostaram, sugestões de atividades para a semana seguinte e sugestões do que gostavam de realizar no projeto lúdico; na assembleia seguinte, as temáticas foram as mesmas que na assembleia anterior: discussão das atividades que as crianças mais gostaram de fazer na semana passada, quais as atividades que menos gostaram, sugestões de atividades para a semana seguinte e sugestões do que gostavam de realizar no projeto lúdico; e por fim: diálogo sobre as profissões dos familiares das crianças e se as crianças gostavam de os ter em sala.

Ao longo da observação das assembleias realizadas na Instituição B, a investigadora assumiu o papel de dinamizadora/observadora – contrariamente ao que tinha decorrido na Observação da Instituição A.

Importa referir que esta mudança de papel exigiu que algumas opções fossem tomadas, por exemplo: após ter sentido dificuldade na execução das assembleias e simultaneamente na recolha de notas de campo, levou a que fosse tomada a decisão de proceder à gravação das assembleias para posteriormente serem tomadas as notas de campo.

Importa referir ainda que a investigadora não assumiu totalmente o papel de dinamizadora, uma vez que a educadora também pertencia à equipa pedagógica, acabando por intervir e colaborar inúmeras vezes ao longo das assembleias.

Descrição e análise dos dados

Observação das Assembleias na PES I – Instituição B

Após a observação das assembleias de sala do Pré-Escolar é possível proceder à análise dos dados obtidos – de salientar que foram observadas 3 assembleias no total.

Temas						
	25/11/22		06/01/23		07/02/23	
	Criança	Adulto	Criança	Adulto	Criança	Adulto
Quem escolhe os temas	0	1	0	1	0	1
	S	N	S	N	S	N
Assuntos referentes à sala	1	0	1	0	1	0
Assuntos referentes à escola	1	0	1	0	0	1
Assuntos referentes à comunidade	0	1	0	1	1	0
Assuntos referentes ao dia a dia	1	0	1	0	0	1
Outros assuntos	1	0	1	0	0	1

Em relação aos temas foi possível observar-se que a escolha dos temas partiu sempre do adulto e não da criança.

No que concerne aos assuntos explorados em assembleia, em todas as assembleias foram abordados assuntos referentes à sala, nomeadamente “o que gostaram mais de fazer nessa semana e o que menos gostaram” (Assembleia 25/11/22), “o que gostaram mais de fazer nessa semana e o que menos gostaram” (Assembleia 06/01/23), “Vinda dos pais à sala falar das suas profissões” (Assembleia 07/02/23) e assuntos referentes à escola, nomeadamente “o que gostaram mais de fazer nessa semana e o que menos gostaram” (Assembleia 25/11/22), “o que é que gostaram mais de fazer nessa semana e o que menos gostaram” (Assembleia 06/01/23) à exceção de uma assembleia, onde não se verificou a abordagem de assuntos ligados à escola, mas sim ligados à comunidade, “Vinda dos pais à sala falar das suas profissões”

(Assembleia 07/02/23) , contrariamente ao que se pôde verificar nas restantes assembleias.

Em todas as assembleias abordaram-se assuntos referentes ao dia a dia, à exceção da Assembleia realizada no dia 07/02/23. Finalmente, em duas assembleias foram abordados outros assuntos “o que gostavam de fazer para o projeto lúdico” (Assembleia 25/11/22) e novamente “o que gostavam de fazer para o projeto lúdico” (Assembleia 06/01/23).

Organização						
	25/11/22		06/01/23		07/02/23	
	Criança	Adulto	Criança	Adulto	Criança	Adulto
Quem organiza os grupos	-	-	0	1	0	1

Relativamente à Organização, foi possível observar que numa das Assembleias não foi utilizada a estratégia de criação de grupos (Assembleia 25/11/22), no entanto, nas restantes assembleias onde foram criados grupos, foi o adulto o responsável por criá-los. (Assembleia 06/01/23 e Assembleia 07/02/23).

Atitude/Postura das Crianças						
	25/11/22		06/01/23		07/02/23	
	S	N	S	N	S	N
Crianças no controlo	1	1	-	-	1	0
Criança identifica desigualdades	-	-	-	-	-	-
Criança manifesta vontade de justiça	-	-	-	-	-	-
Criança negoceia	-	-	-	-	-	-
Criança pode expressar o seu ponto de vista/opinião	1	0	1	0	1	0
Ideias das crianças são levadas em conta	1	1	1	0	1	0
Crianças têm opiniões distintas	1	0	1	0	1	0
Crianças tomam decisões	1	0	1	0	1	0

Quanto à Atitude/Postura das Crianças, numa assembleia as crianças encontraram-se no controlo em alguns momentos «adulto: “de que cor querem pintar o tolde?” criança: “azul” adulto: “ok, pode ser azul.” por outro lado, houve momentos em que foi o adulto a ocupar o papel de protagonista «adulto

questiona de que cor querem pintar a loja e as crianças respondem: “de verde e vermelho e rosa”. Adulto: “assim com tantas cores acham que vai ficar gira?” Até que uma criança diz que quer rosa e laranja, procedendo a votações entre rosa e laranja.» (Assembleia 25/11/22)

Numa das assembleias não foi possível concluir se as crianças estiveram no controlo ou não; e por fim, na última assembleia, foi possível verificar as crianças no controlo «criança: “eu tive uma ideia! O meu pai trabalha com livros, pode vir cá contar uma história que ele conta muito bem.” Criança: “o meu pai ensina-nos futebol.” Criança: “tive uma ideia fantástica! Os meninos mais crescidos, que já vão para a primária, a minha mãe podia fazer com eles crepes.”» (Assembleia 07/02/23)

Em todas as assembleias as crianças puderam manifestar a sua opinião «criança: “não gostei de estar no cavalete porque os pincéis são muito grossos e não há amarelo.”» (Assembleia 25/11/22) «adulto: “e o que é gostaram mais?” criança 1: “de fazer o teatro.” Criança 2: “também gostei”. Adulto: “e porque é que gostaram?” criança 2: “porque eu ri.” Criança 3: “todos nos estávamos a rir.” Criança 4: “era fixe.”» (Assembleia 06/01/23) e «adulto: “e o teu pai, H.?” criança: “é cabeleireiro. Podia fazer penteados.”» (Assembleia 07/02/23)

As ideias das crianças foram levadas em conta em todas as assembleias, à exceção da primeira assembleia onde nem todas as ideias foram levadas em conta: «adulto questiona de que cor querem pintar a loja e as crianças respondem: “de verde e vermelho e rosa”. Adulto: “assim com tantas cores acham que vai ficar gira?” Até que uma criança diz que quer rosa e laranja, procedendo a votações entre rosa e laranja.»

Em todas as assembleias verificou-se que as crianças têm opiniões distintas «quando o adulto questiona de que cor querem pintar a loja, 7 crianças votam em laranja e 8 crianças votam em cor-de-rosa, as restantes não manifestaram opinião.» (Assembleia 25/11/22) «criança 1: “podíamos pôr corações.” Criança 2: “mas a nossa lojinha por acaso chama-se corações?” adulto: “como é que se chama a nossa loja?” crianças em conjunto: “loja da flor” criança 1: “podíamos pôr flores, então.”» (Assembleia 06/01/23) e «criança 1: “eu gosto muito de crepes” criança 2: “eu gosto muito de crepes com aquilo, esqueci-me do nome.”

Criança 3: “eu gosto de crepes com gelado.” Criança 4: “e com fruta.” Criança 2: “eu já fui comer crepes” criança 5: “eu nem fui.”» (Assembleia 07/02/23)

Em todas as assembleias as crianças puderam tomar decisões: «Na escolha da cor para pintar a loja, 7 crianças votaram no laranja e 8 crianças no cor-de-rosa. Adulto: “então quem tem mais? O rosa tem 8, o laranja tem 7, quem ganha?” crianças: “o rosa.”» (Assembleia 25/11/22), «adulto: “então, olhem, se eu for ali à loja e quiser comprar uma maçã, qual é o preço da maçã?” criança: “temos de colocar lá os preços! Não temos. Fazemos assim um papel pequenino e fazemos lá os números.” Criança “temos de fazer. Eu quero fazer o preço.” Adulto: “ok. Vou escrever aqui quem quer fazer os preços.” (escrevendo o nome da criança que se voluntariou para fazer o preço» (Assembleia 06/01/23) e «criança: “o meu pai ensina-nos futebol.” Adulto: “o pai do P. podia-nos ensinar a jogar futebol. Boa!”» (Assembleia 07/02/23).

Adulto						
	25/11/22		06/01/23		07/02/23	
	S	N	S	N	S	N
Dá feedback às crianças	1	0	1	0	1	0
Adulto escuta a criança	1	1	1	0	1	0
Metodologias ajustadas às crianças	0	1	0	1	1	0
Assimetrias de poder entre criança e adulto	-	-	-	-	-	-
Adulto como mediador	1	0	1	0	1	0
Adulto como defensor	-	-	1	0	-	-
Adulto proporciona informação adequada à criança	1	0	1	0	1	0
Adulto é empático – coloca-se no lugar da criança	0	1	-	-	1	0

Em todas as assembleias o adulto deu feedback às crianças, por exemplo: «crianças mostram-se irrequietas – adulto: “já estamos a acabar; pronto, vocês já estão cansados de falar do projeto, à tarde continuamos.”» (Assembleia 25/11/22), «criança: “fizemos um comboio, o coiso do pino e depois o banco e depois por cima e depois passamos por baixo e jogamos à macaca.” Criança: “e depois temos de passar pela corda e passar à volta das cadeiras.” Criança: “e

depois voltamos à fila outra vez.” Adulto: “a isso chama-se: circuito.”» (Assembleia 06/01/23) e «adulto: então o que é a R. vai fazer hoje com vocês? Vocês sabem?” crianças: “uma assembleia.” Adulto: “boa!”» (Assembleia 07/02/23).

O adulto escutou a criança em todas as assembleias, à exceção da primeira assembleia onde houve momentos em que o adulto não a ouviu «criança: “tenho um dói-dói.” Adulto: “amor, agora não é hora de falar de dói-dóis, estamos a falar da nossa lojinha.”» (Assembleia 25/11/22).

As metodologias só se consideraram adequadas às crianças, na última assembleia uma vez que aqui foram criados grupos com base na maturidade das crianças, não levando a que as crianças se sentissem inquietas por não conseguirem participar com conhecimento, ideias ou opiniões.

O adulto revelou-se como mediador em todas as assembleias «crianças não estavam a conseguir responder à pergunta questionada anteriormente, posto isto o adulto orienta o pensamento: “faz de conta que a nossa loja já está pintada, o que é que vamos fazer a seguir?” criança “podemos pôr aquela coisa por cima.” Adulto: “um tolde! Boa!”» (Assembleia 25/11/22), «crianças não estavam a conseguir responder à pergunta questionada anteriormente, posto isto o adulto orienta o pensamento: “por exemplo, quando nós vamos a um restaurante tem lá um papel que diz assim: massa à bolonhesa” criança: “e depois tem o preço” adulto: “boa! Bife com arroz...” criança: “e tem o preço.” Adulto: “pois, para sabermos quando custa.”» (Assembleia 06/01/23) e «crianças não estavam a conseguir responder à pergunta questionada anteriormente, posto isto o adulto orienta o pensamento: “então por exemplo, já sabemos que os papás da S.R. vêm aqui e como são enfermeiros, vão-nos ensinar o que os enfermeiros fazem: primeiros socorros, curar feridas; a mãe da B. é cozinheira, podia vir aqui fazer crepes... e mais? Vocês gostavam que os vossos papás também viessem aqui ensinar o que é que fazem nas suas profissões? O que é que podiam fazer?”» (Assembleia 07/02/23).

O adulto só teve possibilidade de se revelar como defensor numa das assembleias «criança: “Oh T. mas tu choraste. Porque é que o T. chorou no meio

do teatro? (criança não responde) adulto: “chorou porque não queria fazer de rei.”» (Assembleia 06/01/23)

O adulto proporcionou informação adequada à criança em todas as assembleias, «Depois de dizerem que podiam fazer um tolde para a lojinha, uma criança acrescenta: “depois temos de ter assim uma coisa para puxar para a frente e para trás.” Adulto: “pois, isso é que é mais difícil, mas podemos arranjar alguma coisa para fechar a nossa loja quando tiver fechada.”» (Assembleia 25/11/22), «adulto: “e porque é que querem pendurar a abelha?” criança: “porque nós gostamos da natureza.” Adulto: “mas aquilo não é natureza, é a fazer de conta.”» (Assembleia 06/01/23) e «criança: “mas em que dia é que é para os pais virem à escola?” adulto: “temos de combinar. Não podem vir todos ao mesmo tempo.”» (Assembleia 07/02/23)

No que concerne ao adulto ser empático, numa das assembleias isso não se verificou «criança: “tenho um dói-dói” adulto: “amor, agora não é hora de falar de dói-dóis, estamos a falar da nossa lojinha.”» (Assembleia 25/11/22), na assembleia 06/01/23 não foi possível observar-se nenhuma ação onde se pudesse concluir se este era empático ou não e por fim, na última assembleia, o adulto demonstrou-se empático «após todas as crianças dizerem que iam dizer aos pais para virem à escola, uma criança pronuncia-se sobre ser a irmã a pessoa que poderá vir à sala «criança: “eu hoje vou dizer à minha mana para vir cá.” Adulto: “vão todos falar com alguém da família para virem cá à sala, quando puderem, para falar da sua profissão, ok? Ou um irmão, ou uma irmã, a mãe, o pai, um tio, uma tia...”» (Assembleia 07/02/23).

Outros						
	25/11/22		06/01/23		07/02/23	
	S	N	S	N	S	N
Sessões de quebra-gelo	0	1	0	1	0	1

Não existiu a dinamização de nenhuma sessão de quebra-gelo.

Deste modo, e de acordo com os dados apresentados, é possível perceber que, relativamente às metodologias, estas não se revelaram muito ajustadas, uma vez que só na última assembleia foram criados grupos, tendo por critério a maturidade das crianças – até então, estas demonstravam-se um pouco

desenquadradas do que era suposto se desenrolar nos espaços de participação. Isto porque se defende que o adulto deverá reger-se por um “conjunto de medidas adaptadas à idade e ao desenvolvimento das crianças...” (Ferreira & Azevedo, 2011, p. 14) que deverão ser mais simplificadas, flexíveis e reguladas pelo professor, tal como nos dizem Ferreira & Azevedo (2011).

O adulto proporcionou sempre informação adequada em todas as assembleias, sendo que este deve evitar “não partilhar informação relevante, o que põe em causa a credibilidade das próprias ações perante as crianças, que não acreditam que a sua participação possa gerar resultados concretos” (Cortesão, & Jesus, 2020, p.15).

Em consonância com o que foi dito anteriormente, esta postura adotada por parte do adulto, levou a que as crianças pudessem e quisessem manifestar a sua opinião “...de forma justa e livre e na espontaneidade plena...” (Debus, 2018, p. 25) sendo que, tal como acrescenta Freire (2011), “é um direito substantivo, mediante o qual a criança desempenha o papel de protagonista na sua própria vida...” Importa ainda salientar que as crianças tinham opiniões distintas entre elas.

As opiniões partilhadas e ideias sugeridas foram todas levadas em conta, à exceção de uma, assim, o adulto não negou, de forma geral, à criança o seu direito de participação, nem a excluiu desse mesmo processo. Isto porque várias vezes, tal como defende Fernandes (2003), presume-se que a criança não tenha racionalidade e capacidade de tomar decisões informadas, no entanto, esta competência “...irá crescendo à medida que aumentar a sua maturidade.” (Fernandes, 2003, p.46) e a sua exposição/experiência em espaços de participação também. Tal como Roger Hart questiona, qual o sentido de um cidadão atingir os 16, 18 ou 21 anos e de repente se tornar um cidadão responsável e ativo, sem ter existido antes uma experiência onde foram desenvolvidas determinadas competências?

Observação Instituição A – Pré-Escolar

No contexto da instituição A, mas agora na valência de pré-escolar, entre os dias 13 de fevereiro de 2023 a 20 de março de 2023, procedeu-se à observação de 6 assembleias realizadas sempre com o mesmo grupo de crianças. Estas assembleias tiveram como finalidades: dizer o que é que gostaram mais de fazer na semana anterior, o que gostaram menos de fazer, sugestões de atividades para serem realizadas na semana seguinte, apresentação de trabalhos realizados referentes ao projeto lúdico – levando a uma votação, eleição do presidente e vice-presidente e explicação das suas funções e diálogo sobre assuntos que foram observados durante a semana.

De salientar que a investigadora retomou à Instituição A, no entanto, desta vez incidindo na valência do Pré-Escolar, contrariamente ao acontecido anteriormente, quando estivera presente na instituição para a observação de assembleias na valência de 1º Ciclo do Ensino Básico.

Deste modo, a investigadora deu continuidade ao seu papel como observadora/dinamizadora das assembleias, salientando que não assumiu totalmente o papel de dinamizadora, uma vez que a educadora também pertencia à equipa pedagógica, acabando por intervir e colaborar inúmeras vezes ao longo das assembleias.

Neste processo, houve uma preocupação acrescida em melhorar alguns aspetos metodológicos, uma vez que com a intervenção na instituição anterior, se sentiu essa necessidade, nomeadamente a realização de sessões de quebra-gelo e permitir que fossem as crianças a escolherem os temas a serem discutidos, uma vez que foi algo que não se observou nas assembleias realizadas na instituição B, nem na Instituição A – 1ºCiclo do Ensino Básico e ainda a realização de assembleias com mais frequência, tendo sido realizadas assembleias semanais.

Descrição e análise dos dados

Observação das Assembleias na PES II – Instituição A

Após a observação das assembleias de turma da Instituição A: do Pré-Escolar é possível proceder à análise dos dados obtidos – de salientar que foram observadas 6 assembleias no total.

Temas												
	13/02/23 (grupo azul)		13/02/23 (grupo laranja)		27/02/23		06/03/23		13/03/23		20/03/23	
	Criança	Adulto	Criança	Adulto	Criança	Adulto	Criança	Adulto	Criança	Adulto	Criança	Adulto
Quem escolhe os temas	0	1	0	1	0	1	0	1	1	1	0	1
	S	N	S	N	S	N	S	N	S	N	S	N
Assuntos referentes à sala de aula	1	0	1	0	1	0	1	0	1	0	1	0
Assuntos referentes à escola	1	0	1	0	1	0	1	0	1	0	1	0
Assuntos referentes à comunidade	0	1	0	1	0	1	0	1	0	1	0	1
Assuntos referentes ao dia a dia	1	0	1	0	0	1	1	0	1	0	1	0
Outros assuntos	0	1	0	1	0	1	0	1	0	1	0	1

No que concerne à Análise dos Temas, verificamos que em todas as assembleias, foi o adulto a escolher que assuntos abordar, «“O que é que gostaram mais de fazer na semana passada; O que é que gostaram menos de fazer na semana passada; Sugestões de atividades para fazer na semana seguinte.”» (Assembleia 13/02/23 – grupo azul e grupo laranja), «“Crianças sugerem atividades para fazerem na semana seguinte; Implementação de um presidente e vice-presidente nas assembleias semanais – explicação das funções destes e das restantes crianças.”» (Assembleia 27/02/23), «“Apresentação de trabalhos referentes ao projeto, levando a uma votação; Eleição do presidente e vice-presidente.”» (Assembleia 06/03/23) e «“Eleição dos novos presidentes e vice-presidentes da assembleia; Sugestões de atividades para realizarmos na semana seguinte;”» (Assembleia 20/03/23) apenas na assembleia realizada a 13/03/23, foi o adulto e a criança que escolheram as temáticas «“Crianças falam de assuntos que foram observados

durante a semana; adulto questiona sugestões de atividades para realizar na semana seguinte;» (Assembleia 13/03/23).

Relativamente aos assuntos abordados: em todas as assembleias foram abordados assuntos referentes à sala, à escola e ao dia a dia «O que é que gostaram mais de fazer na semana passada; O que é que gostaram menos de fazer na semana passada; Sugestões de atividades para fazer na semana seguinte.» (Assembleia 13/02/23 – grupo azul e grupo laranja), «“Apresentação de trabalhos referentes ao projeto, levando a uma votação; Eleição do presidente e vice-presidente”» (Assembleia 06/03/23), «“Crianças falam de assuntos que foram observados durante a semana; adulto questiona sugestões de atividades para realizar na semana seguinte;» (Assembleia 13/03/23) e «“Eleição dos novos presidentes e vice-presidentes da assembleia; Sugestões de atividades para realizarmos na semana seguinte;» (Assembleia 20/03/23) à exceção da assembleia realizada no dia 27/02/23 onde só foram falados assuntos referentes à sala e à escola “Crianças sugerem atividades para fazerem na semana seguinte; Implementação de um presidente e vice-presidente nas assembleias semanais – explicação das funções destes e das restantes crianças.” (Assembleia 27/02/23); nunca foram falados assuntos referentes à comunidade;

Organização												
	13/02/23 (grupo azul)		13/02/23 (grupo laranja)		27/02/23		06/03/23		13/03/23		20/03/23	
	Criança	Adulto	Criança	Adulto	Criança	Adulto	Criança	Adulto	Criança	Adulto	Criança	Adulto
Quem organiza os grupos	0	1	0	1	0	1	0	1	0	1	0	1

Relativamente à organização, em todas as assembleias o grupo manteve-se todo junto, com os 24 elementos presentes, tendo então sido considerado que a organização dos grupos foi feita por parte do adulto, pois foi este que optou por mantê-los assim. No entanto, na assembleia realizada no dia 13/02/23, o grupo foi dividido, pois enquanto a assembleia decorria, metade do grupo encontrava-se a realizar atividades de consciência fonológica com outra docente. «*Estes grupos foram formados com base na maturidade das crianças. No final,*

trocarem.”» (Assembleia 13/02/23 – grupo azul e grupo laranja); assim sendo, considerou-se que foi o adulto que elaborou os grupos.

Atitude/Postura das Crianças												
	13/02/23 (grupo azul)		13/02/23 (grupo laranja)		27/02/23		06/03/23		13/03/23		20/03/23	
	S	N	S	N	S	N	S	N	S	N	S	N
Crianças no controlo	-	-	-	-	1	0	0	1	-	-	-	-
Criança tem direito à sua privacidade	-	-	1	0	-	-	1	0	1	0	-	-
Criança identifica desigualdades	-	-	-	-	-	-	1	0	-	-	1	0
Criança manifesta vontade de justiça	-	-	-	-	-	-	1	0	-	-	1	0
Criança negocia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Criança pode expressar o seu ponto de vista/opinião	1	0	1	0	1	0	1	1	1	0	1	0
Ideias das crianças são levadas em conta	-	-	1	0	1	0	0	1	1	0	1	0
Crianças têm opiniões distintas	1	0	1	1	1	0	1	0	1	0	1	0
Crianças tomam decisões	0	1	1	0	1	0	1	1	1	0	1	0

Relativamente à Análise da Atitude/Postura das crianças, verificou-se que relativamente às crianças estarem no controlo, em seis assembleias que foram realizadas: em quatro assembleias, não foi possível concluir se a criança esteve no controlo ou não, numa delas concluiu-se que a criança não esteve no controlo «“(Ed. faz contagem de votos)” “Ed.: (...) Vamos agora sentar-nos todos. Temos aqui uma situação: 9 e 11, não é muito expressiva a diferença, mas... deixa-me assim um sabor amargo esta vitória. Posso dar uma sugestão?” “Crianças em coro: Sim.” “Ed.: Ora vamos fazer um novo mergulhador? Mais pequeno? Não acham? Que este aqui é um bocadinho grande... Este aqui pode-nos acompanhar mais um mergulhador mais pequeno, para podermos levar na mão. Certo?” (Crianças em silêncio) “Ed.: Este não vai sair daqui. Aquele não vai desaparecer. Aquele pode acompanhar-nos. Pode fazer tudo o que nós quisermos.” (Criança murmura)”» (Assembleia 06/03/23); e apenas numa, é que

a criança se encontrou no controlo «“Criança.: fazer o fundo do mar com cartão.” “Adulto: para o mergulhador?” “Criança: sim.” “Adulto: acho uma excelente ideia. E como é que achas que podíamos fazer o fundo do mar em cartão?” “Criança C.: podíamos fazer a forma de um cartão e depois pintarmos e cortarmos.”» (Assembleia 27/02/23).

No que concerne à criança ter direito à sua privacidade, verificou-se que em três assembleias, não foi possível verificar-se se a criança tem direito à sua privacidade ou não; já nas restantes três, foi possível observar que as crianças têm direito a esta «“Adulto: F. o que é gostaste menos?” (Criança F. a mexer nas botas e não respondeu) “Adulto: F. estou a falar contigo. Não sabes? Precisas de mais tempo?” (Criança F. abana a cabeça que sim)”» (Assembleia 13/02/23 – grupo laranja), «“Adulto: Certo. E ao T. também. Então e houve algum colega a partilhar alguma situação contigo que queiras partilhar?” (silêncio) “Adulto: Ou contigo, T.?” (silêncio)”» (Assembleia 06/03/23) e «“Adulto: V, e tu? Queres dar alguma sugestão?” (silêncio) “Adulto: Tens alguma sugestão? Alguma atividade que gostasses de fazer?” (Criança V. abana com a cabeça que não.) “Adulto: Não? Queres pensar um bocadinho, para ver se te lembras de alguma coisa?” (Criança V. abana a cabeça que sim.)”» (Assembleia 13/03/23).

Quanto às crianças verificarem desigualdades foi possível observar-se em duas assembleias «“Adulto: Então vou-vos dar tempo para terminar.” “Criança V.: Mas o R.T. ainda não apresentou.” “Adulto: Pois não. Não terminou porque ainda não fez. Vai fazer a seguir. Mas nem todos precisam de ter feito: alguns meninos deram as ideias e outros fizeram as ilustrações – foi trabalho em equipa; todos participaram.”» (Assembleia 06/03/23) e «“Criança F.: Então e a presidente não vai escolher um vice-presidente?” “Adulto: Sim, calma! C., vais ter de escolher um amigo ou uma amiga para ser vice-presidente.” “Criança C.: A R.”» (20/03/23).

Simultaneamente, nas assembleias citadas anteriormente, foi possível observar que em jeito de consequências, as crianças manifestaram vontade de justiça «“Adulto: Então vou-vos dar tempo para terminar.” “Criança V.: Mas o R.T. ainda não apresentou.” “Adulto: Pois não. Não terminou porque ainda não fez. Vai fazer a seguir. Mas nem todos precisam de ter feito: alguns meninos deram as ideias e outros fizeram as ilustrações – foi trabalho em equipa; todos participaram.”»

(Assembleia 06/03/23) e «“Criança F.: Então e a presidente não vai escolher um vice-presidente?” “Adulto: Sim, calma! C., vais ter de escolher um amigo ou uma amiga para ser vice-presidente.” “Criança.: A R.”» (Assembleia 20/03/23). As crianças não negociaram em nenhuma assembleia.

No que concerne às crianças poderem manifestarem o seu ponto de vista/opinião, foi possível fazerem-no em todas as assembleias realizadas, «“Criança: eu não gostei de fazer o desenho do coração, porque não sabia o que fazer.” “Criança: eu gostei, porque me lembrava dos pormenores todos: os olhos, os braços, as pernas, a pilinha, os pés...”» (Assembleia 13/02/23 – grupo azul), «“Criança T.: ir ao campo de jogos.” “Adulto: gostaste ou não gostaste?” “Criança T.: gostei.” “Adulto: porquê?” “Criança T.: porque pude chutar à bola.”» (Assembleia 13/02/23 – grupo laranja), «“Adulto: (...) chapéu! Então que jogo é que acham que vamos jogar?” “Criança: Um jogo do chapéu.” “Adulto: Exato! Alguém sabe como é que se joga?” “Crianças em coro: Não.” “Criança: Um amigo esconde o chapéu e depois um amigo tira o lugar e depois, e depois... vai outra vez assim e depois vai esconder outro amigo e depois apanha outra vez e depois fica o outro lugar.”» (Assembleia 27/02/23), «“(Criança F. coloca o dedo no ar) “Adulto: Diz, F.” “Criança F.: então, nós estamos 1, 2, 3, 4, 5, 6... (faz a contagem dos alunos que estão em sala) ...20, 21.” “Adulto: 21, sim.” Criança F.: “Se estão 21, nós temos de pôr 20 cadeiras, que é para algum deles, perder.” “Adulto: Exatamente! Certíssimo!”» (Assembleia 13/03/23) e «“C. podíamos ouvir uma história e depois quando acabasse a história, podíamos fazer um desenho da história.” “Adulto: olha que ótima ideia! E que história é que tu gostavas de ouvir?” “Criança C.: uma história do lobo.” “Adulto: ok, vamos ver o que é que encontramos...”» (Assembleia 20/03/23) à exceção da assembleia realizada a 06/03/23 onde houve momentos onde as crianças puderam fazê-lo, expressar o seu ponto de vista «“Adulto: (...) E este?” “Criança V.: (levanta-se do lugar dirigindo-se ao centro) Fui eu. Um peixe morto e um peixe triste.” “Adulto: pois, são animais tristes no fundo do mar. E porque é que achas que eles estão tristes?” “Criança V.: Porque comeram poluição e lixo.”» (Assembleia 06/03/23) e momentos onde isto não se verificou, como por exemplo «“Ed.: E tu, podes-te manter de boquinha calada. Não concordas? Mas eu também não pedi a tua

opinião. Tens o direito à tua opinião e nós temos direito à nossa opinião.»» (Assembleia 06/03/23).

Quanto às ideias das crianças serem levadas em conta, na assembleia realizada a 13/02/23 com o grupo azul, não foi possível observar se as ideias das crianças são levadas em conta ou não, já nas restantes assembleias as ideias foram levadas sempre em conta «“As crianças sugeriram fazer uma pintura de carnaval e esta foi feita.”» (Assembleia 13/02/23 – grupo laranja), «“Criança S.: Jogar ao monopólio.” “Adulto: Temos o monopólio aqui no colégio. Pode ser.” Ou “Criança B.: dançar.” “Adulto: também podemos dançar.”» (Assembleia 27/02/23), «“Criança R.: experiências.” “Adulto: que experiências gostavas de fazer?” “Criança R.: uma experiência que nós podemos pôr corantes, algumas coisas...” “Adulto: tu já fizeste alguma experiência?” “Criança R.: sim, em minha casa. Pus corantes, mentos e depois aquilo explodiu.” “Adulto: Ah já sei! Então, experiências. Registado.” (na semana seguinte, foi realizada uma experiência, tal como a criança sugeriu.)» (Assembleia 13/03/23) e «“Adulto: Bem, para terminar. Gostava de saber atividades que vocês gostassem de fazer esta semana. Que ideias é que vocês têm?” “Criança B.: aqueles espelhos. Transformarmos noutras coisas.” “Adulto: ah! Que boa ideia! As pinturas de simetrias... podemos transformar noutra coisa. Em que é que podemos transformar?” “Criança B.: numa borboleta.” “Adulto: Sim! Boa! Estamos na primavera... é uma boa ideia!” (foram realizadas as transformações das pinturas de simetrias, em borboletas, na semana seguinte.)» (Assembleia 20/03/23); já na assembleia de dia 06/03/23 as ideias das crianças não foram levadas em conta «“(Ed. faz contagem de votos)” “Ed.: (...) Vamos agora sentar-nos todos. Temos aqui uma situação: 9 e 11, não é muito expressiva a diferença, mas... deixa-me assim um sabor amargo esta vitória. Posso dar uma sugestão?” “Crianças em coro: Sim.” “Ed.: Ora vamos fazer um novo mergulhador? Mais pequeno? Não acham? Que este aqui é um bocadinho grande... Este aqui podemos acompanhar mais um mergulhador mais pequeno, para podermos levar na mão. Certo?” (Crianças em silêncio) “Ed.: Este não vai sair daqui. Aquele não vai desaparecer. Aquele pode acompanhar-nos. Pode fazer tudo o que nós quisermos.” (Criança murmura)» (Assembleia 06/03/23), ou seja, 11 crianças, a

maioria, tinha a ideia de não fazerem um mergulhador novo, no entanto, esta ideia não foi levada em conta.

Verificou-se em todas as assembleias que as crianças têm opiniões distintas umas das outras «“Criança: eu não gostei de fazer o desenho do coração, porque não sabia o que fazer.” “Criança: eu gostei, porque me lembrava dos pormenores todos: os olhos, os braços, as pernas, a pilinha, os pés...”» (Assembleia 13/02/23 – grupo azul), «“Adulto: (...) o que vocês gostavam de fazer esta semana? Ideias de atividades para fazermos.” “Criança R.S.: jogo das cadeiras.” “M.: fazer um carrinho de papelão, como o mergulhador.” “Criança S.: jogar ao jogo do telefone estragado.” “Criança B.: fazer desenhos.”» (Assembleia 27/02/23), «“Ed.: Então que peixe é que nós podemos fazer com plásticos no estomago?” “Criança B.: Salmão.” “Criança V.: Dourada.” “Criança R.: Camarão.” “Criança V.: Baleia azul. É a maior baleia do planeta.” “Criança M.: Tubarão-baleia.”» (Assembleia 06/03/23), «“Criança C.: um desenho sobre os peixes.” “Criança M.: o mar com lixo.” “Criança C.A.: Pinturas.” “Criança L.: pintura do mar com os peixinhos só que com o arco-íris por cima.” “Criança R.: experiências.” “Criança M.: fazer um carro.”» (Assembleia 13/03/23) e «“Adulto: Bem, para terminar. Gostava de saber atividades que vocês gostassem de fazer esta semana. Que ideias é que vocês têm?” “Criança C.: campo de jogos.” “Criança B.: aqueles espelhos. Transformarmos noutras coisas.” “Criança B.: numa borboleta.” “Criança F.: irmos à mata.” “Criança D.: uma colagem de peixinhos.” “Criança M.: fazer flores.” “Criança R.: podemos fazer uma pintura.” “Criança M.: uma pintura da primavera.” “Criança M.S.: podemos fazer um buraco no chão para conseguirmos fazer animais marinhos.”» (Assembleia 20/03/23); somente na assembleia realizada no dia 13/02/23 com o grupo laranja, é que se pôde verificar que apesar de existirem opiniões distintas, também existiam crianças a partilhar a mesma opinião «“Adulto: (...) vou escrever aqui no meu caderno com um smile, daquilo que mais gostaram de fazer.” “Criança F.: ir ao campo de jogos.” “Criança T.: a mesma coisa.” “Criança T.F.: campo de jogos.”» (Assembleia 13/02/23 – grupo laranja) ou «“Adulto: então vamos ver o que é que gostávamos de fazer esta semana – esta semana é a semana do Carnaval.” “Criança C.: uma pintura de Carnaval.” “Criança F.: pintura de Carnaval.” “Criança R.T.: pintura de Carnaval.”» (Assembleia 13/02/23 – grupo laranja) ou

seja, verificamos que existem várias crianças a quererem ir ao campo de jogos – partilhando a mesma opinião – e várias crianças a quererem fazer uma pintura de Carnaval – partilhando a mesma opinião; por outro lado, se temos crianças que querem ir ao campo de jogos e outras a quererem fazer pinturas de Carnaval, verificamos que há crianças a terem opiniões distintas.

Quanto às crianças poderem tomar decisões, verificou-se que em quatro assembleias, foi possível as crianças decidirem «“Crianças sugeriram fazer uma pintura de Carnaval e fizeram-na.”» (Assembleia 13/02/23 – grupo laranja), «“Adulto: F., vais ter de pensar em alguém que te possa ajudar nesta tarefa e substituir se tu não estiveres.” “Presidente F.: T.F.” “Adulto: T.F., pode ser?” “T.F.: Sim.”» (Assembleia 27/02/23), «“Adulto: muito bem! Então, a partir de agora, o presidente e o vice-presidente, vão ter um colar para utilizarem todos os dias. Devem colocá-los assim que chegarem ao colégio. Assim vão andar identificados, para os colegas se lembrarem sempre quem é o presidente e o vice-presidente, está bem?” “Adulto: agora, é altura do nosso presidente escolher quem é que vai ser o vice-presidente.” “Criança presidente: é o V.” “Adulto: ok. Então, V, também podes vir aqui colocar o colar.” (ambas as crianças se encontram com os colares colocados)”» (Assembleia 13/03/23) e «“Adulto: ..C., vais ter escolher um amigo ou uma amiga para ser vice-presidente.” “Criança C.: A R.” “Adulto: A R., muito bem. R. pode ser?” “Criança R.: Sim.”» (Assembleia 20/03/23); na assembleia de dia 13/02/23 realizada com o grupo azul, não foi possível as crianças tomarem decisões «“Criança: brincar ao rei manda.” “Criança: rei manda.” “Adulto: pensem noutras coisas para fazermos!”» (Assembleia 13/02/23 – grupo azul); já na assembleia realizada no dia 06/03/23, houve momentos em que as crianças puderam tomar decisões «“Adulto: Então agora, vamos passar a apresentar aos colegas aquilo que cada um esteve a fazer. Temos aqui o primeiro desenho, quem é que fez?” “Criança M.: Eu.” “Adulto: Foi a M. Queres apresentar aos colegas?” “Criança M.: (levanta-se do lugar dirigindo-se ao centro) Sim. Eu fiz o mundo do mar com lixo.”» (Assembleia 06/03/23) e houve outros momentos em que não «“Ed.: (...) Vamos agora sentar-nos todos. Temos aqui uma situação: 9 e 11, não é muito expressiva a diferença, mas... deixa-me assim um sabor amargo esta vitória. Posso dar uma sugestão?” “Crianças em coro: Sim.” “Ed.: Ora vamos fazer um novo mergulhador? Mais

pequeno? Não acham? Que este aqui é um bocadinho grande... Este aqui podemos acompanhar mais um mergulhador mais pequeno, para podermos levar na mão. Certo?” (Crianças em silêncio) “Ed.: Este não vai sair daqui. Aquele não vai desaparecer. Aquele pode acompanhar-nos. Pode fazer tudo o que nós quisermos.” (Criança murmura)”» (Assembleia 06/03/23) ou seja, acabou por ser o adulto a tomar a decisão final.

Adulto												
	13/02/23 (grupo azul)		13/02/23 (grupo laranja)		27/02/23		06/03/23		13/03/23		20/03/23	
	S	N	S	N	S	N	S	N	S	N	S	N
Dá feedback às crianças	1	0	1	0	1	0	1	0	1	0	1	0
Adulto escuta as crianças	0	1	1	0	1	0	0	1	1	0	1	0
Metodologias ajustadas às crianças	-	-	-	-	1	0	-	-	1	0	1	0
Assimetrias de poder entre criança e adulto	-	-	-	-	-	-	1	0	-	-	-	-
Adulto como mediador	1	0	-	-	1	0	1	0	1	0	1	0
Adulto como defensor	-	-	1	0	-	-	1	0	-	-	1	0
Adulto proporciona informação adequada à criança	1	0	1	0	1	0	1	0	1	0	1	0
Adulto é empático – coloca-se no lugar da criança	0	1	0	1	1	0	0	1	-	-	1	0

Quanto à análise do papel do adulto, este deu feedback às crianças em todas as assembleias «“Adulto: alguém mais se lembra de não ter gostado de alguma coisa?” “Criança: eu já disse!” “Adulto: é verdade, foste o único.”» (Assembleia 13/02/23 – grupo azul), «“Adulto: é só isso que querem fazer? Quanto ao carrinho de rolamentos, posso já dizer que não vai ser possível fazer. Porquê? C. explica aos colegas o que é preciso para fazer um carrinho de rolamentos.” “C.: tábuas, cordas, rodas, que são difíceis de encontrar...” “Adulto: pois. Entendem agora?”» (Assembleia 13/02/23 – grupo laranja), «“Criança S.: jogar ao jogo do telefone estragado.” “Adulto: olha que boa ideia! Vocês já jogaram esse jogo?” ou

“Criança M.: brincar no insuflável.” “Adulto: era uma ótima ideia, mas aqui no colégio não temos insufláveis.”» (Assembleia 27/02/23), «“Adulto: (...) Então que soluções é que podemos arranjar para os colegas partilharem a bola com os outros? O que é que nós podemos fazer?” “Criança R.: por exemplo, se eles não sabem partilhar a bola, saem do jogo.” “Adulto: isso é a consequência, agora o que é que podemos fazer para os meninos partilharem a bola?”» (Assembleia 06/03/23), «“Criança S.: Sim. O jogo das cadeiras é assim: nós temos de fazer... uma roda de cadeiras...” “Adulto: Certo.” “Criança S.: ..e depois nós temos de fazer uma roda... uma volta à volta das cadeiras...” “Adulto: Isso.” “Criança S.: ...e depois com a música... e quando a música parar nós sentamos numa cadeira...” “Adulto: Exatamente.” “Criança R.: e quem não sentar num lugar, perde.” “Adulto: É isso mesmo.”» (Assembleia 13/03/23) e «“S.: desenhar o fundo do mar, dois a dois, em trabalho de equipa.” “Adulto: olha que bem! E quem é que escolhias para fazer esse trabalho contigo?” “Criança S.: O T.F.” “Adulto: muito bem! Gostei muito dessa ideia, de trabalhar em equipa.”» (Assembleia 20/03/23).

Em quatro assembleias o adulto escutou a criança «“Adulto: M. o que é que não gostaste?” “Criança M.: de fazer aquele desenho.” “Adulto: que desenho? Vai apontar.” (criança foi apontar) “Adulto: porque é que não gostaste?” “Criança M.: porque demorou muito tempo.” “Adulto: ok, então que coisa é que gostavas de fazer nesse tempo? Com o que é que gostavas de ocupar esse tempo?” “Criança M.: colagens.”» (Assembleia 13/02/23 – grupo laranja), «“Criança B.: fazer desenhos.” Adulto: “Sobre quê?” (silêncio) “Adulto: desenhos livres? Sobre aquilo que quisermos?” “Criança B.: Sim. Só desenho.”» (Assembleia 27/02/23), «“Criança V.: fazer uma baleia.” “Adulto: uau! Fazer uma baleia. E como é que fazíamos a baleia?” “Criança V.: queria uma baleia grande.” “Adulto: ok e onde é que querias colocá-la, aqui na nossa sala?” “Criança V.: no teto.” “Adulto: boa ideia!”» (Assembleia 13/03/23) e «“Criança M.S.: podemos fazer um buraco no chão para conseguirmos fazer animais marinhos.” “Adulto: era uma ideia boa, tal como vimos no SeaLife mas era se conseguíssemos transformar a nossa sala num aquário... na sala debaixo da nossa o que é que existe? Existem peixes?” “Criança M.S.: não.” “Adulto: pois, então se fizéssemos um buraco no chão, íamos encontrar peixes ou íamos encontrar uma sala?” “Criança M.S.: uma sala.”

“Criança R.: podíamos fazer um buraco grande e pôr lá água do chuveiro.”
“Adulto: se fizéssemos um buraco grande íamos estragar o chão da nossa sala, não era...?” “Criança R.: Pois era.”» (Assembleia 20/03/23) e nas restantes duas assembleias, não o fez «Criança S.: não gostei de ser o guarda-redes no campo de jogos.” “Adulto: ora aí está uma coisa importante! (recorrendo à ironia)”
“Adulto: e agora a parte importante: cada um de vocês vai pensar o que gostava de fazer esta semana? Estamos na semana do Carnaval, não se esqueçam.”» (Assembleia 13/02/23 – grupo azul), «Ed.: É.. temos de pensar nisto.. Duas ou três frases fortes.. [O mar vamos proteger. Sem os lixos...] Arranjarmos assim um slogan... para salvar os mares e os peixes, não era? Mas era capaz de ser engraçado, com um bocadinho desta dança.. Porque acho que esta música com estes movimentos...” “Criança M.: Tenho borbulhas.” “Ed.: Oh M. deixa as borbulhas! Deixa de andar a beliscar e a mexer em tudo..” “Ed.: (...) estes movimentos... eram capazes de ficar engraçados... e pomos a dizer tipo dois ou três slogans... com a música de fundo enquanto a F. dançava ou outros diziam os slogans... é que a F. tem esta vertente... em termos de slogan era capaz de resultar.” “Criança M.: Tenho comichão.” “Ed.: Eu digo-te: estás a ser cansativa.”» (Assembleia 06/03/23).

De acordo com os dados recolhidos e após a leitura das tabelas, é possível perceber que, em três assembleias, as metodologias revelaram-se adequadas às crianças, como por exemplo: «Adulto: Não vamos esconder o chapéu. O chapéu vai estar sempre à vista de toda a gente. Então vamos fazer assim: eu vou pôr aqui o chapéu (colocando na cabeça de uma criança) e depois vou pôr a dar uma música. E então o que é que vamos ter de fazer? Vamos tirar o chapéu da nossa cabeça (pedindo à criança que o tire da cabeça, para exemplificar) e vamos colocar no colega da frente (criança coloca o chapéu no colega da frente) e o colega da frente vai passar para outro colega, sempre assim com a música a dar; quando a música parar...”» (Assembleia 27/02/23) ou então, «Adulto: então agora, vou pedir às meninas que se levantem e que vão buscar uma cadeira cada uma, por favor.” (meninas levantam-se e vão buscar as cadeiras) “Criança R.: e os rapazes?” “Adulto: esperam um bocadinho por favor.” (meninas já têm as cadeiras colocadas) “Adulto: e agora, os rapazes podem também ir buscar as cadeiras, por favor.” (meninas colocam as cadeiras) “Adulto: agora,

vão por favor rodar as vossas cadeiras para o lado de fora. Vamos andar do lado de fora das cadeiras.” (criança roda a cadeira dela para o lado de fora) Adulto: isso, assim! Exatamente. Assim como tens a tua, T.” “Adulto: agora vão chegar as vossas cadeiras para trás, mais juntinhas. Porque vocês vão andar aqui à volta e precisam de espaço.”» (Assembleia 13/03/23) e ainda «“Adulto: Então, vamos jogar ao Apito 1, 2, 3. Eu vou colocar música e quando a música parar, vou tocar o meu apito. Uma vez, duas vezes ou três vezes. Se eu tocar uma vez, vocês têm de cumprimentar o colega que estiver mais perto de vocês, com um aperto de mão, com um abraço, com um beijinho, como vocês quiserem, ok?” “Crianças em coro: ok.” “Adulto: então se eu apitar uma vez (adulto apita uma vez) o que é que vocês fazer?” “Crianças: cumprimentar.” “Adulto: certo, cumprimentar o colega que estiver mais perto.”» (Assembleia 20/03/23).

Quanto às assimetrias de poder entre adulto e criança, de acordo com os dados, são visíveis unicamente na assembleia de 06/03/23 «“Ed.: Então vamos fazer assim, R. já deste uma ideia antes, vamos pela ideia do V. e do M.; vamos fazer uma baleia azul e um tubarão-baleia.” “Criança B.: Não quero...” “Ed.: Oh B. eu respeito a tua opinião, mas neste momento vou ter em conta a opinião do V. e M. ok? Eu percebo que não concordes, mas neste momento eles estão a dar opiniões muito interessantes. Mas respeito a tua opinião. Ora, temos mais decisões a tomar! Mergulhador, tubarão-baleia e baleia azul, certo?” “Crianças em coro: Sim.” “Crianças em coro: Não.” “Ed.: Ora, eu vou deixar de fazer as assembleias e vou passar a pôr-vos a fazer outro tipo de coisas se vocês não conseguem mandar no vosso corpinho e respeitar a opinião dos outros, é isso que querem?” Crianças: “Não.” “Ed.: Então, comportem-se. Estamos entendidos? Ótimo.”» (Assembleia 06/03/23).

O adulto teve o papel de mediador em todas as assembleias, «“Criança L.: gostava de brincar às borboletas e às fadas.” “Adulto: boa! Onde é que queres brincar às borboletas e às fadas?” “Criança L.: lá fora porque é o lugar onde as borboletas e as fadas sempre ficam.” “Adulto: M.:?” “Criança M.: brincar às borboletas e às fadas.” “Adulto: isso significa que queres brincar com a L. às fadas?” “Criança M.: sim.”» (Assembleia 13/02/23 – grupo azul), «“Adulto: (...) olhinhos bem abertos, ouvidos bem abertos para vermos o que se passa à nossa volta – que problemas é que nós temos de falar aqui todos juntos, para

resolvermos.” “Criança Presidente F.: e depois vêm-me dizer a mim.” (silêncio)
“Adulto: Exato! E vão dizer a quem?” “Crianças: À F. e ao T.F.”» (Assembleia 27/02/23), «“Adulto: Vamos dar início à nossa...” “Crianças: Assembleia.”
“Adulto: Boa! F. a semana passada, foste eleita presidente, recordas-te?”
“Criança F.: Sim.” “Adulto: E então? Qual era a tua função durante esta semana?”
“Criança F.: Era ouvir.” “Adulto: Ouvir quem?” “Criança F.: Por exemplo se não partilhassem a bola...” “Adulto: E mais? Era só isso?” “Criança F.: Não.” “Adulto: Pois, isso foi um exemplo. Não te lembras? Por exemplo se existisse algum problema no colégio ou alguma situação que quiséssemos conversar todos juntos, os colegas tinham de te dizer. Certo?” “Criança L.: E ao T. (vice-presidente)”» (Assembleia 06/03/23), «“Adulto: A semana passada fizemos o jogo das..?” Crianças: estátuas” “Adulto: Boa! E hoje vamos fazer o jogo das ca..?” “Crianças: Cadeiras!”» (Assembleia 13/03/23) e «“Criança S.: desenhar o fundo do mar, dois a dois, em trabalho de equipa.” “Adulto: olha que bem! E quem é que escolhias para fazer esse trabalho contigo?” “Criança S.: O T.F.” “Adulto: muito bem! Gostei muito dessa ideia, de trabalhar em equipa.”» (Assembleia 20/03/23) à exceção da assembleia realizada no dia 13/02/23 com o grupo laranja, onde não foi possível observar-se.

O adulto assumiu um papel de defensor em três assembleias «“Adulto: T. o que é que menos gostaste?” (colega S.: fala-lhe ao ouvido) “Adulto: S., não é para dizeres ao colega o que é que para ele dizer. O T. tem boca para falar e cabeça para pensar.”» (Assembleia 13/02/23 – grupo laranja), «“Ed.: Portanto, a C. e a C.C. esta semana, vão ser as responsáveis. Temos de agradecer a F. e ao T.F. – podem-se pôr de pé – parabéns porque souberam desempenhar muito bem as vossas funções. Estiveram à altura daquilo para o qual foram eleitos. Parabéns a ambos. Os amigos têm de vos agradecer porque vocês foram impecáveis.” “Criança T.: Para mim não.” “Ed.: Ah.. quando as pessoas têm coisas bonitas e boas a dizer nós ouvimos, quando não têm coisas simpáticas a dizer, nós fazemos de conta quem nem ouvimos. Certo? Porque só as coisas que são importantes é que nós devemos ouvir, está bem?”» (Assembleia 06/03/23) e «“Criança S.: desenhar o fundo do mar, dois a dois, em trabalho de equipa.” “Adulto: olha que bem! E quem é que escolhias para fazer esse trabalho contigo?” “Criança S.: O T.F.” “Adulto: muito bem! Gostei muito dessa ideia, de

trabalhar em equipa.”» (Assembleia 20/03/23), nas restantes, não foi possível observá-lo nesse registo.

O adulto proporcionou informação adequada às crianças em todas as assembleias «“Adulto: e agora o que é que gostamos menos de fazer? Não gostamos assim tanto...” “Criança: na verdade eu gostei de tudo.” “Adulto: pois, mas há sempre alguma coisa que não gostamos assim tanto.”» (Assembleia 13/02/23 – grupo azul), «“Adulto: então o que é que não gostaste? Qual foi a razão?” “Criança D.: das cordas não puderem ir lá para baixo.” “Adulto: ah, sabes porque é que as cordas não podem andar na parte de baixo? Porque assim não conseguem rodá-las. É só por isso.”» (Assembleia 13/02/23 – grupo laranja), «“Criança C.: Ir para o campo de jogos.” “Criança L.: Ir para o campo de jogos.” “Criança R.T.: Ir para o campo de jogos.” “Criança V.B.: Ir ao campo de jogos.” “Adulto: Posso só dar uma sugestão? Hoje de manhã já conversámos que esta semana, numa tarde, vamos ao campo de jogos, não falamos?” “Crianças: Sim.” “Adulto: pois, portanto, porque é que não aproveitam para sugerir/dizer outras atividades que não sejam ir ao campo de jogos, uma vez que já está decidido que vamos lá?”» (Assembleia 27/02/23), «“Adulto: E este?” “Criança T.M.: (levanta-se do lugar dirigindo-se ao centro) É meu, mas ainda não está terminado.” “Adulto: Pois não, mas não faz mal. Vamos ter tempo de terminar.”» (Assembleia 06/03/23), «“Criança B.: gostava de fazer um desenho sobre a poluição, como a C. estava a dizer.” “Adulto: mas a C. não disse sobre a poluição, pois não?” “Criança C.: Não. Foi dos peixes. Dos animais do mar.”» (Assembleia 13/03/23) e «“Adulto: C., foste eleita para presidente. Podes-te levantar. Foste eleita com 6 votos, 6 amigos votaram na C. 1/4 da sala... significa que é uma maioria.”» (Assembleia 20/03/23).

De acordo com os dados recolhidos, em três assembleias, o adulto não foi empático «“Criança S.: não gostei de ser o guarda-redes no campo de jogos.” “Adulto: ora aí está uma coisa importante! (recorrendo à ironia) “Adulto: e agora a parte importante: cada um de vocês vai pensar o que gostava de fazer esta semana? Estamos na semana do Carnaval, não se esqueçam.”» (Assembleia 13/02/23 – grupo azul), «“Adulto: T.C., o que é que queres fazer esta semana?” (criança em silêncio) “Adulto: T.C. estou a falar contigo...” (criança em silêncio) “Adulto: olha diz...” (criança em silêncio)”» (Assembleia 13/02/23 – grupo laranja)

e «“Adulto: Há meninos que não se levantaram, não votaram, nem para uma coisa, nem para outra?” “Criança V.: Eu.” “Ed.: Porquê?” “V.: Porque não quero.” “Ed.: Não queres o quê?” “Criança V.: Fazer.” “Ed.: Não queres fazer nada? Mas isso é hoje que tu não queres fazer nada. E amanhã?” (recorrendo a ironia) “Criança V.: “(acena que não com a cabeça)”» (Assembleia 06/03/23); em duas delas foi empático «“Criança V.F.: Gostava de fazer o mesmo que o T.F.” “Adulto: que é o quê?” “Criança V.F.: Não sei... esqueci-me.” “Adulto: Podes repetir o que pediste?” “Criança T.F.: Jogar futebol no campo de jogos.” “Criança V.F.: Jogar futebol no campo de jogos.”» (Assembleia 27/02/23) e «“(Uma das crianças, dirige-se ao adulto...) “Criança V.: Não sei o que é para fazer.” “Adulto: Toda a gente ouviu o que é para fazer?” (silêncio) “Adulto: Têm de escolher o colega que vocês acham que deve ser presidente esta semana. Perceberam?” “Crianças em coro: Sim.”» (Assembleia 20/03/23); e por fim, na assembleia de 13/03/23, não se observou nenhuma situação onde o adulto pudesse ou não manifestar-se nesse registo.

Outros												
	13/02/23 (grupo azul)		13/02/23 (grupo laranja)		27/02/23		06/03/23		13/03/23		20/03/23	
	S	N	S	N	S	N	S	N	S	N	S	N
Sessões de quebra-gelo	0	1	0	1	1	0	1	0	1	0	1	0

Relativamente às sessões de quebra-gelo, nas assembleias realizadas no dia 13/02/23, tanto com o grupo azul, como com o grupo laranja, não foi realizada nenhuma sessão de quebra-gelo; nas restantes assembleias foi sempre realizada uma sessão de quebra-gelo «“Decorre uma sessão de quebra-gelo onde as crianças jogam o “jogo do chapéu” – as crianças estão sentadas numa roda, em cadeiras, e ao som da música, vão colocando o chapéu na cabeça do colega da frente e assim sucessivamente; quando a música pára, a criança que estiver com o chapéu na cabeça, sai do jogo.”» (Assembleia 27/02/23), «“Para a sessão de quebra-gelo, foi jogado o jogo das cadeiras.”» (Assembleia 13/03/23), «“Jogo do Apito 1, 2, 3 (jogo sem competição) Coloca-se música e quando a música parar, toca-se o apito - Uma vez: as crianças têm de cumprimentar o colega que estiver mais perto, com um aperto de mão, abraço, beijinho..; Duas vezes: ficar sérios/jogar ao jogo do sério com o colega que está mais perto, não

se podendo rir; Três vezes: dançar com o colega que estiver mais perto;”» (Assembleia 20/03/23) e na assembleia de 06/03/23 também foi realizada uma sessão de quebra-gelo, o jogo das estátuas, (Assembleia 06/03/23) no entanto, devido a fatores externos, esta dinâmica realizou-se no final da assembleia, acabando por assumir apenas o papel de jogo e não de uma forma para quebrar o gelo entre os participantes.

Posto isto, e de acordo com os dados apresentados, é possível perceber que apesar de ter sido dada liberdade para serem as crianças a escolherem os temas que desejavam falar, só numa assembleia é que estas se manifestaram, tendo sido o adulto a escolher os restantes temas das consequentes assembleias. Assim, tal como Hart (1992) defende, a “...confiança e a competência para participar devem ser gradualmente adquiridas através da prática. Por esta razão, é fundamental aumentar gradualmente as oportunidades para as crianças participarem.” Estas necessitam de sentir que a sua opinião e escolha realmente importa, para quererem falar por si mesmas, de direito próprio.

O cenário descrito anteriormente foi bastante visível, pois numa fase inicial das assembleias realizadas na Instituição A, Pré-Escolar, quando as crianças eram solicitadas sobre as sugestões de atividades que queriam fazer na semana seguinte, estas, inicialmente, manifestavam-se de uma forma muito diminuta, introvertida e com a sensação de o que iam partilhar, ia acabar por não ser levado em conta e escutado. No entanto, com o desenrolar da dinamização dos espaços de participação/assembleias, as crianças começaram a compreender que o que elas diziam e sugeriam, era efetivamente ouvido e levado em conta – isto levou a que as crianças aderissem de uma forma muito mais empolgada, participativa e envolvente.

Por outro lado, apesar do adulto permitir que as crianças manifestassem o seu ponto de vista em todas as assembleias, houve uma em que isso não aconteceu – o adulto refere que, apesar de considerar que a criança tem direito à sua opinião e o adulto, tem direito à dele, não foi pedido à criança para que partilhasse a mesma. Contrariamente ao “desenvolvimento de uma cultura de respeito pelas opiniões da criança...” (Fernandes, 2003, p.49) que se deve preconizar e praticar. Tal como nos relembram ainda Cortesão & Jesus (2022) a “(...) enorme importância de se olhar as crianças com atenção e cuidado,

percebendo-as como pessoas com saberes, competências, vivências, interesses, gostos e receios...”

A ação referida anteriormente traduz-se assim em assimetrias de poder entre adulto e criança, tendo sido possível de se observar numa assembleia, traduzindo-se assim, na importância atual de “...encontrar formas de quebrar o poder desigual entre adultos e crianças, e criar espaços que permitam às crianças ter voz e ser ouvidas” (Christensen & James, 2005, p.143 e 144).

Posto isto, a criança identificou desigualdades em duas assembleias e conseqüentemente, manifestaram vontade de justiça perante essa observação, ou seja, a participação, é também “...um direito processual, mediante o qual é possível realizar outros direitos, obter justiça, influenciar os resultados e denunciar abusos de poder” (Tomás, 2007, p. 49).

Ainda assim, o adulto revelou-se empático e defensor em metade das assembleias, tal como Hart (1992) defende, “as crianças devem ser protegidas contra o envolvimento e a responsabilidade indevidos relativamente aos problemas da sociedade”, mas não em exagero, este envolvimento deve ser ponderado e equilibrado. Assim, cabe ao adulto fazer essa mediação não devendo subestimar, tal como defende Hart (1992) “...a importância do envolvimento dos adultos, não só pela orientação que podem oferecer, mas também pelas lições que as crianças precisam de aprender.” Na instituição A, no Pré-Escolar, o adulto assumiu o papel de mediador, mas também defensor, em todas as assembleias.

2.2. Discussão dos dados

Uma vez os dados recolhidos e apresentados, importa agora fazer uma discussão dos dados obtidos, de modo que seja possível compreender o que, no âmbito da participação, é necessário alterar, manter ou rejeitar para que exista uma verdadeira participação das crianças.

Prout (2003) defende que para que esta aconteça, é necessário que exista também uma mudança na forma de funcionar das instituições e dos adultos que nela trabalham. Assim, importa começar por salientar, que de acordo com os dados apresentados no ponto anterior, é possível perceber que na instituição A 1ºCEB as crianças e professores não estavam habituados a realizar assembleias, contrariamente ao pré-escolar, que já era algo habitual. Na instituição B, realizavam assembleias, de forma regular. Logo, compreendemos que a formação dos educadores/professores no âmbito da participação das crianças, é algo a investir e a melhorar, pois só quando estes estiverem capacitados e interiorizados do poder da participação, é que poderão enaltecer e potenciar as *skills* dos seus alunos neste âmbito.

Nas assembleias realizadas na Instituição A 1ºCEB, eram abordados temas diversos pois “A maioria dos processos de tomada de decisão... que têm impacto direto ou indireto nas crianças, podem ser definidas como assuntos que lhes dizem respeito...” (Trevisan, 2012, p. 98). Já na Instituição A e B, pré-escolar, as crianças avaliavam as atividades que menos gostaram de fazer, as que mais gostaram de fazer e sugestões de atividades a realizar na semana seguinte. Ou seja, as temáticas no pré-escolar, eram mais voltadas para assuntos de sala: planificação de atividades, o que querem fazer, como querem fazer, com quem... Já que envolver as crianças, pode “...salvá-las do silêncio e da exclusão e de serem representadas, erradamente, como objetos passivos...” (Christensen & James, 2005, p.261).

Os temas das assembleias acabaram por ser escolhidos pelos adultos mesmo quando era dada a possibilidade de ser a criança a escolher - Na instituição A, no Pré-Escolar, tendo sido a última fase da investigação já se tinha conseguido perceber alguns aspetos que poderiam ser melhorados. Neste sentido, por exemplo, a investigadora deu liberdade e motivou para que fossem as crianças a escolher as temáticas, no entanto, não verificou uma maior participação das

crianças nestas escolhas. Trevisan defende que “...importa, na mesma medida, questionar em que querem participar, como e a partir de que motivações” (Trevisan, 2012, p. 100) no entanto, nestas assembleias, a escolha de temas e organização dos grupos ficou ao critério dos adultos, escolhendo sempre assuntos referentes à escola e sala e nunca foram referentes à comunidade.

Neste contexto, é possível afirmar que estas assembleias não se manifestaram como espaços de participação plena, talvez por os adultos ainda sentirem que as crianças não têm competência para participar, acabando por ser os adultos a tomar conta do processo. O olhar do adulto vê a criança como um ser incompetente, incapaz de contribuir com ideias, sugestões e questionamentos, no fundo, com incapacidade para participar. Assim, o adulto é uma parte importante deste problema. Para se tornar numa parte da solução, é necessário que assuma uma postura de confiança e escuta, na qual permite, incentiva e proporciona espaços e momentos de participação das crianças.

Em momentos de assembleia, foram sempre falados assuntos referentes à escola, sala e dia-a-dia, no entanto, nunca se falou de assuntos ligados à comunidade; à exceção de uma assembleia realizada na instituição B, Pré-Escolar, onde foi abordado um assunto referente à comunidade. Neste indicador, foi possível observar que a possibilidade de desenvolvimento da capacidade de participação comunitária da criança, não está a ser aproveitado na totalidade. Ou seja, apesar de as crianças poderem e deverem dar as suas opiniões e sugestões, sobre assuntos que afetam a sua vida, estas não exercem a participação cívica que lhes é devida, pois não lhes é dada oportunidade de se exercitarem e experimentarem. Isto porque sabemos que a capacidade de participar, não se aprende a não ser pelo exercício da mesma.

A organização dos grupos, também, de uma forma geral, ficava ao critério do adulto, sendo sempre este o responsável por organizá-los, ou mantê-lo intacto (o que acabava por acontecer a maior parte das vezes). Apenas uma vez, numa assembleia observada na Instituição B, Pré-Escolar, o adulto acabou por optar por organizar os grupos por maturidade, o que acabou por favorecer a dinâmica da assembleia, apesar que “...mesmo quando as crianças da mesma idade participam, não se pode esperar delas iguais capacidades e atitudes” (Cortesão & Jesus, 2022, p.4). Assim, muitas vezes as crianças com menor grau de

maturidade mostravam-se desinteressadas e entediadas, pois os assuntos eram demasiados complexos para elas. Assim, os dados recolhidos apoiam a ideia de que importa considerar "...o contexto social em que a criança se insere, a natureza da decisão, a experiência de vida" (Fernandes, 2003, p. 103).

Foi possível ainda observar na Instituição A, Pré-Escolar, uma assembleia na qual o grupo foi dividido: enquanto metade do grupo se encontrava a realizar outra atividade fora da sala, a outra metade encontrava-se em sala a realizar a assembleia – depois, trocaram. Sabendo que um dos critérios para as crianças conseguirem partilhar mais e melhor, é trabalharem em grupo com base na maturidade e interesses destes, ainda que possa existir um trabalho individual, o trabalho de grupo revela-se vantajoso e mais produtivo. Neste contexto de investigação foi possível, de facto perceber que adaptar as estratégias/linguagem às características do grupo, leva a uma participação de melhor qualidade.

Com base nos dados recolhidos nas assembleias observadas, é possível perceber que as crianças praticamente nunca se encontraram no controlo – encontraram-se no controlo em momentos pontuais, sendo de seguida "abafadas" pelo protagonismo do adulto. Pôde-se verificar as crianças no controlo apenas numa assembleia, realizada na Instituição A, 1ºCEB. Neste contexto, considera-se importante lembrar que "falar de participação infantil é referir a capacidade de fazer deliberações com liberdade e com o ato de assumir responsabilidades de qualquer tipo, resultantes do uso desta liberdade" (Freire, 2011, p. 19/20). No entanto, nestas situações, esta não lhes foi concedida, isto é, considera-se que estas experiências não foram exploradas de forma a permitir o desenvolvimento deste tipo de competência.

Na maior parte das assembleias, as crianças não manifestaram ter verificado desigualdades, nem vontade de justiça, à exceção de duas assembleias, onde se pôde verificar que: dando conta de desigualdades, conseqüentemente, as crianças acabaram por manifestar vontade de justiça.

Na maioria das assembleias, não houve acontecimentos que permitissem constatar se a criança tinha direito à sua privacidade ou não, no entanto, na Instituição A, Pré-Escolar, foi onde este indicador foi mais visível. Foi possível

observar que em metade das assembleias a criança teve direito à sua privacidade e na outra metade, esse direito não lhe foi garantido.

“A promoção dos direitos de participação assume-se como um imperativo para concretizar a ideia da criança como sujeito de direitos” (Tomás & Gama, 2011, p. 2)” e de um modo geral, as ideias das crianças foram levadas em conta, pontualmente. No entanto é necessário referir que, uma vez que a investigadora não conseguiu estar sempre presente em todos os momentos, não lhe foi possível observar se as ideias das crianças foram concretizadas ou não.

Praticamente em todas as assembleias, era permitido que as crianças partilhassem a sua opinião e manifestassem o seu ponto de vista, situação que Trevisan (2012) considera importante pois “ao referirem-se às suas experiências de participação, as crianças e jovens mencionam o sentido de pertença e a possibilidade de poderem confrontar opiniões e ideias, aprenderem como se formulam questões e argumentos, e a construção de opinião e solução...” (Trevisan, 2012, p.101). No entanto, nem sempre eram acolhidas da melhor forma – houve momentos, na Instituição A, Pré-Escolar, em que o adulto chegou a afirmar que não pediu à criança a sua opinião, apesar de considerarmos, com Fernandes (2003) que cada um ter direito à sua. Nesta situação “... o direito de a criança ser consultada e ouvida, o direito ao acesso à informação, à liberdade de expressão e opinião e o direito a tomar decisões em seu benefício” (Fernandes, 2003, p.42) foi negado. Já na instituição B, Pré-Escolar, esta partilha de opiniões foi mais notória e positiva, já que as assembleias de escola devem ajudar “...a que todos pertençam de modo positivo a uma comunidade mais vasta na qual todos são valorizados e onde são partilhadas ideias e valores” (Trevisan, 2012, p. 102)”.

Pôde-se verificar que as crianças, em ambas as Instituições e valências, têm opiniões distintas e diversificadas umas das outras, no entanto, por vezes, entre essa diversidade há crianças que partilham a mesma opinião dos colegas.

Ainda é importante lembrar que, como Freire (2001) defende, é necessário existir entre crianças e adultos “diálogo e negociação...numa relação aberta e dialógica...” assim, pode-se ainda ressaltar que a participação das crianças atinge um nível de maturidade quando os adultos e crianças se disponibilizam a

dialogar, negociar e ter em conta as ideias de ambos. O mesmo defendem Christensen & James (2005), pois consideram que “...o uso apropriado de teorias de participação encoraja a existência de diálogo, agrega análise e aprendizagem, processos que levam tempo e podem ser complexos.” No entanto, de um modo geral, nestas assembleias, isto não parece ter sido conseguido, uma vez que não se verificaram momentos de negociação em nenhuma assembleia. Em suma, “sair do modelo tradicional de escola, com mudanças nas formas de relação entre adultos e crianças e nos modos de trabalhar” (Cortesão & Jesus 2020, p.14) é um dos indicadores a ter em conta para a garantia e facilitação de uma participação ativa das crianças, bem como a negociação entre adultos e crianças, já que é considerado um processo que integra “...tanto as divergências como as convergências relativamente aos objetivos pretendidos e que resultam num processo híbrido” (Tomás, 2007, p. 49).

Em relação às tomadas de decisão, em alguns momentos as crianças puderam tomar decisões, noutros momentos não, acabando por ter sido o adulto a decidir. De salientar que na Instituição B, as crianças puderam sempre tomar decisões.

O adulto escutou a criança na maior parte das vezes, mas houve momentos em que não o fez, ainda assim, procurou dar-lhes feedback, o que permite dizer que nem sempre foram garantidas as condições de facilitação da participação, uma vez que como já foi antes discutido, uma das condições fundamentais para que a verdadeira participação aconteça, é garantir que o adulto dá feedback às crianças sobre as opiniões escutadas (Cortesão & Jesus, 2022).

As metodologias utilizadas nas assembleias nem sempre se mostraram ajustadas – isto porque, e ainda de acordo com os dados, na maior parte das vezes a linguagem era complexa, inacessível e as próprias dinâmicas não eram apelativas. Como Cortesão e Jesus (2020) chamam à atenção “envolver as crianças em momentos de escuta através de linguagem não compreensível e estimulante para elas” pode ser considerado como um inibidor de participação para as crianças. No entanto, na última parte da investigação, na instituição A, no Pré-Escolar, viu-se uma melhoria significativa e intencional neste indicador, uma vez que houve uma preocupação por parte da investigadora em melhorar este ponto – houve uma intencionalidade em tornar as assembleias mais

apelativas, convidando as crianças à participação, dinamizando sessões de quebra-gelo (como irá ser explicado mais abaixo), de modo que as crianças ficassem mais desinibidas e com uma maior predisposição à participação; importa acrescentar ainda, que a investigadora procurou utilizar sempre uma linguagem clara e acessível para todos, tentando olhar o mundo com o olhar de criança. Recorrendo à utilização de estratégias citadas anteriormente, pôde-se observar efeitos positivos no grupo, nomeadamente: um melhor entendimento do que o adulto lhes solicitava ou explicava, uma vez que a linguagem era ajustada a estas; uma maior vontade na concretização das assembleias, partilhada pelas crianças, uma vez que estas compreenderam que eram espaços onde se podiam divertir, partilhar, questionar e que acima de tudo, podiam participar com as suas contribuições, pois eram ouvidas pela investigadora. Esta, procurava assim, levar as sugestões das crianças em conta e proporcionado tempo e espaços seguros para que estas fossem concretizadas.

Pôde-se observar assimetrias de poder entre adulto e criança, pois na maior parte das vezes era o adulto que tinha protagonismo. Este acabava por “manter a posição hierárquica entre adultos e crianças, olhando as crianças como menos capazes” (Cortesão & Jesus, 2020, p.15) contrariamente ao que é esperado. Alguns adultos podem ajudar a que a criança se destaque e enalteça, por outro lado, este pode assumir um papel de manipulação que acaba por distorcer o que a criança queria expressar tal como defendem Christensen & James (2005) “Enquanto a presença de alguns adultos poderá facilitar explicações e a comunicação com a criança, noutras alturas os adultos podem ter a tendência de regular as vozes das crianças, ao desafiarem ou redefinirem o que dizem”. Um exemplo prático desta situação, foi observado na assembleia realizada no dia 06/03/23, na Instituição A, no Pré-Escolar, quando uma das crianças manifestou a sua opinião, no entanto esta não foi acolhida, muito pelo contrário, é rejeitada, acabando por dar voz à opinião de outras crianças, pois essas partilhavam da opinião do adulto. «“Ed.: Então vamos fazer assim, R. já deste uma ideia antes, vamos pela ideia do V. e do M.; vamos fazer uma baleia azul e um tubarão-baleia.” “Criança B.: Não quero...” “Ed.: Oh B. eu respeito a tua opinião, mas neste momento vou ter em conta a opinião do V. e M. ok? Eu percebo que não concordes, mas neste momento eles estão a dar opiniões muito

interessantes. Mas respeito a tua opinião...” Ou seja, o adulto acabou por privilegiar as suas próprias ideias e interesses em detrimento dos da criança.

Na primeira fase da investigação, na instituição A, 1ºCEB o adulto não assumiu o papel de mediador, gerindo conflitos e mediando diálogos, de modo que essas situações fossem gradualmente “...mais estruturadas e geridas pelas crianças...” (Ferreira & Azevedo, 2011, p. 14). No entanto, na instituição B e A, Pré-Escolar, já foi possível observar o adulto nesse papel. Esta situação poderá ser explicada pela forma como os adultos olham as crianças em ambos os contextos. No pré-escolar, por exemplo, onde as crianças são mais pequenas, e por isso, olhadas como menos competentes para resolver algumas questões, é mais natural o adulto assumir o papel de mediador. Por outro lado, no 1ºCEB, assume-se que as crianças já tenham mais maturidade, por isso o adulto não sente tanto a necessidade de mediar as assembleias. Assim, observou-se que em metade das assembleias, o adulto não assumiu este papel básico da participação, uma vez que se defende que é necessário passar de gestor a mediador, aproveitando e rentabilizando o conhecimento das crianças no âmbito das suas experiências e opiniões, para melhorar o bem-estar individual destas, mas também o bem-estar coletivo.

Na fase inicial da investigação, na Instituição A, 1ºCEB, não se verificaram situações que permitissem constatar se o adulto adotava um papel de defensor ou não; a meio da investigação, observou-se o adulto a ser defensor em apenas uma assembleia; já na fase final, na instituição A, Pré-Escolar, apesar de Tomás & Gama (2011) considerarem que o adulto deve intervir apenas como orientador, o adulto assumiu o papel de defensor em metade das assembleias. Assim, o adulto “...não está a permitir que esta se desenvolva e concretize, está sim a “protegê-la da sua própria incompetência” (Fernandes, 2003, p. 46). O adulto deve procurar encarar a criança como um ser de opiniões, ideias e direitos, capaz de se manifestar, participar e decidir sobre assuntos que a afetem. Assim, é importante que evite tomar decisões por ela e intervir, pois, assim, está a contribuir para que esta não se desenvolva. Deve ser dado espaço seguro para que a criança se defenda sozinha, construindo assim a sua própria personalidade, capacidade de diálogo, argumentação e por consequência, a sua própria capacidade de se defender.

Considera-se importante sublinhar que o adulto proporcionou informação adequada em todas as assembleias em ambas as instituições, pois “a criança precisa de entender claramente o que lhe está a ser perguntado ou proposto para poder participar de forma plena” (Cortesão & Jesus, 2022, p.5). Considera-se que, só assim, através da informação clara que lhe é dada é que a criança consegue efetivamente expressar-se e participar, pois “para a consolidação da imagem de infância participativa... será essencial começar por lhe proporcionar informação adequada para a formulação de opiniões validadas” (Fernandes, 2003, p. 49).

No que concerne à empatia demonstrada por parte do adulto, considera-se fundamental que este consiga “olhar as crianças como parceiros competentes nas decisões que afetam as suas vidas no contexto escolar” (Cortesão & Jesus, 2020, p.14). Os dados recolhidos mostram que isto aconteceu na instituição A, 1ºCEB; já na instituição B, Pré-Escolar, o adulto foi empático quase sempre, à exceção de uma assembleia; no entanto, na instituição A, Pré-Escolar o adulto apenas se revelou empático, em metade das assembleias. Estes dados indicam que nestas experiências observadas, o adulto não parece ainda valorizar a importância de se colocar no lugar das crianças e tentar ver o mundo com olhos destas, de modo a facilitar algumas explicações e formas de comunicação que possam ser significativas e positivas.

Quanto às sessões de quebra-gelo, foi um indicador que a investigadora procurou melhorar, podendo-se verificar que numa fase inicial, na instituição A, 1ºCEB, não houve sessões de quebra-gelo à exceção de uma assembleia; numa fase intermédia, instituição B, Pré-Escolar não houve sessões de quebra-gelo, já numa fase final, na instituição A, Pré-Escolar, houve sessões de quebra-gelo em todas as assembleias, à exceção de uma e numa situação pontual - a sessão de quebra-gelo foi realizada no final da assembleia, contrariamente ao que é suposto, perdendo assim o seu efeito “...ajudar cada um a sentir-se confiante e relaxado, com mais vontade de se ouvirem uns aos outros e de arriscar, partilhar ideias, com menos medo de serem rejeitados” (Christensen & James, 2005, p. 272) no entanto, esta situação decorreu devido a influência de fatores externos, nos quais a investigadora não teve influência. Tendo em conta os dados recolhidos, verificou-se que, de um modo geral, as sessões de quebra-gelo

influenciaram a tomada de decisão das crianças e as metodologias utilizadas, ou seja, nas assembleias em que houve a dinamização de quebra-gelo, de um modo geral, houve uma maior tomada de decisão por parte das crianças. Esta dinamização, em consequência, levou a que as metodologias utilizadas fossem consideradas ajustadas, sendo importante referir ainda que estas sessões foram atividades motivadoras para as crianças, uma vez que estas pediam diariamente a concretização destas dinâmicas.

2.3. Considerações Finais

Concluída a investigação, importa lembrar as questões que orientaram este trabalho. Considera-se importante lembrar que, infelizmente, a escola, atualmente, é ainda um espaço direcionado para o desenvolvimento formal do aluno, muito voltado para o contexto escolar, mas muito pouco direcionado para o desenvolvimento da criança como ser humano, indivíduo participativo na sociedade em que está inserido.

Assim, pretendeu-se investigar de que forma se poderia contribuir para contrariar esta situação, que aspetos se conseguiriam identificar que realmente ajudassem a contribuir para a construção de uma Escola diferente. Através da revisão da literatura, pôde-se perceber que a participação das crianças encara vários desafios e obstáculos, "...nomeadamente os inscritos em algumas perspetivas clássicas que encorajam a proteção e diferem o gozo da sua liberdade para a altura em que sejam capazes de perceber o alcance, abrangência e efeitos das suas ações" (Fernandes, 2003, p. 45). São no fundo, capacidades como a razão e a autonomia, que sustentam estas aptidões, que as crianças supostamente não possuem.

Posto isto, refletiu-se sobre o papel que a participação pode ter para o desenvolvimento da autonomia das crianças e vice-versa, levando à elaboração de várias questões, tais como: como é que é possível formarmos cidadãos capazes de intervir, contribuir e participar ativamente na sociedade? Será quando um indivíduo atingir a idade adulta, uma vez, que grande parte das vezes, só aí é cedida a permissão de participação? Será, por exemplo, que poderemos olhar as assembleias como espaços onde é possível serem trabalhadas competências, experiências, exploração e liberdade para que a tentativa-erro aconteça? Assim, pôde-se compreender que só quando este processo se inicia, é que a criança pode começar a revelar a sua capacidade de desenvolver um pensamento racional e contributivo, tomando decisões e partilhando pontos de vista, daí a importância dos espaços de participação.

Esta investigação foi um processo que permitiu conhecer contextos, conhecer crianças e adultos e ter experiências extremamente enriquecedoras e importantes. Permitiu também recolher dados que se consideram interessantes sobre o papel da participação das crianças e a sua relação com o

desenvolvimento da autonomia das mesmas. No entanto, também se reconhecem algumas limitações neste processo.

Como limites da investigação, importa referir que o contexto das assembleias do Pré-Escolar diferiram das assembleias do 1ºCEB. Isto porque as assembleias do 1ºCEB foram realizadas no final do ano, contrariamente às assembleias observadas no Pré-Escolar que foram decorrendo ao longo do semestre. Relativamente ao conhecimento dos distintos grupos, importa também salientar que no 1ºCEB, a investigadora não conhecia os alunos que o constituíam, contrariamente aos dois grupos de crianças do Pré-Escolar, com os quais a investigadora foi estagiária. No Pré-Escolar, a investigadora foi responsável por observar e dinamizar as assembleias, já no 1ºCEB, apenas observou as mesmas. Relativamente à questão da implicação da investigadora com os contextos, o facto de as assembleias do 1ºCEB se terem concretizado com grupos de alunos que, de facto não conhecia, nem acompanhava, acabou por condicionar a observação do desenvolvimento da autonomia destes ou não. Já no Pré-Escolar, o facto de a investigadora estar presente, permitiu que, através de uma observação participante, esta pudesse observar todo o processo. Esta diferente implicação nos dois contextos também levanta a questão da distância e proximidade afetiva dos objetos de estudo: se no caso das assembleias do 1ºCEB a investigadora conseguiu ter uma distância afetiva maior, permitindo uma capacidade de observação mais objetiva, também se tem consciência de que a proximidade afetiva com os grupos do Pré-Escolar (porque eram os grupos com os quais estagiou) permitiu uma possibilidade de interpretação dos dados no contexto e em relação a cada criança que no outro contexto não foi possível.

Como pistas de investigação futuras, perante a investigação realizada, considera-se que seria interessante procurar perceber até onde a participação das crianças podia ir se efetivamente lhes fossem concedidos espaços e oportunidades para participar. Ou seja, dinamizando momentos de participação, tais como as assembleias, de uma forma contínua e sistemática, que crianças teríamos perante nós? De que forma essa ação mudaria o ensino? Seria o adulto capaz de cooperar, de forma plena, com crianças tão autónomas, críticas e participativas?

Considera-se agora importante procurar tecer algumas reflexões e considerações finais sobre o que foi investigado.

Em primeiro lugar, os dados recolhidos parecem, de facto, apoiar a ideia de que existe ainda uma proteção exagerada por parte do adulto em relação às crianças, acabando por ser ele a tomar decisões pelas crianças. Ao fazê-lo, considera-se como Fernandes (2003, p.46) que “...não está a permitir que esta se desenvolva e concretize, está sim a protegê-la da sua própria incompetência”.

Segundo os dados recolhidos, constata-se que o adulto nem sempre permite que a criança experiencie, tente, erre e se desenvolva no âmbito da participação, no entanto é necessário dar espaço e oportunidades para que estas se desenvolvam “...longe do olhar do adulto...” (Ferreira & Azevedo, 2011, p. 13). Tal como Fernandes, acrescenta, é necessário “...reivindicar competência, espaço de ação e intervenção das crianças no exercício dos seus direitos, e simultaneamente, consoante o seu grau de dependência e vulnerabilidade, enfatizar o quanto precisam da nossa proteção” (Fernandes, 2003, p. 44). A proteção em exagero, por parte do adulto, acaba por se tornar um inibidor de participação, condicionando este processo da criança, não permitindo que esta contribua nas decisões que a afetam – este ação é revelada como um incumprimento de um dos Direitos da Criança de 1989, referido no artigo 12 da Convenção das Nações Unidas, já que este afirma que as crianças e jovens “...têm o direito de serem envolvidos em decisões que os afetam” (UNICEF, 2017, p. 52).

As assembleias de sala e de turma assumem, neste contexto, um papel fulcral para a mudança institucional, pois põem em prática espaços e tempos nos quais a criança assume um papel interventivo, sugestivo e participativo proporcionador de momentos em que os alunos “...se sintam escutados e, por isso, mais implicados e comprometidos com a vida escolar, o mesmo é dizer consigo mesmos e com os outros” (Cortesão & Jesus, 2020, p.19). Nestes contextos, têm oportunidade para ponderar, analisar, questionar, refletir sobre o que é que não correu tão bem, o que é que pode ser feito para correr melhor, tomando assim decisões e seguir em frente.

Portanto, é fundamental “...construir espaços sociais onde a criança tenha a possibilidade de tornar visíveis as suas representações acerca do mundo social que a envolve, acerca do conjunto de requisitos sociais e culturais que para ela são significativos e que atribuem significado às interações com os outros” (Fernandes, 2003, p. 303). Estes espaços permitem que as crianças desenvolvam a sua autonomia, consciência de si e do outro, pensamento reflexivo, criativo e crítico, resolvam problemas, encontrem soluções para si e para os que os rodeiam, promovem o diálogo, a interajuda, entre outros.

Pelo que foi observado, é possível constatar que ao longo das assembleias as crianças foram revelando um pensamento mais reflexivo, nomeadamente na manifestação da vontade de justiça. Tendo em conta os dados recolhidos, é possível observar que numa fase inicial as crianças não manifestaram essa vontade, possivelmente porque não tinham ainda desenvolvido capacidade para observar discrepâncias e verbalizá-las ou então porque talvez, inicialmente, tivessem receio de o fazer, face à postura do adulto. No entanto, numa fase final, estas já o conseguiram fazer, verbalizando, expressando e inclusivamente questionando-o.

Cada instituição deve ser responsável por elaborar estratégias e metodologias que contem com a participação e colaboração das crianças, pois “uma escola democrática dá ao aluno o poder sobre o seu próprio processo de aprendizagem” (Cortesão, & Jesus, 2020, p.10) tendo de ter em conta o contexto no qual elas se encontram, a sua idade, maturidade, desenvolvimento e interesses, mas sempre com a preocupação que estes se tornem cidadãos participativos na sociedade em que se encontram. Segundo os dados recolhidos, os adultos continuam, muito frequentemente, a não reconhecer competências nas crianças, não olhando para estas como companheiros de construção de aprendizagem, como aqui defendemos. A prova disso mesmo é que tendo em conta as assembleias observadas, as ideias das crianças nem sempre foram levadas em conta. Os adultos continuam a não ter como preocupação a criação de espaços onde as crianças possam participar, tendo em conta a maturidade, idade e interesses destas.

É necessário que as crianças participem desde cedo em atividades significativas, com o apoio do adulto, pois não faz sentido esperar que estas se tornem

“responsáveis” de um momento para o outro, quando atingem a maioria, sem que tenham passado por inúmeras experiências de participação antes – as crianças devem, assim, descobrir e treinar as suas competências, tornar-se responsáveis e confiantes, de uma forma gradual. É importante que as crianças se sintam motivadas e envolvidas num determinado projeto, pois só assim, atingem sucesso no mesmo.

Ao longo do processo de investigação, foi possível observar que numa fase inicial deste projeto de investigação, as crianças pareciam não entender qual era a finalidade das assembleias, como era suposto decorrerem e qual o objetivo destas, no entanto, quanto mais oportunidades de participação estas tiveram, mais envolvidas e com sentido se começaram a mostrar. Foi possível observar que as crianças compreenderam que as suas vozes eram ouvidas e que as suas sugestões eram acolhidas e concretizadas, o que acabou por motivá-las a quererem participar cada vez mais.

As crianças participam mais e melhor, conforme as oportunidades que vão tendo de participação, pois esta é um processo. Infelizmente, não é ainda um processo natural pois a escola não convida à participação, tal como refere Fernandes (2003) “...a participação deve ser adquirida através da prática, não podendo ser ensinada como uma abstração” (Fernandes, 2003, p. 49). Importa acrescentar ainda, que agregada a esta participação, vêm responsabilidades, no entanto, para estas serem aprendidas, têm de estar envolvidas neste processo de aprendizagem, pois através da ação/prática é que se aprende.

Assim, é necessário que os adultos entendam e aprendam a importância da participação das crianças, mas acima de tudo, a pratiquem para depois incentivarem, potenciarem e permitirem isso mesmo às suas crianças. Mais ainda, como acrescenta Hart (1992), “deve-se procurar envolver as famílias e as comunidades e, simultaneamente, as famílias devem ser encorajadas a abrir as práticas tradicionais para um maior envolvimento dos seus filhos”. Os alunos devem ser vistos como agentes de participação e mudança, “...como ferramenta essencial em qualquer processo participativo” (Fernandes, 2003, p. 295) uma vez que, melhor que ninguém, estes sabem o que fazer para melhorar em assuntos que lhes dizem respeito, quer no ambiente escolar ou não. Defende-se

assim que devem ser parte ativa, usando adequadamente a liberdade que lhes é dada, ponderando e pensando mais em si e nos outros, pois deixam de ser meros recetores, deixando de ser “...recipientes passivos da socialização adulta, para um reconhecimento de que as crianças são atores sociais de direito próprio” (Christensen & James, 2005, p. 19).

Assim, é possível concluir que no âmbito desta investigação, foi possível perceber que o contexto e a postura do adulto influenciam muito o tipo de participação. Por exemplo, na fase final da investigação, foi possível observar uma preocupação acrescida por parte do adulto em garantir que as crianças tivessem uma participação ativa e ao assumir esta postura, as crianças efetivamente participavam mais, influenciando diretamente as decisões que eram tomadas, através do diálogo entre elas e o adulto. Isto mesmo é sublinhado por Cortesão e Jesus (2020), quando afirmam que “A ele cabe orientar os alunos, proporcionando momentos favoráveis à participação, com finalidades educativas bem definidas e objetivos bem delineados.” É também imprescindível que o adulto aprenda a perceber quando falar e não falar, quando deve só ouvir, quando deve apoiar e orientar, pois nos processos educativos, é a criança que deve assumir o papel de protagonista. Nas assembleias observadas, o adulto nem sempre entendeu quando devia falar e quando devia ouvir. Defende-se que, idealmente, este devia garantir que todos os alunos se expressassem e fossem escutados, através da preparação dos espaços seguros de participação, refletindo sobre o seu papel nestes contextos.

Em suma, espaços de participação que privilegiem a partilha, opinião, sugestão, diálogo e negociação, entre crianças e adultos, mas sobretudo, com a criança no centro da aprendizagem e assumindo o controlo, acabam por se tornar espaços que promovem o desenvolvimento da autonomia destas. Tal como referem Ferreira & Azevedo (2011), “...o ambiente da criança na escola deveria ser um prolongamento do ambiente familiar, isto é, um espaço onde coabitam adultos e crianças com diferentes idades” (p.12) onde é criada uma dinâmica que potencie a interação e a socialização das crianças para participarem ativamente numa sociedade democrática e solidária. No entanto, é importante ter em conta que assistimos ainda a falsos ambientes de participação e desrespeitosos para com as crianças onde as vozes destas são abafadas pois

“...os discursos revelam palavras adultas através da fala das crianças” (Fernandes, 2003, p. 294). Tal como é possível observar nos dados recolhidos, houve momentos nos quais o adulto abafou as vozes das crianças, direcionando as vontades destas para a própria escolha e interesse. Uma vez mais, nestes casos, o adulto não adota a postura de confiança que era suposto, dando espaço para que as crianças experienciem, errem, alterem a premissa ou premissas que levaram a que o processo corresse mal e em seguida, gerassem uma nova expectativa, tentando de novo. Tal como Julio (2020, p. 5) defende “...o erro é a chave da aprendizagem natural...” no entanto, o adulto continua a não permitir que a criança tente, experiencie, erre e aprenda por ela. Contrariamente, o adulto assume o papel de protagonista, satisfazendo as suas vontades ao invés dos interesses das crianças.

Os processos de participação implementados em contexto escolar não fazem com que as crianças se tornem competentes para participar, mas sim permitem que estas cresçam e desenvolvam as suas competências através da participação. Ou seja, a participação permite que as crianças se desenvolvam e desenvolvam as suas competências, conforme vão experimentando, não se podendo esperar que sejam as crianças a criar estes espaços, uma vez que esse é papel do adulto. Julga-se assim, que este deve repensar e refletir o seu papel. Considera-se ainda importante pensar que a formação destes docentes deveria também passar por permitir que, durante a sua formação, tenham espaços e tempos onde lhes seja possível refletir e perceber a importância da participação das crianças nos processos educativos, os seus benefícios e as suas implicações, de modo que repliquem e exercitem essa ação na sua prática, criando condições para que a criança participe.

Em suma, e tendo em conta os dados recolhidos, pôde-se constatar que na Instituição B, Pré-Escolar houve um desenvolvimento e reflexão por parte do adulto, no que concerne à Participação das Crianças, uma vez inicialmente se pôde observar o adulto a assumir o controlo das assembleias, mas numa fase final, já eram as crianças a assumir o controlo das mesmas. O mesmo aconteceu relativamente às ideias de as crianças serem levadas em conta, pois inicialmente o adulto tinha dificuldade em aceitar e pôr em prática as ideias das crianças, mas no final, estas foram levadas em conta. Inicialmente, o adulto nem sempre

escutava a criança, mas de uma forma gradual, este foi procurando escutá-la. Esta atitude traduziu-se também na empatia do adulto, uma vez que no início, este não assumia uma postura empática, mas no final, este alterou essa atitude, tendo-se colocado no lugar das crianças. Isto levou a que as metodologias fossem ajustadas e melhoradas, que inicialmente se mostraram complexas e desajustadas, mas numa fase final estas revelaram-se mais apropriadas para as crianças.

Na Instituição A, Pré-Escolar, à semelhança da Instituição B, houve um desenvolver crescente e reflexivo por parte do adulto, no âmbito da Participação das Crianças. Inicialmente, nas assembleias, era sempre o adulto a escolher os temas abordados, no entanto, numa fase final, foi possível observar as crianças a assumirem esse papel, escolhendo a temática que queriam abordar. Numa fase inicial, as crianças não verificaram desigualdades (ou pelo menos, não as manifestaram) nem manifestaram vontade de justiça, no entanto, numa fase final, com o desenvolver das competências que as assembleias potenciam, as crianças revelaram observar algumas discrepâncias e desigualdades, procurando que justiça fosse feita. Assim, o adulto, foi gradualmente ajustando as metodologias às crianças conforme as assembleias iam acontecendo. Por fim, importa salientar que inicialmente não foram realizadas sessões de quebra-gelo, mas numa fase final, sim.

Assim, é necessário referir então, que quando as estratégias (nomeadamente a linguagem) são adaptadas ao grupo em questão, as crianças sentem-se mais “convidadas” a participar, participando efetivamente.

Desta forma, mais do que considerar que as assembleias são espaços de promoção de autonomia, uma vez que, segundo os dados recolhidos, podemos observar o crescer e desenvolver de competências das crianças, tornando-se assim mais independentes, reflexivas, críticas, sugestivas e por sua vez, participativas, podemos considerar que estas experiências também permitem ao adulto um desenvolvimento no que concerne à sua atitude perante o papel das crianças na participação em assuntos que as afetam. Foi possível observar que esta mudança de atitude ao longo das assembleias, assumindo um papel mais facilitador e que levou a que o foco fosse direcionado para as crianças, ao invés de ser voltado para si, lentamente e através do exercício de participação, este

começou a ver a criança como um ser competente, contrariamente à sua ideia inicial. Ainda assim, a ideia de incompetência que os adultos associam às crianças, continua a ser um problema e precisa de urgentemente ser mudado através da promoção de espaços de participação. Quanto mais se praticar a participação, mais ela acontece e de uma forma natural. Defende-se a importância de o adulto procurar não ser tão protetor, adotando uma postura de confiança e escuta, perante as crianças.

Assim, a participação não deverá ser adiada em função da idade, mas sim ajustada. A autonomia deve ser exercitada, tal como o exercício de participação e através dela – sendo que a participação da criança aumenta a sua autonomia e vice-versa: quanto mais uma criança participa, mais autónoma se torna e quanto mais autónoma esta é, mais participativa acaba por ser. Considera-se que é função do adulto pensar e privilegiar práticas que potenciem o desenvolvimento holístico da criança, levando a que esta se construa e aja como o sujeito ativo que é, ou seja, o adulto deverá ter sempre como objetivo “...formar cidadãos aptos para participar na sociedade” (Ferreira & Azevedo, 2011, p.17). Dando espaço para que as crianças se desenvolvam autonomamente, sem a constante intervenção do adulto, estamos a permitir que estas contribuam de forma participativa, construtiva e responsável. Cabe ao adulto preparar o ambiente, tornando-o seguro, pois assim a criança fará o seu percurso de forma autónoma, aprendendo por si própria e pensando por si mesma. É neste cenário, que autonomamente a criança se conhecerá e entenderá quais os seus interesses e questionamentos, levando ao diálogo com o adulto e assim, de uma forma participativa, construindo o seu conhecimento.

Em suma, através deste trabalho foi possível observar que quando é dado espaço para que a criança experiencie e se desenvolva, com o apoio, mas sem a intervenção diretiva do adulto, a criança fica perante momentos em que tem de ponderar, refletir e agir; dando-se assim, o processo de verdadeira participação que permite e estimula o desenvolvimento da sua autonomia.

Referências Bibliográficas

- Alderson, P. (1999). *The international Journal of children's rights*, 7, 4-4.
- Azevedo, S. D. S., & Ferreira, F. I. (2011). Autonomia e participação das crianças na pedagogia Jenaplan: estudo dos dispositivos estruturantes da aprendizagem numa escola holandesa.
- Bastos, A., & Veiga, F. (Eds.). (2016). *A análise do bem-estar das crianças e jovens e os direitos da criança*. Húmus.
- Christino, R. R. (1997). Piaget e Kant: uma comparação do conceito de autonomia. *Nuances: estudos sobre Educação*, 3.
- Cockburn, T. (2012). *Rethinking children's citizenship*. Springer.
- Cortesão, I., & Jesus, P. (2022). À-participação ou participação das crianças? Experiências de inovação educacional vistas pelas próprias. *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, (23), 1-34.
- Cortesão, I. Z. C. M. (2020). *Processos e Resultados percebidos sobre a participação em projetos de música coral comunitária com crianças: "...e gostamos de estar à beira dos nossos colegas, a cantar todos juntos!"*.
- Debus, J. C. (2018). *Educação para a autonomia: reflexões sobre a atualidade do conceito de autonomia a partir de um estudo entre crianças*. Tese de Doutorado publicado, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Documento Guia Participação Irmãs Doroteias* Cortesão, I., & Jesus, P. (2020). Guia da Participação das Crianças e Jovens: Centros Educativos das Irmãs Doroteias. *Bússola 21*.
- Fernandes, N. (2003). *Infância e direitos: participação das crianças nos contextos de vida: representações, práticas e poderes*. Tese de Doutorado publicada, Universidade do Minho.
- Freire-Ribeiro, I. (2011). Cidadania da criança: escola e sociedade como palcos de participação. *EDUSER: revista de educação*, 3, 17-26.
- Hart, RA (1992). *Participação infantil: do tokenismo à cidadania* (nº inness92/6).

JAMES, A., & CHRISTENSEN, P. (2005). *Investigação com crianças—perspetivas e práticas. Porto, PRT: Escola Superior de Educação Paula Frassinetti.*

Julio (2020). *Servicio de Innovación Educativa de la UPM: Learning By Doing.* Madrid: Universidad Politécnica de Madrid. Consultado em 27/06/2023, disponível em: https://innovacioneducativa.upm.es/guias_pd

Martins, G. D. O., Gomes, C. A. S., Brocardo, J., Pedroso, J. V., Camilo, J. L. A., Silva, L. M. U., ... & Rodrigues, S. M. C. V. (2016). *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória.*

Meirinhos, M., & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *EduSer*, 2(2).

Menezes, I. (2003). Participation experiences and civic concepts, attitudes and engagements: implication for citizenship education projects. *European Educational Research Journal*, 2(3), 430-445

Piaget, J. (1994). *O juízo moral na criança.* Grupo Editorial Summus.

PORVIR. (s.d.). *Guia Participação dos Estudantes na Escola.*

Prout, A. (2003). Participação, política e as condições mutáveis da infância. Em *Ouvindo as vozes das crianças* (pp. 27-41). Routledge.

Sarmiento, M. J. (2003). *Perspetivas sobre a Inclusão: da educação à sociedade.* Porto: Porto Editora.

Tomás, C. (2007). “Participação não tem Idade” Participação das crianças e cidadania da infância. *Revista Contexto & Educação*, 22(78), 45-68.

Tomás, C., & Gama, A. (2011). Cultura de (não) participação das crianças em contexto escolar. *Educação, Territórios e (Des) Igualdades II Encontro de Sociologia da Educação.*

Trevisan, G. (2012). *Cidadania e participação: uma proposta de análise das competências de tomada de decisão das crianças na escola.*

UNICEF. (2017). Obtido de Unicef | Para Cada Criança: <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>

Unidas, A. G. (20 de novembro de 1959). Declaração dos Direitos da Criança.

Documentos Oficiais

Direção-Geral da Educação. *Aprendizagens Essenciais - 1.º, 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico*. Lisboa: DGE. Consultado em 01/11/2021,

<http://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-ensinobasico?fbclid=IwAR3-UHPeDZsU9bJY2W9XgnzRSFdn32rXfnjJOAug-iAldm637nlem4IGSGo>

Apêndices

Apêndice 1

Grelha Exemplar utilizada na observação das assembleias

Temas			
	Criança	Adulto	Observações
Quem escolhe os temas			
	S	N	Observações
Assuntos referentes à sala de aula			
Assuntos referentes à escola			
Assuntos referentes à comunidade			
Assuntos referentes ao dia a dia			
Outros assuntos			
Organização			
	Criança	Adulto	Observações
Quem organiza os grupos			
Atitude/Postura das Crianças			
	S	N	Observações
Crianças no controlo			
Criança identifica desigualdades			
Criança manifesta vontade de justiça			
Criança negocia			
Criança pode expressar o seu ponto de vista/opinião			
Ideias das crianças são levadas em conta			
Crianças têm opiniões distintas/opostas			
Crianças tomam decisões			
Adulto			
	S	N	Observações
Dá feedback às crianças			
Adulto escuta a criança			
Metodologias ajustadas às crianças			
Assimetrias de poder entre criança e adulto			
Adulto como mediador			
Adulto como defensor			
Adulto proporciona informação adequada à criança			
Adulto é empático – coloca-se no lugar da criança			
Outros			
	S	N	Observações
Sessões de quebra-gelo			

Apêndice 2

Grelha de Observação da Assembleia de Turma do 1º ano

Instituição A – PES IV no 1º Ciclo do Ensino Básico (25/05/22)

Temas			
	Criança	Adulto	Observações
Quem escolhe os temas		x	Adultos escolhem previamente os temas a serem abordados “Ementa para o Dia da Criança; Atividades para o Dia da Criança; Atividades para a 1ª semana de julho”
	S	N	Observações
Assuntos referentes à sala de aula		x	
Assuntos referentes à escola		x	
Assuntos referentes à comunidade		x	
Assuntos referentes ao dia a dia		x	
Outros assuntos	x		Ementa para o Dia da Criança; Atividades para o Dia da Criança; Atividades para a 1ª semana de julho. Motivo de comemoração do Dia da Criança.
Organização			
	Criança	Adulto	Observações
Quem organiza os grupos			Turma fica exatamente como está.
Atitude/Postura das Crianças			
	S	N	Observações
Crianças no controlo		x	<p>Professora é a orientadora da assembleia. Fala e anota. Os alunos contribuem com sugestões.</p> <p>Professora “delegada há uns tempos tiveste uma reunião, em que decidiram que em assembleia de turma vamos decidir o quê?” Delegada diz quais os assuntos. Aluno interrompe “eu sei como podemos escolher o que vamos comer: votamos.” Professora “ok, mas agora ainda não é altura para isso.”</p> <p>Após a apresentação, a prof questiona então qual a ementa que cada um gostaria de comer e beber. Alunos colocam o dedo no ar para dar a sua sugestão. Professora vai anotando.</p> <p>Em seguida, questiona então quais as atividades que cada um gostaria de fazer no Dia da Criança. Alunos colocam o dedo no ar para dar a sua sugestão. Professora vai anotando.</p> <p>Por fim, quais as atividades que cada um gostaria de fazer no Dia da Criança na 1ª semana de Julho. Alunos colocam o dedo no ar para dar a sua sugestão. Professora vai anotando.</p>
Criança identifica desigualdades			Não se verificou
Criança manifesta vontade de justiça			Não se verificou
Criança negocia			Não se verificou
Criança pode expressar o seu ponto de vista/opinião	x		<p>Prof “Vocês são crianças e têm os vossos direitos e deveres. Por exemplo?”</p> <p>Alunos “ler livros, brincar...”</p>
Ideias das crianças são levadas em conta			
Crianças têm opiniões distintas/opostas	x		“Massa à bolonhesa” “Pizza” “Lasanha” “Hambúrguer”
Crianças tomam decisões			Não se verificou
Adulto			
	S	N	Observações

Dá feedback às crianças	x		“Então pelo que eu percebi, vocês querem é jogar jogos e torneiros no Dia da Criança. É isso, não é?”
Adulto escuta a criança		x	Aluna: “Eu gostava de fazer aquele jogo que..” Professora: “Pronto, jogos” Aluna “...aquele jogo que dá música e depois quando pára..” Professora: “ah o macaquinho chinês!” Aluna: “não, aquele jogo que a música pára e nós ficamos parados” Professora: “pronto, jogos”
Metodologias ajustadas às crianças		x	Professora apresenta um PPT com uma linguagem complexa para alunos do 1º ano “Depois da 2ª guerra mundial...” “Não será permitido que ela trabalhe ou tenha ocupação que prejudique os estudos ou saúde” “Toda a criança terá proteção contra atos de discriminação”
Assimetrias de poder entre criança e adulto			Não se verificou
Adulto como mediador			Não se verificou
Adulto como defensor			Não se verificou
Adulto proporciona informação adequada à criança	x		Professora: “Antes de discutirmos as coisas para o Dia da Criança, vamos perceber porque se festeja este dia. Infelizmente, não é pelos melhores motivos. Vocês são uns sortudos!” Aluno: “Professora, eu não gosto de sumo. Prefiro água.” Professora: “Pronto, água temos sempre. Quem não quer beber sumo, pode beber água.” No final, a professora faz um balanço do que foi sugerido – “então, estas sugestões dadas por vocês, vão ser levadas pela nossa delegada à reunião de delegados.”
Adulto é empático – coloca-se no lugar da criança	x		Aluna “eu não quero beber sumo” Professora “ninguém te vai obrigar a beber sumo. Nós temos sempre água na cantina, se quiseres beber água, podes beber!”
Outros			
	S	N	Observações
Sessões de quebra-gelo		x	Professora apresenta um PPT sobre o Dia Da Criança.

Apêndice 3

Grelha de Observação da Assembleia de Turma do 2º ano

Instituição A – PES IV no 1º Ciclo do Ensino Básico (25/05/22)

Temas			
	Criança	Adulto	Observações
Quem escolhe os temas		x	Adultos escolhem os temas previamente (ementa do Dia da Criança; atividades para o Dia da Criança; atividades para a 1ª semana de julho)
	S	N	Observações
Assuntos referentes à sala de aula		X	
Assuntos referentes à escola		x	
Assuntos referentes à comunidade		x	
Assuntos referentes ao dia a dia		x	
Outros assuntos	x		Ementa do Dia da Criança; atividades para o Dia da Criança; atividades para a 1ª semana de julho
Organização			
	Criança	Adulto	Observações
Quem organiza os grupos			Não estão organizados por grupo
Atitude/Postura das Crianças			
	S	N	Observações
Crianças no controlo		x	Professora orienta a assembleia
Criança identifica desigualdades			Não se verificou
Criança manifesta vontade de justiça			Não se verificou
Criança negocia			Não se verificou
Criança pode expressar o seu ponto de vista/opinião	x		Aluno: "Não gosto nada dessa atividade." Aluno: "Gostava de fazer ski" Aluno: "Gostava de ir à disneyland."
Ideias das crianças são levadas em conta			Não se verificou
Crianças têm opiniões distintas/opostas	x		"Eu quero pizza" "Eu quero hambúrguer" "Eu quero folhado de carne" "Eu quero cachorro" "Eu quero fazer slide" "Eu quero fazer trampolim" "Eu quero dançar" "Eu quero ir para a mata"
Crianças tomam decisões		x	Professora diz aos alunos quais os pratos mais votados e com quantos votos. Delegado e subdelegado, anotam. Verificou-se um empate entre dois pratos, a professora vota num deles para desempatar.
Adulto			
	S	N	Observações
Dá feedback às crianças	x		"Professora, quero alterar a minha escolha para peixe com salada." "Ok, mas vamos levar à assembleia de escola os dois pratos mais votados. Acabaste de alterar para um prato que não tem nenhum voto... queres alterar?" "Não."
Adulto escuta a criança	x		"Professora, quero alterar a escolha. Em vez de folhado de carne, quero hambúrguer" (Professora altera o registo)



Metodologias ajustadas às crianças		x	Professora vai questionando os alunos qual a ementa que querem, seguindo a ordem pela qual estão sentados e anota. Professora vai questionando os alunos qual a atividade que querem fazer no Dia da Criança, seguindo a ordem pela qual estão sentados e anota. Professora diz aos alunos quais as sobremesas mais votadas e com quantos votos. Delegado e subdelegado, anotam. “O assunto da ementa está fechado. Vamos avançar para o próximo tema.” Diz a professora.
Assimetrias de poder entre criança e adulto			Não se verificou
Adulto como mediador			Não se verificou
Adulto como defensor			Não se verificou
Adulto proporciona informação adequada à criança	x		Aluno: “Quero hambúrguer com batatas fritas e gelado com chocolate” Professora: “isso é a sobremesa, agora estamos a falar do prato principal” Aluno: “Não gosto nada dessa atividade.” Professora: “Olhem, de certeza que no Dia da Criança vai haver várias atividades e vocês não vão ser obrigados a fazerem uma atividade que não gostem” Aluno: “Gostava de fazer ski” Professora: “Ski? No verão vai ser difícil” Alunos estão a sugerir várias atividades e a repeti-las. Professora “Não estejam a repetir atividades, pois vamos levar todas as sugestões e se cada um disser uma diferente, podemos levar mais.” Aluno: “Ir à disneyland” Professora: “é muito longe, não me parece” Aluno: “Andar de foguetão” Professora: “onde é que dá para andar de foguetão? Vamos agora aos EUA...”
Adulto é empático – coloca-se no lugar da criança			Não se verificou
Outros			
	S	N	Observações
Sessões de quebra-gelo		x	Professora inicia a aula dizendo: “Vamos dar início à nossa assembleia...”

Apêndice 4

Grelha de Observação da Assembleia de Turma do 4º ano

Instituição A – PES IV no 1º Ciclo do Ensino Básico (12/05/22)

Temas			
	Criança	Adulto	Observações
Quem escolhe os temas		X	Adultos escolhem os temas previamente
	S	N	Observações
Assuntos referentes à sala de aula		x	
Assuntos referentes à escola		x	
Assuntos referentes à comunidade		x	
Assuntos referentes ao dia a dia		x	
Outros assuntos	x		Ementa do Dia da Criança; atividades para o Dia da Criança; atividades para a 1ª semana de julho; Newsletter “A despedida”.
Organização			
	Criança	Adulto	Observações
Quem organiza os grupos			Turma já está previamente preparada em grupos de 5/6 alunos, pois é assim que a turma se encontra ao longo das atividades letivas.
Atitude/Postura das Crianças			
	S	N	Observações
Crianças no controlo		x	<p>É a professora que projeta os temas a tratar na assembleia e professora pede para delegada abrir a assembleia.</p> <p>É a professora que vê e anota, quais os alunos que estão a faltar e vai orientando a assembleia, pedindo para fazer uma paragem e ser outro aluno a intervir.</p> <p>Supostamente é a delegada de turma que se encontra a liderar a assembleia, no entanto, é sempre a professora que acaba por controlar. Professora: “delegada, tens de pôr ordem na assembleia – és tu que lideras a assembleia. Estão a fazer muito barulho, não estão a respeitar a presidente da assembleia”</p> <p>Delegada: “Há mais alguma sugestão?” (silêncio) Professora: “Não há? Ok! Avançamos!”</p> <p>Aluna explica que no dia 1 de junho a turma vai à quinta da família e quer que estes pensem em atividades para fazer lá – a professora intervém e explica melhor...</p>
Criança identifica desigualdades			Não se verificou
Criança manifesta vontade de justiça			Não se verificou
Criança negocia			Não se verificou
Criança pode expressar o seu ponto de vista/opinião		x	Aluno sugere fazerem um cozido à portuguesa, se existirem legumes e professora, responde “chegou à hora da parvalheira”
Ideias das crianças são levadas em conta			Não se verificou
Crianças têm opiniões distintas/opostas	x		“Eu quero pizza”, “Eu quero hambúrguer”, “Eu quero ovo e batatas fritas.”
Crianças tomam decisões		x	Crianças vão dando ideias do que querem fazer no dia das crianças. No entanto, ainda vão ser pensadas.
Adulto			
	S	N	Observações



Dá feedback às crianças	x		<p>Aluno sugere irem fazer surf. Professora regista, mas diz: “digo-vos já que esta não vai para a frente. Dá uma trabalhadeira enorme, não há fatos para todos e nós professores não queremos responsabilidades.”</p> <p>Aluno: “Dar uma volta no elétrico no porto.” Professora: “Essa é gira.”</p> <p>Aluno: “Ir ao cinema.” Professora (acena com a cabeça.)</p>
Adulto escuta a criança	x		<p>Professora: “E atividades fora do colégio?” Aluno: “Uma caminhada” Professora: “Por exemplo junto ao rio?”</p>
Metodologias ajustadas às crianças		x	
Assimetrias de poder entre criança e adulto			Não se verificou
Adulto como mediador			Não se verificou
Adulto como defensor			Não se verificou
Adulto proporciona informação adequada à criança	x		<p>Professora: “Nas assembleias, por lei, costumamos dar 30min de tolerância, neste caso, não damos tolerância porque já estão todos presentes.”</p> <p>Assembleia tem dois temas a serem abordados. Todos os alunos dão sugestões para o primeiro tema, quando um aluno fala do segundo tema a professora interrompe “ainda estamos a falar do primeiro tema”</p> <p>Aluno sugere tosquiarem ovelhas para fazerem uma camisola para o inverno, a professora explica que vão lá estar das 9h às 16h, logo, não vai dar para fazer camisolas.</p> <p>Em relação às atividades que os alunos foram dando, professora intervém: “Oh filhos, este tipo de jogos são todos tradicionais! Relembro que costumamos contratar empresas para fazerem slide, carting...”</p> <p>Professora: “Agora este documento vamos fazer chegar ao teacher. Quando acabamos as assembleias, fazemos uma ata.”</p>
Adulto é empático – coloca-se no lugar da criança			Não se verificou
Outros			
	S	N	Observações
Sessões de quebra-gelo		x	

Apêndice 5

Grelha de Observação da Assembleia de Escola

Instituição A – PES IV no 1º Ciclo do Ensino Básico (27/05/22)

Temas			
	Criança	Adulto	Observações
Quem escolhe os temas		x	Adultos escolhem previamente os temas a serem abordados “Ementa para o Dia da Criança; Atividades para o Dia da Criança; Atividades para a 1ª semana de julho”
	S	N	Observações
Assuntos referentes à sala de aula		x	
Assuntos referentes à escola	x		Reflexão sobre o comportamento das turmas desde a assembleia passada, uma vez que foi um ponto a melhorar.
Assuntos referentes à comunidade		x	
Assuntos referentes ao dia a dia		x	
Outros assuntos	x		Ementa do Dia Da Criança; Atividades para o Dia da Criança; Atividades para a 1ª semana de julho
Organização			
	Criança	Adulto	Observações
Quem organiza os grupos			Alunos estão divididos por turma.
Atitude/Postura das Crianças			
	S	N	Observações
Crianças no controlo	x		São as 4 crianças, do 4º ano que lideram e orientam a assembleia de escola. Escolhendo quem fala e o que vão fazer a seguir.
Criança identifica desigualdades			Não se verificou
Criança manifesta vontade de justiça			Não se verificou
Criança negocia			Não se verificou
Criança pode expressar o seu ponto de vista/opinião	x		Aluno: “eu acho que melhorou muito porque antes apanhávamos lanches na casa de banho e desde a assembleia passada que deixaram de aparecer” Aluno: “já não magoamos as outras pessoas, nem as chateamos” Aluna: “eu acho que o comportamento de algumas pessoas não melhorou assim tanto...” Aluna: “acho que tem melhorado pois agora no futebol não há assim tanta disputa” Aluna: “acho que não está melhor porque há meninos que abrem as torneiras e deixam-nas a correr e continua a haver comida no caixote do lixo...” Aluna: “os alunos não devem fazer da cadeira baloiço..” Aluno: “há alunos que não puxam o autoclismo e dizem palavrões” Aluno: “na mata costumo ver máscaras e lixo e no refeitório, vejo muita gente a deixar comida no prato”
Ideias das crianças são levadas em conta			Não se verificou
Crianças têm opiniões distintas/opostas			Aluno “eu acho que melhorou muito” Aluna “eu acho que não está melhor” Alunos referem-se ao comportamento
Crianças tomam decisões	x	x	Alunas informam das conclusões para a 1º semana de julho: “hangar2020, zoo da maia, escalada, parque da lavandeira...”, estas foram ideias sugeridas em assembleias de turma. Alunos informam a escolha da ementa “se estiver bom tempo: piquenique com sandes de panados, batatas fritas de pacote e gelado” “se estiver mau tempo, batatas fritas com salsichas” – no entanto, em nenhuma assembleia de turma, foram sugeridos estes pratos.



Adulto			
	S	N	Observações
Dá feedback às crianças	x		Professor verifica que tema do comportamento está a gerar muito interesse, então sugere realizar uma assembleia de turma para abordarem e discutirem os assuntos que acabaram de ser falados: mau comportamento no colégio e soluções.
Adulto escuta a criança	x		Professor: "Muito bem, estão a falar de temas muito interessantes!"
Metodologias ajustadas às crianças	x		
Assimetrias de poder entre criança e adulto			Não se verificou
Adulto como mediador			Não se verificou
Adulto como defensor			Não se verificou
Adulto proporciona informação adequada à criança	x		Professor: "este ano são 4 representantes do 4º ano, para o ano, são os representantes que estão agora no 3º, que vão estar aqui, a orientar a assembleia de escola – mas não foram só eles que decidiram, foram todos os delegados de turma, depois de terem reunidos com as suas turmas."
Adulto é empático – coloca-se no lugar da criança			Não se verificou
Outros			
	S	N	Observações
Sessões de quebra-gelo	x		Alunos do 4º ano iniciam a assembleia com uma adivinha para cada turma. Dão uma breve descrição de um professor e cada turma tem de adivinhar.

Apêndice 6

Grelha de Observação da Assembleia de Sala

Instituição B – PES I em Educação Pré-Escolar (25/11/22)

Temas				
	Criança	Adulto	Observações	
Quem escolhe os temas		x	Adulto questiona as crianças, o que mais gostaram de fazer nessa semana.	
	S	N	Observações	
Assuntos referentes à sala	x		Crianças vão dizendo o que gostaram mais e menos de fazer nessa semana, na sala.	
Assuntos referentes à escola	x		Crianças vão dizendo o que gostaram mais e menos de fazer nessa semana, na escola.	
Assuntos referentes à comunidade		x		
Assuntos referentes ao dia a dia	x		Crianças vão dizendo o que gostaram mais e menos de fazer nessa semana, na sala.	
Outros assuntos	x		Adulto questiona as crianças sobre o que gostavam de fazer para o projeto lúdico.	
Organização				
	Criança	Adulto	Observações	
Quem organiza os grupos			O grupo manteve-se como estava, desde o início do acolhimento: sentado em U	
	C/ base na idade	C/ base na maturidade	C/ base nos interesses	Observações
Individual				
Pares				
Grupos				
Atitude/Postura das Crianças				
	S	N	Observações	
Crianças no controlo	x	x	Adulto questiona de que cor querem pintar a loja e crianças respondem: “de verde e vermelho e rosa.” Adulto: “assim com tantas cores acham que vai ficar gira?” Até que uma criança diz que quer rosa e outra laranja, procedendo a votações entre rosa e laranja. Adulto: “de que cor querem pintar o tolde?” Criança: “azul” Adulto: “ok, pode ser azul. E quem quer pintar?”	
Criança tem direito à sua privacidade			Não se verificou.	
Criança identifica desigualdades			Não se verificou.	
Criança manifesta vontade de justiça			Não se verificou.	
Criança negocia			Não se verificou.	
Criança pode expressar o seu ponto de vista/opinião	x		Criança: “não gostei de estar no cavalete porque os pinceis são muito grossos e não há amarelo.” Criança: “eu não me lembro o que fizemos em ginástica.” Criança: “gostei da visita da cientista.”	



Ideias das crianças são levadas em conta	x	x	Ideias das crianças são levadas em conta Adulto: “de que cor querem pintar o tolde?” Criança: “azul” Adulto: “ok, pode ser azul. E quem quer pintar?” Ideias das crianças não são levadas em conta Adulto questiona de que cor querem pintar a loja e crianças respondem: “de verde e vermelho e rosa.” Adulto: “assim com tantas cores acham que vai ficar gira?” Até que uma criança diz que quer rosa e outra laranja, procedendo a votações entre rosa e laranja.
Crianças têm opiniões distintas/opostas	x		Quando o adulto questiona de que cor querem pintar a loja, 7 crianças votam em laranja e 8 crianças votam em cor-de-rosa, as restantes não manifestaram opinião. Adulto: “então e como é que vamos pintar? Com o que é que vamos pintar?” Criança X: “cotonetes, pincéis...” Criança Y: “e com aquela bolinha pequenina que eu tenho.”
Crianças tomam decisões	x		Na escolha da cor para pintar a loja, 7 crianças votaram no laranja e 8 crianças no cor-de-rosa. Adulto: “então quem tem mais? O rosa tem 8, o laranja tem 7 – quem ganha?” “Crianças: o rosa”
Adulto			
	S	N	Observações
Dá feedback às crianças	x		7 crianças votam no laranja; 8 crianças votam no rosa – Adulto: “então quem tem mais? O rosa tem 8, o laranja tem 7 – quem ganha?” Crianças: “o rosa.” Adulto: “muito bem. O rosa.” Crianças mostram-se irrequietas e adulto diz: “já estamos a acabar; pronto, vocês já estão cansados de falar do projeto, à tarde continuamos.”
Adulto escuta a criança	x	x	Adulto escuta a criança: Adulto: “de que cor querem pintar o tolde?” Criança: “azul” Adulto: “ok, pode ser azul.” Adulto: “então quem vai pintar a nossa loja?” (crianças põem o dedo no ar.) Adulto anota no caderno as crianças que estão com o dedo no ar, enquanto diz o nome das crianças em voz alta. Adulto não escuta a criança: Adulto: “O que é que gostaram mais de fazer esta semana?” Criança: “fazer a árvore de Natal em casa” Adulto: “mas estou a perguntar na escola.” Criança: “tenho um dói-dói.” Adulto: “amor, agora não é hora de falar de dói-dóis, estamos a falar da nossa lojinha.”
Metodologias ajustadas às crianças		x	Crianças mostram-se irrequietas, pois a assembleia decorre depois do acolhimento e já estão há muito tempo sentados; Adulto faz dinâmica de movimento “sentar, de pé, bater os pés de força, bater devagar...”
Assimetrias entre criança e adulto			Não se verificou.
Adulto como mediador	x		(Após procederem a votações, para as crianças escolherem a cor que queriam pintar a loja) Adulto: “então quem tem mais? O rosa tem 8, o laranja tem 7 – quem ganha?” Crianças: “o rosa.” Adulto: “faz de conta que a nossa loja já está pintada: o que é que vamos fazer a seguir?” Criança: “podemos pôr aquela coisa por cima.” Adulto: “um tolde! Boa!” Adulto: “então e quem vai pintar?” (Crianças põem o dedo no ar.) Adulto regista na folha e diz “Ok, se mais ninguém se oferece, ficam estes.” (mais ninguém se ofereceu.)

Adulto como defensor			Não se verificou.
Adulto proporciona informação adequada à criança	x		<p>Adulto: “mais alguma coisa que gostaram de fazer?” Criança: “cantar a música da Alegria!” Adulto: “mas essa música foi a que cantamos na nossa festa de final de ano.”</p> <p>Quando o adulto questiona de que cores querem pintar a lojinha, as crianças respondem: “pintar a nossa loja com várias cores.” Adulto: “de que cores?” Crianças: “cores de Natal.” Adulto: “mas a loja não é só para o Natal.”</p> <p>Depois de dizerem que podiam fazer um tolde para a lojinha, criança acrescenta: “depois temos de ter assim uma coisa para puxar para a frente e para trás.” Adulto: “pois, isso é que é mais difícil, mas podemos arranjar alguma coisa para fechar a nossa loja quando tiver fechada.”</p> <p>Adulto: “então e como é que vamos pintar? Com o que é que vamos pintar?” Criança X: “cotonetes, pincéis...” Criança Y: “e com aquela bolinha pequenina que eu tenho.” Adulto: “tenho aqui no meu bolso – podemos pintar com esta bola, mas temos de arranjar mais.”</p>
Adulto é empático – coloca-se no lugar da criança		x	Criança: “tenho um dói-dói.” Adulto: “amor, agora não é hora de falar de dói-dóis, estamos a falar da nossa lojinha.”
Outros			
	S	N	Observações
Sessões de quebra-gelo		x	Não se realizou nenhuma sessão de quebra-gelo. Após o acolhimento, onde as crianças estiveram sentadas em U, na manta, é dado continuidade com o iniciar da assembleia.

Apêndice 7

Grelha de Observação da Assembleia de Sala

Instituição B – PES I em Educação Pré-Escolar (06/01/23)

Temas				
	Criança	Adulto	Observações	
Quem escolhe os temas		x		
	S	N	Observações	
Assuntos referentes à sala	X		O que é que gostaram mais e menos de fazer durante a semana; O que gostavam de fazer na próxima semana;	
Assuntos referentes à escola	X		O que é que gostaram mais e menos de fazer durante a semana; O que gostavam de fazer na próxima semana;	
Assuntos referentes à comunidade		x		
Assuntos referentes ao dia a dia	X		O que é que gostaram mais e menos de fazer durante a semana; O que gostavam de fazer na próxima semana;	
Outros assuntos	x		Projeto Lúdico: o que gostavam de fazer mais para o projeto de sala.	
Organização				
	Criança	Adulto	Observações	
Quem organiza os grupos		x	O grupo encontrava-se todo reunido, em sala, ao final da tarde, no entanto, as crianças mais novas mostravam-se irrequietas – posto isto, o adulto optou por pedir ao auxiliar que se deslocasse com esse grupo de crianças para o exterior, enquanto as crianças mais velhas realizavam a assembleia.	
	C/ base na idade	C/ base na maturidade	C/ base nos interesses	Observações
Individual				
Pares				
Grupos	x			O grupo encontrava-se todo reunido, em sala, ao final da tarde, no entanto, as crianças mais novas mostravam-se irrequietas – posto isto, o adulto optou por pedir ao auxiliar que se deslocasse com esse grupo de crianças para o exterior, enquanto as crianças mais velhas realizavam a assembleia.
Atitude/Postura das Crianças				
	S	N	Observações	
Crianças no controlo			Não se verificou.	
Criança tem direito à sua privacidade	x		Criança: “oh T. mas tu choras-te. Porque é que o T. chorou no meio do teatro?” (Criança não responde)	
Criança identifica desigualdades			Não se verificou.	
Criança manifesta vontade de justiça			Não se verificou.	
Criança negocia			Não se verificou.	

Criança pode expressar o seu ponto de vista/opinião	x		<p>Adulto: “e o que é que gostaram mais?” Criança 1: “de fazer o teatro.” Criança 2: “também gostei.” Adulto: “e porque é que gostaram?” Criança 2: “porque eu ri.” Criança 3: “todos nos estávamos a rir.” Criança 4: “era fixe.” Adulto: “E mais? O que é que gostaram de fazer mais?” Criança: “eu gostei dos mimos nos braços.” Adulto: “o que é que gostaram menos de fazer esta semana?”</p> <p>Criança 1: “nada.” Criança 2: “eu gostei de fazer tudo.” Criança 3: “esta semana foram todas as atividades fixes.”</p> <p>Adulto: “e na próxima semana, o que é que gostavam de fazer?” Criança 1: “pôr a abelha lá em cima.” Criança 2: “aquela abelha que estava lá antes.” Criança 3: “eu quero ajudar a pendurar.” Adulto: “e porque é que querem pendurar a abelha?” Criança 1: “porque nós gostamos da natureza.” Adulto: “mas aquilo não é natureza, é a fazer de conta.” Criança 3: “mas nós gostamos tanto delas.”</p>
Ideias das crianças são levadas em conta	x		<p>Adulto: “e na próxima semana, o que é que gostavam de fazer?” Criança: “pôr a abelha lá em cima.”</p>
Crianças têm opiniões distintas/opostas	X		<p>Criança 1: “podíamos pôr corações.” Criança 2: “mas a nossa lojinha por acaso chama-se corações?” Adulto: “como é que se chama a nossa loja?” Crianças em conjunto: “loja da flor.” Criança 1: “podíamos pôr flores, então.”</p>
Crianças tomam decisões	x		<p>Adulto: “então, olhem, se eu for ali à loja e quiser comprar uma maçã, qual é o preço da maçã?” Criança: “temos de colocar lá os preços! Não temos.” Criança: “fazemos assim um papel pequenino e fazemos lá os números.” Criança: “temos de fazer. Eu quero fazer o preço.” Adulto: “ok, vou escrever aqui quem quer fazer os preços.” (escrevendo o nome da criança que se voluntariou para fazer o preço)”</p>
Adulto			
	S	N	Observações
Dá feedback às crianças	x		<p>Criança: “Fizemos um comboio, o coiso do pino e depois o banco e depois por cima e depois passamos por baixo e jogamos à macaca.” Criança: “E depois temos de passar pela corda e passar à volta das cadeiras.” Criança: “e depois voltamos à fila outra vez.” Adulto: “a isso chama-se um circuito.”</p>
Adulto escuta a criança	x		<p>Criança: “o teu lápis (referindo-se ao lápis do adulto) está muito afiado. Depois podes afiar o meu?” Adulto: “depois afiamos, ok? Agora vamos ouvir.”</p> <p>Criança: “e depois puseste luzes e no relaxamento fizeste aquele mimosinho no braço que nós gostamos.” Criança: “podes fazer agora?”</p> <p>Adulto: “depois faço outra vez que já sei que vocês gostam.”</p> <p>Adulto: “então pronto, gostaram de fazer ginástica. Vamos apontar aqui (na folha) ginástica. E mais? O que é que gostaram de fazer mais?” Crianças: “eu gostei dos mimos nos braços.” Adulto: “ok, vou pôr aqui: mi-mi-nhos nos braços.”</p> <p>Criança: “já estou a ficar cansada.” Adulto: “pronto, então para terminar: o que é que vocês gostavam de fazer mais para o projeto?”</p>



			Criança: “temos de fazer. Eu quero fazer o preço.” Adulto: “ok, vou escrever aqui quem quer fazer os preços.”
Metodologias ajustadas às crianças		x	Criança: “já estou a ficar cansada.” Adulto: “pronto, então para terminar: o que é que vocês gostavam de fazer mais para o projeto?”
Assimetrias entre criança e adulto			Não se verificou.
Adulto como mediador	x		Adulto: “e vamos desenhar o quê?” (Crianças não respondem) “Então, olhem, se eu for ali à loja e quiser comprar uma maçã, qual é o preço da maçã?” Criança: “temos de colocar lá os preços! Não temos.” Criança: “oh T. mas tu choras-te. Porque é que o T. chorou no meio do teatro?” (T. não responde) Adulto: “chorou porque não queria fazer de rei.” Adulto: “por exemplo, quando nós vamos a um restaurante tem lá um papel que diz assim «massa à bolonhesa»...” Criança: “e depois tem o preço.” Adulto: “boa! Bife com arroz...” Criança: “e tem o preço.” Adulto: pois, para sabermos quanto custa.”
Adulto como defensor	x		Criança: “oh Tomás mas tu choras-te. Porque é que o Tomás chorou no meio do teatro?” (Criança não responde) Adulto: “chorou porque não queria fazer de rei.”
Adulto proporciona informação adequada à criança	x		Adulto: “os vossos pais vão ver o teatro que nós fizemos. O filme. Nós gravamos, portanto, é um filme.” Criança: “posso-me ir ver ao espelho?” Criança: “também quero ir.” Adulto 2: “olhem, nas reuniões não se podem levantar, têm de estar sentados a ouvir e a falar. Quando vou às reuniões, não digo assim «olhem desculpem, agora vou ali ao espelho ver a minha cara. Acham?” Adulto: “e porque é que querem pendurar a abelha?” Criança: “porque nós gostamos da natureza.” Adulto: “mas aquilo não é natureza, é a fazer de conta.” Criança: “podíamos pôr aqui dentro.” Adulto: “ai dentro? Ai temos de ter espaço para colocar os nosso produtos à venda.” Adulto: “Então e na nossa loja? Onde é que estão os preços?” Criança: “temos de fazer. Eu quero fazer o preço.”
Adulto é empático – coloca-se no lugar da criança			Não se verificou.
Outros			
	S	N	Observações
Sessões de quebra-gelo		x	

Apêndice 8

Grelha de Observação da Assembleia de Sala

Instituição B – PES I em Educação Pré-Escolar (07/02/23)

Temas				
	Criança	Adulto	Observações	
Quem escolhe os temas		x	Adulto escolheu falar sobre as profissões dos familiares das crianças e se estes gostavam de os ter em sala	
	S	N	Observações	
Assuntos referentes à sala	x		Vinda dos pais à sala falar das suas profissões	
Assuntos referentes à escola		x		
Assuntos referentes à comunidade	x		Vinda dos pais à sala falar das suas profissões	
Assuntos referentes ao dia a dia		x		
Outros assuntos		x		
Organização				
	Criança	Adulto	Observações	
Quem organiza os grupos		x	O adulto formou um pequeno grupo de crianças com base na idade e maturidade – sendo que as crianças escolhidas, foram as crianças mais velhas (crianças de 5 anos)	
	C/ base na idade	C/ base na maturidade	C/ base nos interesses	Observações
Individual				
Pares				
Grupos	x	x		O adulto formou um pequeno grupo com as crianças mais velhas, crianças com 5 anos.
Atitude/Postura das Crianças				
	S	N	Observações	
Crianças no controlo	x		<p>Criança: tive uma ideia fantástica! Os meninos mais crescidos, que já vão para a primária, a minha mãe podia fazer com eles crepes. Adulto: pois, era o que já tínhamos falado. Vir cá fazer crepes.</p> <p>Criança: eu tive uma ideia! O meu pai trabalha com livros, pode vir cá contar uma história que ele conta muito bem.</p> <p>Criança: o meu pai ensina-nos futebol. Adulto: o pai do P. podia-nos ensinar a jogar futebol. Boa!</p>	
Criança tem direito à sua privacidade				
Criança identifica desigualdades				
Criança manifesta vontade de justiça				
Criança negocia				
Criança pode expressar o seu ponto de vista/opinião	x		<p>Criança: a minha mana sempre vai aos bombeiros e eu vou lá ver. Adulto: olha! Boa! Então já temos alguém aqui na sala que conhece um bombeiro. Tem de vir cá à nossa sala. Não acham bem? Tens de falar com ela. Crianças: queremos!</p> <p>Criança: eu tive uma ideia! O meu pai trabalha com livros, pode vir cá contar uma história que ele conta muito bem. Quando eu vou dormir.</p> <p>Criança: tive uma ideia fantástica! Os meninos mais crescidos, que já vão para a primária, a minha mãe podia fazer com eles crepes. Adulto: pois, era o que já tínhamos falado. Vir cá fazer crepes.</p>	

			<p>Adulto: e o teu pai, H.? Criança: é cabeleireiro. Podia fazer penteados.</p> <p>Criança: eu quero muito que o meu pai venha aqui.</p>
Ideias das crianças são levadas em conta	x		<p>Criança: tive uma ideia fantástica! Os meninos mais crescidos, que já vão para a primária, a minha mãe podia fazer com eles crepes. Adulto: pois, era o que já tínhamos falado. Vir cá fazer crepes. Criança: sim, mas não é a minha mãe sozinha, é a minha mãe e os meninos mais velhos. Adulto: é isso mesmo! Vai ser muito giro. Tens de falar com a mamã para ver quando é que pode vir cá.</p> <p>Criança: o meu pai ensina-nos futebol. Adulto: o pai do P. podia-nos ensinar a jogar futebol. Boa!</p>
Crianças têm opiniões distintas/opostas	x		<p>Adulto: então o que é que a Raquel vai fazer hoje com vocês? Vocês sabem? Crianças: uma assembleia. Adulto: boa! Criança 1: adivinhamos. Criança 2: não. A raquel quando estive cá a semana passada, disse que vinha cá fazer uma assembleia.</p> <p>Criança 1: eu gosto muito de crepes. Criança 2: eu gosto muito de crepes com aquilo, esqueci-me do nome. Criança 3: eu gosto de crepes com gelado. Criança 4: e com fruta. Criança 2: eu já fui comer crepes. Criança 5: eu nem fui.</p> <p>Então o teu pai podia vir cá um dia, jogarmos todos futebol, o que acham? Querem? Crianças em conjunto: sim. Criança: sim! Contra mim. Todos contra mim. Era fácil. Criança: não era nada. Era difícil.</p> <p>Adulto: e o teu pai, H.? Criança: é cabeleireiro. Podia fazer penteados. Criança 1: às meninas. Criança 2: e também aos meninos.</p>
Crianças tomam decisões	x		<p>Criança: tive uma ideia fantástica! Os meninos mais crescidos, que já vão para a primária, a minha mãe podia fazer com eles crepes. Adulto: pois, era o que já tínhamos falado. Vir cá fazer crepes.</p> <p>Criança: eu tive uma ideia! O meu pai trabalha com livros, pode vir cá contar uma história que ele conta muito bem.</p> <p>Criança: o meu pai ensina-nos futebol. Adulto: o pai do P. podia-nos ensinar a jogar futebol. Boa!</p> <p>Adulto: e o teu pai, H.? Criança: é cabeleireiro. Podia fazer penteados.</p>
Adulto			
	S	N	Observações
Dá feedback às crianças	x		<p>Adulto: então o que é que a Raquel vai fazer hoje com vocês? Vocês sabem? Crianças: uma assembleia. Adulto: boa!</p> <p>Criança: eu também, a minha mãe é cozinheira (pronunciando cozinheira, em vez de cozinha) Adulto: olha diz: sozinha. Criança: sozinha (pronunciando sozinha) Adulto: cozinheira. ziiiiii Criança: cozinheira (pronunciando com Z) Adulto: boa! Isso mesmo!</p>

			(criança sai do lugar) adulto: vamos sentar direitinhos. Nas reuniões temos de estar sentados, muito sossegadinhos, para estarmos concentrados e não desconcentrarmos os outros.
Adulto escuta a criança	x		<p>Criança: sabes que um amigo meu do futebol, que tem 6 anos, a mãe dele é bombeira. Adulto: olha, era muito giro termos aqui um bombeiro. Criança: eu não conheço mais ninguém que seja bombeiro.</p> <p>Adulto: pois é. Sabem onde trabalhava o pai do P.? na china e o P. já foi lá, visitar o papá. Criança: pois, quando era bebé. Tinha saudades. E fui para a arábia. Adulto: pois foi! A arábia também era muito longe.. também treinou jogadores na arábia. E agora, está a trabalhar onde? Criança: está perto. Adulto: pois, está em braga. Está em Portugal. Pertinho. Que bom.</p> <p>Criança: a minha avó é professora. Adulto: pois é, como nós. Criança: sim. Também podia vir cá. A minha avó não tem alunos, mas a amiga dela, professora H. tem alunos e ela quando vai à biblioteca da escola dela, ela lê livros aos alunos da professora H. Adulto: pois, ajuda a amiga e faz atividades com eles também.</p> <p>Criança: eu já aprendi com a mãe a fazer crepes. Adulto: aprendeste a fazer também? Boa!</p>
Metodologias ajustadas às crianças	x		Esta dinâmica/metodologia verificou-se ajustadas ao grupo de crianças em questão, devido à sua maturidade, pois se se mantivesse o grupo de criança completo - incluindo as crianças de 3/4 anos – estas não teriam maturidade para identificar/verbalizar quais as profissões dois pais e que contributo/atividades estes podiam realizar em sala.
Assimetrias entre criança e adulto			
Adulto como mediador	x		<p>Adulto: e a tua mãe, P.? qual é a profissão? Criança: não sei... é cozinheira. Adulto: cozinheira? Cozinheira são as mães todas em casa, não é? A tua mamã é professora, não é? Trabalha aqui na escola. Ensina os meninos a ler e a escrever. E o teu pai? Criança: futebol. Adulto: treina...?! Criança: treinador. Adulto: treinador de futebol, o pai do nosso P.</p> <p>Adulto: olhem, por exemplo, o papá da M. é professor de ciências, em ciências o que é que costumam fazer, vocês sabem? (silêncio) Ainda hoje de manhã estiveram a fazer (experiência dos estados da água) Crianças: experiências. Adulto: pois! Os cientistas e os professores de ciências costumam fazer experiências. Crianças: podíamos fazer uma experiência com os pais da M.</p> <p>Criança: a minha mana sempre vai aos bombeiros e eu vou lá ver. Adulto: olha! Boa! Então já temos alguém aqui na sala que conhece um bombeiro. Tem de vir cá à nossa sala. Não acham bem? Tens de falar com ela. Crianças: queremos!</p> <p>Adulto: então por exemplo, já sabemos que os papás da S.R. vêm aqui e como são enfermeiros, vão-nos ensinar o que os enfermeiros fazem: primeiros socorros, curar feridas; a mãe da B. é cozinheira, podia vir aqui fazer crepes... e mais? vocês gostavam que os vossos papás também viessem aqui ensinar o que é que fazem nas suas profissões? O que é que podiam fazer?</p> <p>Criança: os pais da M. são professores, podiam-nos vir aprender.</p>



			<p>Adulto: podiam-nos vir ensinar, não é? Criança: sim. São professores.</p> <p>Adulto: lembram-se quando tivemos aqui a cientista tatiana? Fizemos uma experiência. Criança: aquela de misturar as cores. adulto: muito bem! Mas precisamos de mais ideias, não acham?</p>
Adulto como defensor			
Adulto proporciona informação adequada à criança	x		<p>Adulto: Mas hoje a nossa assembleia vai ser diferente, porquê? Porque se a raquel perguntar o que é que vocês mais gostaram de fazer na semana passada, eu nem sei o que é que fizeram porque não estive cá com vocês, certo?</p> <p>Criança 2: a minha é professora, ela duma vez disse-me. adulto: a tua mamã professora? Não é. Ela não fica sempre em casa a trabalhar no computador? Criança: não sei... Adulto: a mamã também tem alunos e vai para a escola, como eu e a Educadora M.? Criança 1: não sei. Ela às vezes está em casa quando está de férias.</p> <p>Criança: zzzz, eu sei dizer «zed» em inglês (letra Z em inglês) Adulto: pois, Z em inglês é «zed» Criança: e eu sei dizer «sun» em inglês, é sol. Adulto: boa, mas agora não estamos a falar do inglês. Estamos a falar de outra coisa muito gira, as profissões.</p> <p>Adulto: e a tua mãe, P.? qual é a profissão? Criança: não sei... é cozinheira. Adulto: cozinheira? Cozinheira são as mães todas em casa, não é? A tua mamã é professora, não é? Trabalha aqui na escola. Ensina os meninos a ler e a escrever.</p> <p>(criança sai do lugar) adulto: vamos sentar direitinhos. Nas reuniões temos de estar sentados, muito sossegadinhos, para estarmos concentrados e não desconcentrarmos os outros.</p> <p>Criança: os pais da M. são professores, podiam-nos vir aprender. Adulto: podiam-nos vir ensinar, não é? Criança: sim. São professores.</p> <p>Criança: mas em que dia é que é para os pais virem à escola? Adulto: temos de combinar. Não podem vir todos ao mesmo tempo.</p>
Adulto é empático – coloca-se no lugar da criança	x		<p>Adulto: pois é. Sabem onde trabalhava o pai do P.? na china e o P. já foi lá, visitar o papá. Criança: pois, quando era bebé. Tinha saudades. E fui para a arábia. Adulto: pois foi! A arábia também era muito longe... também treinou jogadores na arábia. E agora, está a trabalhar onde? Criança: está perto. Adulto: pois, está em braga. Está em Portugal. Pertinho. Que bom.</p> <p>Criança: a minha mãe trabalha numa creparia e às vezes eu vou lá almoçar; comer crepes. E ao domingo às vezes vamos lá e sabes o que é que nós só gostamos lá? Rolinhos de queijo com rolinhos de fiambre e a massa do crepe. Adulto: sabes que eu já tinha pensado em convidar a tua mamã para vir cá a seguir aos pais da S.R., fazer crepes? Criança: podia vir! Sim!</p> <p>Criança: eu hoje vou dizer à minha mana para vir cá. Adulto. vão todos falar com alguém da família para virem cá à sala, quando puderem, para falar da sua profissão. Ok? Ou um irmão ou uma irmã, a mãe, o pai, um tio, uma tia...</p>
Outros			
	S	N	Observações



Sessões de quebra-gelo		x	
------------------------	--	---	--

Apêndice 9

Grelha de Observação da Assembleia de Sala

Instituição A – PES II em Educação Pré-Escolar (13/02/23) Grupo Azul

Temas				
	Criança	Adulto	Observações	
Quem escolhe os temas		x	O que é que gostaram mais de fazer na semana passada; O que é que gostaram menos de fazer na semana passada; Sugestões de atividades para fazer na semana seguinte.	
	S	N	Observações	
Assuntos referentes à sala	x		O que é que gostaram mais de fazer na semana passada; O que é que gostaram menos de fazer na semana passada; Sugestões de atividades para fazer na semana seguinte.	
Assuntos referentes à escola	x		O que é que gostaram mais de fazer na semana passada; O que é que gostaram menos de fazer na semana passada; Sugestões de atividades para fazer na semana seguinte.	
Assuntos referentes à comunidade		x		
Assuntos referentes ao dia a dia	x		O que é que gostaram mais de fazer na semana passada; O que é que gostaram menos de fazer na semana passada; Sugestões de atividades para fazer na semana seguinte.	
Outros assuntos		x		
Organização				
	Criança	Adulto	Observações	
Quem organiza os grupos		X	Crianças encontravam-se divididas em 2 grupos: um deles estava na assembleia e outro encontrava-se ausente, estando a ter uma atividade de consciência fonológica com outro adulto. Estes grupos foram formados com base na maturidade das crianças. No final, trocaram.	
	C/ base na idade	C/ base na maturidade	C/ base nos interesses	Observações
Individual				
Pares				
Grupos		X		Crianças encontravam-se divididas em 2 grupos: um deles estava na assembleia e outro encontrava-se ausente, estando a ter uma atividade de consciência fonológica com outro adulto. Estes grupos foram formados com base na maturidade das crianças. No final, trocaram.
Atitude/Postura das Crianças				
	S	N	Observações	
Crianças no controlo				
Criança tem direito à sua privacidade				
Criança identifica desigualdades				
Criança manifesta vontade de justiça				
Criança negocia				
Criança pode expressar o seu ponto de vista/opinião	x		<p>Criança: eu não gostei de fazer o desenho do coração, porque não sabia o que fazer.</p> <p>Criança: eu gostei, porque me lembrava dos pormenores todos: os olhos, os braços, as pernas, a pilinha, os pés...</p> <p>Adulto.: Rita? E tu? Dos desenhos, das pinturas...?</p> <p>R.: também gostei da lagarta. Duas lagartas.</p>	
Ideias das crianças são levadas em conta				
Crianças têm opiniões distintas/opostas	x		Adulto: M. do que fizeste aqui no colégio, o que é que mais gostaste de fazer?	



			<p>M.: a lagarta Adulto.: Rita? E tu? Dos desenhos, das pinturas...? R.: também gostei da lagarta. Duas lagartas. Adulto: M.C.? M.C.: o desenho do coração. I.: fazer os foguetes.</p> <p>I.: o coração</p> <p>V.: ir ao campo de jogos</p> <p>Criança: eu não gostei de fazer o desenho do coração, porque não sabia o que fazer. Criança: eu gostei, porque me lembrava dos pormenores todos: os olhos, os braços, as pernas, a pilinha, os pés...</p>
Crianças tomam decisões		x	<p>Criança: brincar ao rei manda. Criança: rei manda. Adulto: pensem noutras coisas para fazermos!</p> <p>Adulto: C. e tu? O que queres fazer esta semana? C.: não sei. Adulto: então só vamos fazer coisas lá na sala.</p>
Adulto			
	S	N	Observações
Dá feedback às crianças	x		<p>Adulto: alguém mais se lembra de não ter gostado de alguma coisa? Criança: eu já disse! Adulto: é verdade, foste o único.</p>
Adulto escuta a criança		x	<p>T.M.: eu gostei de... Adulto: T.M. tu não vais falar porque não vieste. Ah, vieste, vieste. Dois dias. T.M: desenhos do Colégio do sardão.</p> <p>S.: não gostei de ser o guarda-redes no campo de jogos. Adulto: ora aí está uma coisa importante! (<i>recorrendo à ironia</i>) Adulto: e agora a parte importante: cada um de vocês vai pensar o que gostava de fazer esta semana? Estamos na semana do Carnaval, não se esqueçam.</p>
Metodologias ajustadas às crianças			
Assimetrias entre criança e adulto			
Adulto como mediador	x		<p>L.: gostava de brincar às borboletas e às fadas. Adulto: boa! Onde é que queres brincar às borboletas e às fadas? L: lá fora porque é o lugar onde as borboletas e as fadas sempre ficam. Adulto: M.:? M.: brincar às borboletas e às fadas. Adulto: isso significa que queres brincar com a I. às fadas? M.: sim.</p>
Adulto como defensor			
Adulto proporciona informação adequada à criança	x		<p>Adulto: S., dos dias que vieste o que é que gostaste de fazer? Tu só vieste 1 dia. S.: fazer a lagarta. Adulto: tu nem chegaste a fazer a lagarta, como é que podes ter gostado de fazer uma coisa que não fizeste?!</p> <p>Adulto: e agora o que é que gostamos menos de fazer? Não gostamos assim tanto... Criança: na verdade eu gostei de tudo. Adulto: pois, mas há sempre alguma coisa que não gostamos assim tanto.</p>
Adulto é empático – coloca-se no lugar da criança		x	<p>S.: não gostei de ser o guarda-redes no campo de jogos. Adulto: ora aí está uma coisa importante! (<i>recorrendo à ironia</i>) Adulto: e agora a parte importante: cada um de vocês vai pensar o que gostava de fazer esta semana? Estamos na semana do Carnaval, não se esqueçam.</p>



Outros			
	S	N	Observações
Sessões de quebra-gelo		x	

Apêndice 10

Grelha de Observação da Assembleia de Sala

Instituição A – PES II em Educação Pré-Escolar (13/02/23) Grupo Laranja

Temas				
	Criança	Adulto	Observações	
Quem escolhe os temas		x	O que é que gostaram mais de fazer na semana passada; O que é que gostaram menos de fazer na semana passada; Sugestões de atividades para fazer na semana seguinte.	
	S	N	Observações	
Assuntos referentes à sala	X		O que é que gostaram mais de fazer na semana passada; O que é que gostaram menos de fazer na semana passada; Sugestões de atividades para fazer na semana seguinte.	
Assuntos referentes à escola	X		O que é que gostaram mais de fazer na semana passada; O que é que gostaram menos de fazer na semana passada; Sugestões de atividades para fazer na semana seguinte.	
Assuntos referentes à comunidade		X		
Assuntos referentes ao dia a dia	X		O que é que gostaram mais de fazer na semana passada; O que é que gostaram menos de fazer na semana passada; Sugestões de atividades para fazer na semana seguinte.	
Outros assuntos		x		
Organização				
	Criança	Adulto	Observações	
Quem organiza os grupos		x	Crianças encontravam-se divididas em 2 grupos: um deles estava na assembleia e outro encontrava-se ausente, estando a ter uma atividade de consciência fonológica com outro adulto. Estes grupos foram formados com base na maturidade das crianças. No final, trocaram.	
	C/ base na idade	C/ base na maturidade	C/ base nos interesses	Observações
Individual				
Pares				
Grupos		x		Crianças encontravam-se divididas em 2 grupos: um deles estava na assembleia e outro encontrava-se ausente, estando a ter uma atividade de consciência fonológica com outro adulto. Estes grupos foram formados com base na maturidade das crianças. No final, trocaram.
Atitude/Postura das Crianças				
	S	N	Observações	
Crianças no controlo				
Criança tem direito à sua privacidade	x		Adulto: F. o que é gostaste menos? (F. a mexer nas botas e não respondeu) Adulto: F. estou a falar contigo. Não sabes? Precisas de mais tempo? F. (abana a cabeça que sim)	
Criança identifica desigualdades				
Criança manifesta vontade de justiça				
Criança negocia				
Criança pode expressar o seu ponto de vista/opinião	x		T.: ir ao campo de jogos. Adulto: gostaste ou não gostaste? T.: gostei. Adulto: porquê? T.: porque pude chutar à bola.	
Ideias das crianças são levadas em conta	x		As crianças sugeriram fazer uma pintura de Carnaval e esta foi feita.	



Crianças têm opiniões distintas/opostas	x	x	Adulto: ...vou escrever aqui no meu caderno com um smile, aquilo que mais gostaram de fazer. F.: ir ao campo de jogos. T. a mesma coisa. T. campo de jogos. C. fazer aquela pintura B. ir ver os peixinhos no lago. D.: também ver os peixinhos no lago. Adulto: então vamos ver o que é que gostávamos de fazer esta semana – esta semana é a semana do Carnaval. C.: uma pintura de Carnaval. F.: pintura de Carnaval. R.T.: pintura de Carnaval. M.: gostava de fazer um daqueles carros que nós podemos andar. Adulto: aí querias fazer um carrinho de rolamentos como o que andamos hoje? Olha, eu vou por aqui, mas esta semana é difícil. B.: fazer também um carrinho de rolamentos. D. também fazer um carrinho de rolamentos. T.F.: também um carrinho de rolamentos.
Crianças tomam decisões	x		Crianças sugeriram fazer uma pintura de Carnaval e fizeram-na.
Adulto			
	S	N	Observações
Dá feedback às crianças	X		Adulto: é só isso que querem fazer? Quanto ao carrinho de rolamentos, posso já dizer que não vai ser possível fazer. Porquê? C. explica aos colegas o que é preciso para fazer um carrinho de rolamentos. C.: tábuas, cordas, rodas, que são difíceis de encontrar... Adulto: pois. Entendem agora?
Adulto escuta a criança	x		Adulto: ok. Agora quero que pensem naquilo que não gostaram de fazer; que gostaram menos de fazer; pronto, que fizeram e que não gostaram assim tanto de fazer... T.F.: cair ao lago. B.: ir ao campo de jogos Adulto: há alguma razão para não teres gostado de ir ao campo de jogos? B.: não. D.: também não gostei de ir ao campo de jogos. Adulto: estás a dizer isso porque não gostaste? Ou estás a dizer isso porque foi o que a B. disse? D.: porque não gostei. Adulto: então o que é que não gostaste? Qual foi a razão? D.: das cordas não puderem ir lá para baixo. Adulto: oh M. tu não me disseste o que é que gostaste mais de fazer na semana passada e tu estiveste cá a semana toda. De todas as coisas que tu fizeste, qual é que mais gostaste? M.: de ir ao campo de jogos. Adulto: M. o que é que não gostaste? M.: de fazer aquele desenho. Adulto: que desenho? Vai apontar. (criança foi apontar) Adulto: porque é que não gostaste? M.: porque demorou muito tempo. Adulto: ok, então que coisa é que gostavas de fazer nesse tempo? Com o que é que gostavas de ocupar esse tempo? M.: colagens.
Metodologias ajustadas às crianças			



Assimetrias entre criança e adulto			
Adulto como mediador			
Adulto como defensor	x		Adulto: T. o que é que menos gostaste? (colega S.: <i>fala-lhe ao ouvido</i>) Adulto: S, não é para dizeres ao colega o que é que para ele dizer. O T. tem boca para falar e cabeça para pensar.
Adulto proporciona informação adequada à criança	x		Adulto: então o que é que não gostaste? Qual foi a razão? D.: das cordas não puderem ir lá para baixo. Adulto: ah, sabes porque é que as cordas não podem andar na parte de baixo? Porque assim não conseguem rodá-las. É só por isso. Adulto: T. o que é que menos gostaste? (colega S.: <i>fala-lhe ao ouvido</i>) Adulto: S, não é para dizeres ao colega o que é que para ele dizer. O T. tem boca para falar e cabeça para pensar.
Adulto é empático – coloca-se no lugar da criança		x	Adulto: T.C., o que é que queres fazer esta semana? (criança em silêncio) Adulto: T.C.. estou a falar contigo... (criança em silêncio) Adulto: olha diz... (criança em silêncio)
Outros			
	S	N	Observações
Sessões de quebra-gelo		x	

Apêndice 11

Grelha de Observação da Assembleia de Sala

Instituição A – PES II em Educação Pré-Escolar 27/02/23

Temas				
	Criança	Adulto	Observações	
Quem escolhe os temas		x	Crianças sugerem atividades para fazerem na semana seguinte; Implementação de um presidente e vice-presidente nas assembleias semanais – explicação das funções destes e das restantes crianças.	
	S	N	Observações	
Assuntos referentes à sala	X		Sugestão de atividades para as crianças realizarem na semana seguinte; Implementação de um presidente e vice-presidente nas assembleias semanais – explicação das funções destes e das restantes crianças em contexto de sala;	
Assuntos referentes à escola	X		Sugestão de atividades para as crianças realizarem na semana seguinte; Implementação de um presidente e vice-presidente nas assembleias semanais – explicação das funções destes e das restantes crianças em contexto de escola,	
Assuntos referentes à comunidade		x		
Assuntos referentes ao dia a dia		x		
Outros assuntos		x		
Organização				
	Criança	Adulto	Observações	
Quem organiza os grupos		x	Grupo manteve-se completo durante toda a assembleia.	
	C/ base na idade	C/ base na maturidade	C/ base nos interesses	Observações
Individual				
Pares				
Grupos				
Atitude/Postura das Crianças				
	S	N	Observações	
Crianças no controlo	x		C.: “fazer o fundo do mar com cartão.” Adulto: “para o mergulhador?” Criança: “sim.” Adulto: “acho uma excelente ideia. E como é que achas que podíamos fazer o fundo do mar em cartão?” C.: “podíamos fazer a forma de um cartão e depois pintarmos e cortarmos.”	
Criança tem direito à sua privacidade				
Criança identifica desigualdades				
Criança manifesta vontade de justiça				
Criança negocia				
Criança pode expressar o seu ponto de vista/opinião	x		Adulto: “Agora vou-vos mostrar o que trouxe comigo hoje.... Trouxe um...” Crianças: “chapéu!” Adulto: “..chapéu! Então que jogo é que acham que vamos jogar?” Criança: “Um jogo do chapéu.” Adulto: “Exato! Alguém sabe como é que se joga?” Crianças em coro: “Não.”	

		<p>Criança: “Um amigo esconde o chapéu e depois um amigo tira o lugar e depois, e depois... vai outra vez assim e depois vai esconder outro amigo e depois apanha outra vez e depois fica o outro lugar.”</p> <p>Criança: “vai ser a música do homem do chapéu?” Adulto: “Não... podia ser, era uma boa ideia! Mas não é.”</p> <p>Criança: “Mas e se a presidente F. não estiver na escola?” Adulto: “pois a F. se calhar precisa de alguém que a possa substituir se ela não estiver.” Criança: “Um vice-presidente.”</p>
Ideias das crianças são levadas em conta	x	<p>Adulto: “pois a F. se calhar precisa de alguém que a possa substituir se ela não estiver.” Criança: “Um vice-presidente.” Adulto: “Quem é que gostava de ocupar esse lugar?” (Crianças colocam o dedo no ar.) Crianças em coro: “Eu!” Adulto: “Será que a presidente F. pode escolher?” Crianças: “Sim.” Adulto: “F., vais ter de pensar em alguém que te possa ajudar nesta tarefa e substituir se tu não estiveres.” Presidente F.: “T.F.” Adulto: “T.F., pode ser?” T.F.: “Sim.”</p> <p>S.: “Jogar ao monopólio.” Adulto: “Temos o monopólio aqui no colégio. Pode ser.”</p> <p>B.: “dançar.” Adulto: “também podemos dançar.”</p>
Crianças têm opiniões distintas/opostas	x	<p>Adulto: “Então para finalizar a assembleia, vamos só conversar um bocadinho sobre o que vocês gostavam de fazer esta semana? Ideias de atividades para fazermos.”</p> <p>R.S.: “jogo das cadeiras.” M.: “fazer um carrinho de papelão, como o mergulhador.” S.: “jogar ao jogo do telefone estragado.” Adulto: “olha que boa ideia!”</p> <p>B.: “fazer desenhos.” E.: “macaquinho do chinês.” M.: “brincar no insuflável.” A.: “jogar às apanhadinhas.” V.: “jogar futebol no campo de jogos.” R.L.: “um torneio de futebol.” S.: “jogar ao monopólio.” C.: “brincar no parque dos grandes.” S.: “brincar no escorrega.” C.: “irmos brincar para a mata.” B.: “dançar.”</p>
Crianças tomam decisões	x	<p>Adulto: “F., vais ter de pensar em alguém que te possa ajudar nesta tarefa e substituir se tu não estiveres.” Presidente F.: “T.F.” Adulto: “T.F., pode ser?”</p>



Adulto			T.F.: "Sim."
	S	N	Observações
Dá feedback às crianças	x		<p>Adulto: "F., vais ter de pensar em alguém que te possa ajudar nesta tarefa e substituir se tu não estiveres." Presidente F.: "T.F." Adulto: "T.F., pode ser?" T.F.: "Sim." Criança: "E se o T.F. não estiver?" Adulto: "Se o T.F. não estiver, está a F. Acho difícil faltarem os dois. Então fazemos assim: a F. é presidente e o T.F. é o vice-presidente."</p> <p>S.: "jogar ao jogo do telefone estragado." Adulto: "olha que boa ideia! Vocês já jogaram esse jogo?"</p> <p>M.: "brincar no insuflável." Adulto: "era uma ótima ideia, mas aqui no colégio não temos insufláveis."</p> <p>S.: "Jogar ao monopólio." Adulto: "Temos o monopólio aqui no colégio. Pode ser."</p> <p>C.: "fazer o fundo do mar com cartão." Adulto: "para o mergulhador?" Criança: "sim." Adulto: "acho uma excelente ideia. E como é que achas que podíamos fazer o fundo do mar em cartão?" C.: "podíamos fazer a forma de um cartão e depois pintarmos e cortarmos."</p> <p>R.L.: "Eu gostava de fazer uma batalha de dança." Adulto: "Que boas ideias!"</p>
Adulto escuta a criança	x		<p>Adulto: "Vamos dar início à nossa assembleia. Alguém sabe o que significa? Uma assembleia?" Criança: "É uma reunião" Adulto: "Também é. É onde nós partilhamos ideias, problemas que existem..." Criança: "Sim, por exemplo, como um dia eu estava a andar de bicicleta em casa e depois eu choquei contra o meu gato e deu-me quase um arranhão enorme." Adulto: "Ficaste com um arranhão enorme?" Criança: "Sim, porque eu estava em casa a andar na mesma direção que o meu gato estava a correr."</p> <p>Adulto: "Agora vou-vos mostrar o que trouxe comigo hoje.... Trouxe um..." Crianças: "chapéu!" Adulto: "...chapéu! Então que jogo é que acham que vamos jogar?" Criança: "Um jogo do chapéu." Adulto: "Exato! Alguém sabe como é que se joga?" Crianças em coro: "Não." Criança: "Um amigo esconde o chapéu e depois um amigo tira o lugar e depois, e depois... vai outra vez assim e depois vai esconder outro amigo e depois apanha outra vez e depois fica o outro lugar."</p> <p>S.: "jogar ao jogo do telefone estragado." Adulto: "olha que boa ideia! Vocês já jogaram esse jogo?" (Algumas crianças responderam que sim e outras responderam que não.) Adulto: "Alguns jogaram e outros não... É isso?" Crianças em coro: "Sim."</p> <p>B.: "fazer desenhos."</p>

		<p>Adulto: “Sobre quê?” B.: (silêncio) Adulto: “desenhos livres? Sobre aquilo que quisermos?” B.: “Sim. Só desenho.”</p> <p>M.: “brincar no insuflável.” Adulto: “era uma ótima ideia, mas aqui no colégio não temos insufláveis.”</p> <p>A.: “jogar às apanhadinhas.” Adulto: “em que lugar é que queres jogar às apanhadinhas?” A.: “no parque.”</p> <p>S.: “Jogar ao monopólio.” Adulto: “Temos o monopólio aqui no colégio. Pode ser.”</p> <p>C.: “fazer o fundo do mar com cartão.” Adulto: “para o mergulhador?” Criança: “sim.” Adulto: “acho uma excelente ideia. E como é que achas que podíamos fazer o fundo do mar em cartão?” C.: “podíamos fazer a forma de um cartão e depois pintarmos e cortarmos.”</p>
Metodologias ajustadas às crianças	x	<p>(Meninas vão buscar as cadeiras, colocando-as de modo a formar um círculo) Adulto: “E agora, podem ir os meninos buscar as cadeiras.” (Meninos vão buscar as cadeiras, colocando-as de modo a formar um círculo) Adulto: “Então agora vamos rodar as nossas cadeiras, para termos à nossa frente, as costas do nosso colega.” (Crianças rodam as cadeiras de modo a terem à sua frente as costas dos colegas.) Adulto: “Boa! Muito bem! Todos conseguem colocar a mão na cabeça do colega da frente? Vamos experimentar!” (Crianças colocam a sua mão na cabeça do colega da frente.) Adulto: “Agora podemos colocar a mão para baixo.”</p> <p>Adulto: “...então que jogo é que acham que vamos jogar?” Criança: “Um jogo do chapéu.” Adulto: “Exato! Alguém sabe como é que se joga?” Crianças em coro: “Não.” Criança: “Um amigo esconde o chapéu e depois um amigo tira o lugar e depois, e depois... vai outra vez assim e depois vai esconder outro amigo e depois apanha outra vez e depois fica o outro lugar.”</p> <p>Adulto: “Não vamos esconder o chapéu. O chapéu vai estar sempre à vista de toda a gente. Então vamos fazer assim: eu vou pôr aqui o chapéu (colocando na cabeça de uma criança) e depois vou pôr a dar uma música. E então o que é que vamos ter de fazer? Vamos tirar o chapéu da nossa cabeça (pedindo à criança que o tire da cabeça, para exemplificar) e vamos colocar no colega da frente (criança coloca o chapéu no colega da frente) e o colega da frente vai passar para outro colega, sempre assim com a música a dar; quando a música parar...”</p>
Assimetrias entre criança e adulto		

Adulto como mediador	x		<p>Adulto: “Cada um já sabe a sua função, certo? Vamos estar muito atentos. Olhinhos bem abertos, ouvidos bem abertos para vermos o que se passa à nossa volta – que problemas é que nós temos de falar aqui todos juntos, para resolvermos.” Presidente F.: “e depois vêm-me dizer a mim.” (silêncio) Adulto: “Exato! E vão dizer a quem?” Crianças: “À F. e ao T.F.”</p>
Adulto como defensor			
Adulto proporciona informação adequada à criança	x		<p>Adulto: “Vamos dar início à nossa assembleia. Alguém sabe o que significa? Uma assembleia?” Criança: “É uma reunião” Adulto: “Também é. É onde nós partilhamos ideias, problemas que existem...”</p> <p>Adulto: “Quando a música parar, a criança que tiver o chapéu na cabeça, vai sair do jogo. Ok? Tentem ser rápidos a passar o chapéu. Perceberam?” Crianças em coro: “Sim.” Adulto: “Alguma dúvida?” Crianças em coro: “Não.” Adulto: “Então, ouvidos bem abertos (colocando o cabelo atrás das orelhas) para conseguirmos ouvir bem a música (crianças colocam também o cabelo atrás dos ouvidos). Estão preparados?” Crianças em coro: “Sim.” Adulto: “Então vamos lá.” (colocando a música)</p> <p>Adulto: “E depois na assembleia nós vamos falar desses problemas todos e juntos arranjar soluções. Parece-vos bem?” Crianças em coro: “Sim.” Criança: “Mas na assembleia a sério?” Adulto: “Sim, a sério! Vamos reunir aqui todos, como uma assembleia... vamos ter a presidente e vamos falar de assuntos sérios. Todos vão dar as suas opiniões, as vossas sugestões e soluções para resolver os problemas. Parece-vos bem?” Crianças em coro: “Sim.”</p> <p>M.: “brincar no insuflável.” Adulto: “era uma ótima ideia, mas aqui no colégio não temos insufláveis.”</p> <p>C.: “Ir para o campo de jogos.” L.: “Ir para o campo de jogos.” R.T.: “Ir para o campo de jogos.” V.B.: “Ir ao campo de jogos.” Adulto: “Posso só dar uma sugestão? Hoje de manhã já conversámos que esta semana, numa tarde, vamos ao campo de jogos, não falamos?” Crianças: “Sim.” Adulto: “pois, portanto, porque é que não aproveitam para sugerir/dizer outras atividades que não sejam ir ao campo de jogos, uma vez que já está decidido que vamos lá?”</p> <p>S.: “Jogar ao monopólio.” Adulto: “Temos o monopólio aqui no colégio. Pode ser.”</p>
Adulto é empático – coloca-se no lugar da criança	x		<p>V.F.: “Gostava de fazer o mesmo que o T.F.” Adulto: “que é o quê?” V.F.: “Não sei... esqueci-me” Adulto: “Podes repetir o que pediste?” T.F.: “Jogar futebol no campo de jogos.”</p>

			V.F.: “Jogar futebol no campo de jogos.”
Outros			
	S	N	Observações
Sessões de quebra-gelo	X		<p>Decorre uma sessão de quebra-gelo onde as crianças jogam o “jogo do chapéu” – as crianças estão sentadas numa roda, em cadeiras, e ao som da música, vão colocando o chapéu na cabeça do colega da frente e assim sucessivamente; quando a música pára, a criança que estiver com o chapéu na cabeça, sai do jogo.</p> <p>A sessão de quebra-gelo aconteceu de forma tranquila; Crianças riram-se; E apenas se observou uma criança que após perder não queria sair do jogo, no entanto, acabou por entender que era o correto a fazer, saindo. A vencedora do jogo ficou com o chapéu colocado e sentada ao lado do adulto; as restantes crianças encontram-se sentadas nas cadeiras que foram retirando conforme iam saindo do jogo.</p>

Apêndice 12

Grelha de Observação da Assembleia de Sala

Instituição A – PES II em Educação Pré-Escolar (06/03/23)

Temas				
	Criança	Adulto	Observações	
Quem escolhe os temas		X	Apresentação de trabalhos referentes ao projeto, levando a uma votação; Eleição do presidente e vice-presidente;	
	S	N	Observações	
Assuntos referentes à sala	X		Apresentação de trabalhos referentes ao projeto, levando a uma votação; Eleição do presidente e vice-presidente;	
Assuntos referentes à escola	X		Apresentação de trabalhos referentes ao projeto, levando a uma votação; Eleição do presidente e vice-presidente;	
Assuntos referentes à comunidade		X		
Assuntos referentes ao dia a dia	X		Apresentação de trabalhos referentes ao projeto, levando a uma votação; Eleição do presidente e vice-presidente;	
Outros assuntos		x		
Organização				
	Criança	Adulto	Observações	
Quem organiza os grupos		x	Grupo de 24 crianças, manteve-se todo junto.	
	C/ base na idade	C/ base na maturidade	C/ base nos interesses	Observações
Individual				
Pares				
Grupos				
Atitude/Postura das Crianças				
	S	N	Observações	
Crianças no controlo		x	<p>Ed.: “Então vamos fazer assim, R. já deste uma ideia antes, vamos pela ideia do V. e do M.; vamos fazer uma baleia azul e um tubarão baleia.”</p> <p>B.: “Não quero...”</p> <p>Ed.: “Oh B. eu respeito a tua opinião, mas neste momento vou ter em conta a opinião do V. e M. ok? Eu percebo que não concordes, mas neste momento eles estão a dar opiniões muito interessantes. Mas respeito a tua opinião. Ora, temos mais decisões a tomar! Mergulhador, tubarão-baleia e baleia azul, certo?”</p> <p>Crianças em coro: “Sim.”</p> <p>Crianças em coro: “Não.”</p> <p>Ed.: “Ora, eu vou deixar de fazer as assembleias e vou passar a pôr-vos a fazer outro tipo de coisas se vocês não conseguem mandar no vosso corpinho e respeitar a opinião dos outros, é isso que querem?”</p> <p>Crianças: “Não.”</p> <p>Ed.: “Então, comportem-se. Estamos entendidos? Ótimo.”</p> <p>Ed.: “levantem-se quem quer fazer um novo mergulhador, que eu estou baralhada.” (Ed. faz contagem)</p> <p>Ed.: “Dá-me 9. E agora quem está sentado...”</p>	

			<p>(Ed. faz contagem de votos) Ed.: “11. Ok. Vamos agora sentar-nos todos. Temos aqui uma situação: 9 e 11, não é muito expressiva a diferença, mas... deixa-me assim um sabor amargo esta vitória. Posso dar uma sugestão?” Crianças em coro: “Sim.” Ed.: “Ora vamos fazer um novo mergulhador? Mais pequeno? Não acham? Que este aqui é um bocadinho grande... Este aqui podemos acompanhar mais um mergulhador mais pequeno, para podermos levar na mão. Certo?” (Crianças em silêncio) Ed.: “Este não vai sair daqui. Aquele não vai desaparecer. Aquele pode acompanhar-nos. Pode fazer tudo o que nós quisermos.” (Criança murmurinha) Ed.: “É tu, podes-te manter de boquinha calada. Não concordas? Mas eu também não pedi a tua opinião. Tens o direito à tua opinião e nós temos direito à nossa opinião.”</p>
Criança tem direito à sua privacidade	x		<p>Adulto: “Certo. E ao T. também. Então e houve algum colega a partilhar alguma situação contigo que queiras partilhar?” (silêncio) Adulto: “Ou contigo, T.?” (silêncio)</p>
Criança identifica desigualdades	x		<p>Adulto: “Então vou-vos dar tempo para terminar.” V.: “Mas o R.T. ainda não apresentou.” Adulto: “Pois não. Não terminou porque ainda não fez. Vai fazer a seguir. Mas nem todos precisam de ter feito: alguns meninos deram as ideias e outros fizeram as ilustrações – foi trabalho em equipa; todos participaram.”</p>
Criança manifesta vontade de justiça	x		<p>Adulto: “Então vou-vos dar tempo para terminar.” V.: “Mas o R.T. ainda não apresentou.” Adulto: “Pois não. Não terminou porque ainda não fez. Vai fazer a seguir. Mas nem todos precisam de ter feito: alguns meninos deram as ideias e outros fizeram as ilustrações – foi trabalho em equipa; todos participaram.”</p>
Criança negocia			
Criança pode expressar o seu ponto de vista/opinião	x	x	<p>F.: “pois foi, eles disseram que não estavam a partilhar a bola sempre.” V.: “pois, comigo.” S.: “e comigo.” R.: “pois e eu fui dizer à F.” Adulto: “e para além desse problema, houve mais algum? Ou foi só isso durante esta semana?” F.: “não.” Adulto: “não? Ok. Então que soluções é que podemos arranjar para os colegas partilharem a bola com os outros? O que é que nós podemos fazer?” R.: “por exemplo, se eles não sabem partilhar a bola, saem do jogo.” Adulto: “... E este?” V.: (levanta-se do lugar dirigindo-se ao centro) “Fui eu. Um peixe morto e um peixe triste.” Adulto: “pois, são animais tristes no fundo do mar. E porque é que</p>

			<p>achas que eles estão tristes?”</p> <p>V.: “Porque comeram poluição e lixo.”</p> <p>B.: (levantam-se do lugar dirigindo-se ao centro) “Nós fizemos o mar com um golfinho preso na rede.”</p> <p>Adulto: “Isso mesmo! Mas porque é que o golfinho ficou preso na rede?”</p> <p>(Silêncio)</p> <p>Adulto: “Como é que essa rede ficou presa no fundo do mar?”</p> <p>C.: “Porque o pescador, ele atirou a rede.”</p> <p>Ed.: “E tu, podes-te manter de boquinha calada. Não concordas? Mas eu também não pedi a tua opinião. Tens o direito à tua opinião e nós temos direito à nossa opinião.”</p>
Ideias das crianças são levadas em conta		x	<p>Ed.: “levantem-se quem quer fazer um novo mergulhador, que eu estou baralhada.”</p> <p>(Ed. faz contagem)</p> <p>Ed.: “Dá-me 9. E agora quem está sentado...”</p> <p>(Ed. faz contagem)</p> <p>“11. Ok. Vamos agora sentar-nos todos. Temos aqui uma situação: 9 e 11, não é muito expressiva a diferença, mas... deixa-me assim um sabor amargo esta vitória. Posso dar uma sugestão?”</p> <p>Crianças em coro: “Sim.”</p> <p>Ed.: “Ora vamos fazer um novo mergulhador? Mais pequeno? Não acham? Que este aqui é um bocadinho grande... Este aqui podemos acompanhar mais um mergulhador mais pequeno, para podermos levar na mão. Certo?”</p> <p>(Crianças em silêncio)</p>
Crianças têm opiniões distintas/opostas	x		<p>Ed.: “Temos de pensar: vamos construir um mergulhador? Ou vamos levar connosco o nosso mergulhador?”</p> <p>Crianças: “Vamos levar o nosso mergulhador.”</p> <p>Crianças: “Vamos construir o mergulhador.”</p> <p>Ed.: “Então que peixe é que nós podemos fazer com plásticos no estomago?”</p> <p>B.: “Salmão.”</p> <p>V.: “Dourada.”</p> <p>R.: “Camarão.”</p> <p>V.: “Baleia azul. É a maior baleia do planeta.”</p> <p>M.: “Tubarão-baleia.”</p> <p>Ed.: “Então vamos fazer assim, R. já deste uma ideia antes, vamos pela ideia do V. e do M.; vamos fazer uma baleia azul e um tubarão baleia.”</p> <p>B.: “Não quero...”</p>

			<p>Ed.: “Oh B. eu respeito a tua opinião, mas neste momento vou ter em conta a opinião do V. e M. ok? Eu percebo que não concordes, mas neste momento eles estão a dar opiniões muito interessantes. Mas respeito a tua opinião. Ora, temos mais decisões a tomar! Mergulhador, tubarão-baleia e baleia azul, certo?”</p> <p>Crianças em coro: “Sim.”</p> <p>Crianças em coro: “Não.”</p>
Crianças tomam decisões	x	x	<p>Adulto: “Então agora, vamos passar a apresentar aos colegas aquilo que cada um esteve a fazer. Temos aqui o primeiro desenho, quem é que fez?”</p> <p>M: “Eu.”</p> <p>Adulto: “Foi a M. Queres apresentar aos colegas?”</p> <p>M.: (levanta-se do lugar dirigindo-se ao centro) “Sim. Eu fiz o mundo do mar com lixo.”</p> <p>Ed.: “Olhem, nós temos este mergulhador. Querem construir outro mergulhador?”</p> <p>Crianças: “Sim.”</p> <p>Crianças: “Não.”</p> <p>Ed.: “levantem-se quem quer fazer um novo mergulhador, que eu estou baralhada.”</p> <p>(Ed. faz contagem)</p> <p>Ed.: “Dá-me 9. E agora quem está sentado...”</p> <p>(Ed. faz contagem)</p> <p>Ed.: “11. Ok. Vamos agora sentar-nos todos. Temos aqui uma situação: 9 e 11, não é muito expressiva a diferença, mas... deixa-me assim um sabor amargo esta vitória. Posso dar uma sugestão?”</p> <p>Crianças em coro: “Sim.”</p> <p>Ed.: “Ora vamos fazer um novo mergulhador? Mais pequeno? Não acham? Que este aqui é um bocadinho grande...”</p> <p>(crianças ficam em silêncio)</p> <p>Ed.: “Então vamos fazer assim, R. já deste uma ideia antes, vamos pela ideia do V. e do M.; vamos fazer uma baleia azul e um tubarão baleia.”</p> <p>B.: “Não quero...”</p> <p>Ed.: “Oh B. eu respeito a tua opinião, mas neste momento vou ter em conta a opinião do V. e M. ok? Eu percebo que não concordes, mas neste momento eles estão a dar opiniões muito interessantes. Mas respeito a tua opinião. Ora, temos mais decisões a tomar! Mergulhador, tubarão-baleia e baleia azul, certo?”</p> <p>Crianças em coro: “Sim.”</p> <p>Crianças em coro: “Não.”</p> <p>Ed.: “Ora, eu vou deixar de fazer as assembleias e vou passar a pôr-vos a fazer outro tipo de coisas se vocês não conseguem</p>

			<p>mandar no vosso corpinho e respeitar a opinião dos outros, é isso que querem?”</p> <p>Crianças: “Não.”</p> <p>Ed.: “Então, comportem-se. Estamos entendidos? Ótimo.”</p>
Adulto			
	S	N	Observações
Dá feedback às crianças	x		<p>Adulto: “não? Ok. Então que soluções é que podemos arranjar para os colegas partilharem a bola com os outros? O que é que nós podemos fazer?”</p> <p>R.: “por exemplo, se eles não sabem partilhar a bola, saem do jogo.”</p> <p>Adulto: “isso é a consequência, agora o que é que podemos fazer para os meninos partilharem a bola?”</p>
Adulto escuta a criança		x	<p>Ed.: “É.. temos de pensar nisto.. Duas ou três frases fortes.. «O mar vamos proteger. Sem os lixos...» Arranjarmos assim um slogan... para salvar os mares e os peixes, não era? Mas era capaz de ser engraçado, com um bocadinho desta dança.. Porque acho que esta música com estes movimentos...”</p> <p>M.: “Tenho borbulhas.”</p> <p>Ed.: “Oh M. deixa as borbulhas! Deixa de andar a beliscar e a mexer em tudo..”</p> <p>Ed.: “... estes movimentos... eram capazes de ficar engraçados... e pomos a dizer tipo dois ou três slogans... com a música de fundo enquanto a F. dançava ou outros diziam os slogans... é que a F. tem esta vertente... em termos de slogan era capaz de resultar.”</p> <p>M.: “Tenho comichão.”</p> <p>Ed.: “Eu digo-te: estás a ser can-sa-tiva.”</p> <p>Ed.: “Então vamos fazer assim, R. já deste uma ideia antes, vamos pela ideia do V. e do M.; vamos fazer uma baleia azul e um tubarão baleia.”</p> <p>B.: “Não quero...”</p> <p>Ed.: “Oh B. eu respeito a tua opinião, mas neste momento vou ter em conta a opinião do V. e M. ok?”</p>
Metodologias ajustadas às crianças			
Assimetrias entre criança e adulto	x		<p>Ed.: “levantem-se quem quer fazer um novo mergulhador, que eu estou baralhada.”</p> <p>(Ed. faz contagem)</p> <p>Ed.: “Dá-me 9. E agora quem está sentado...”</p> <p>(Ed. faz contagem)</p> <p>Ed.: “11. Ok. Vamos agora sentar-nos todos. Temos aqui uma situação: 9 e 11, não é muito expressiva a diferença, mas... deixa-me assim um sabor amargo esta vitória. Posso dar uma sugestão?”</p> <p>Crianças em coro: “Sim.”</p>

		<p>Ed.: “Ora vamos fazer um novo mergulhador? Mais pequeno? Não acham? Que este aqui é um bocadinho grande... Este aqui podemos acompanhar mais um mergulhador mais pequeno, para podermos levar na mão. Certo?”</p> <p>(Crianças em silêncio)</p> <p>Ed.: “Este não vai sair daqui. Aquele não vai desaparecer. Aquele pode acompanhar-nos. Pode fazer tudo o que nós quisermos.”</p> <p>(Criança burburinha)</p> <p>Ed.: “E tu, podes-te manter de boquinha calada. Não concordas? Mas eu também não pedi a tua opinião. Tens o direito à tua opinião e nós temos direito à nossa opinião.”</p> <p>Ed.: “Então vamos fazer assim, R. já deste uma ideia antes, vamos pela ideia do V. e do M.; vamos fazer uma baleia azul e um tubarão baleia.”</p> <p>B.: “Não quero...”</p> <p>Ed.: “Oh B. eu respeito a tua opinião, mas neste momento vou ter em conta a opinião do V. e M. ok? Eu percebo que não concordes, mas neste momento eles estão a dar opiniões muito interessantes. Mas respeito a tua opinião. Ora, temos mais decisões a tomar! Mergulhador, tubarão-baleia e baleia azul, certo?”</p> <p>Crianças em coro: “Sim.”</p> <p>Crianças em coro: “Não.”</p> <p>Ed.: “Ora, eu vou deixar de fazer as assembleias e vou passar a pôr-vos a fazer outro tipo de coisas se vocês não conseguem mandar no vosso corpinho e respeitar a opinião dos outros, é isso que querem?”</p> <p>Crianças: “Não.”</p> <p>Ed.: “Então, comportem-se. Estamos entendidos? Ótimo.”</p>
Adulto como mediador	x	<p>Adulto: “Vamos dar início à nossa..”</p> <p>Crianças: “Assembleia.”</p> <p>Adulto: “Boa! F. a semana passada, foste eleita presidente, recordas-te?”</p> <p>F.: “Sim.”</p> <p>Adulto: “E então? Qual era a tua função durante esta semana?”</p> <p>F.: “Era ouvir.”</p> <p>Adulto: “Ouvir quem?”</p> <p>F.: “Por exemplo se não partilhassem a bola...”</p> <p>Adulto: “E mais? Era só isso?”</p> <p>F.: “Não.”</p> <p>Adulto: “Pois, isso foi um exemplo. Não te lembras? Por exemplo se existisse algum problema no colégio ou alguma situação que quiséssemos conversar todos juntos, os colegas tinham de te dizer. Certo?”</p> <p>L.: “E ao T. (vice-presidente)”</p>

		<p>Adulto: “não? Ok. Então que soluções é que podemos arranjar para os colegas partilharem a bola com os outros? O que é que nós podemos fazer?”</p> <p>R.: “por exemplo, se eles não sabem partilhar a bola, saem do jogo.”</p> <p>Adulto: “isso é a consequência, agora o que é que podemos fazer para os meninos partilharem a bola?”</p> <p>R.: “lembrarmo-nos de partilhar.”</p> <p>Crianças em coro: “partilhar.”</p> <p>T.M.: “Já fiz isto e isto.”</p> <p>Adulto: “E o que é isso e isso?”</p> <p>T.M.: “Não sei.”</p> <p>Adulto: “Não sabes? Eu ajudo. Então o que é isto aqui?” (apontando com o dedo)</p> <p>T.M.: “É o mar.”</p> <p>Adulto: “Vês como sabes? É o mar. E aqui?” (apontando com o dedo)</p> <p>T.M.: “Tenho de pensar para dar nomes a isso.”</p> <p>Adulto: “Então eu dou-te tempo.”</p> <p>(silêncio)</p> <p>T.M.: “Caixote do lixo. Uma pessoa a pôr lixo no caixote do lixo.”</p> <p>Adulto: “Exatamente! Perfeito.”</p> <p>B.: (levantam-se do lugar dirigindo-se ao centro) “Nós fizemos o mar com um golfinho preso na rede.”</p> <p>Adulto: “Isso mesmo! Mas porque é que o golfinho ficou preso na rede?”</p> <p>(Silêncio)</p> <p>Adulto: “Como é que essa rede ficou presa no fundo do mar?”</p> <p>C.: “Porque o pescador, ele atirou a rede.”</p>
Adulto como defensor	x	<p>Ed.: “Portanto, a C. e a C.C. esta semana, vão ser as responsáveis. Temos de agradecer a F. e ao T.F. – podem-se pôr de pé – parabéns porque souberam desempenhar muito bem as vossas funções. Estiveram à altura daquilo para o qual foram eleitos. Parabéns a ambos. Os amigos tem de vos agradecer porque vocês foram impecáveis.”</p> <p>T.: “Para mim não.”</p> <p>Ed.: “Ah.. quando as pessoas têm coisas bonitas e boas a dizer nós ouvimos, quando não têm coisas simpáticas a dizer, nós fazemos de conta quem nem ouvimos. Certo? Porque só as coisas que são importantes é que nós devemos ouvir, está bem?”</p>

Adulto proporciona informação adequada à criança	x		<p>Adulto: “E este?”</p> <p>T.M.: (levanta-se do lugar dirigindo-se ao centro) “É meu, mas ainda não está terminado.”</p> <p>Adulto: “Pois não, mas não faz mal. Vamos ter tempo de terminar.”</p>
Adulto é empático – coloca-se no lugar da criança		x	<p>Adulto: “Há meninos que não se levantaram, não votaram, nem para uma coisa, nem para outra?”</p> <p>V.: “Eu.”</p> <p>Ed.: “Porquê?”</p> <p>V.: “Porque não quero.”</p> <p>Ed.: “Não queres o quê?”</p> <p>V.: “Fazer.”</p> <p>Ed.: “Não queres fazer nada? Mas isso é hoje que tu não queres fazer nada. E amanhã?” (recorrendo a ironia)</p> <p>V.: (acena que não com a cabeça)</p> <p>Ed.: “Então vamos fazer assim, R. já deste uma ideia antes, vamos pela ideia do V. e do M.; vamos fazer uma baleia azul e um tubarão baleia.”</p> <p>B.: “Não quero...”</p> <p>Ed.: “Oh B. eu respeito a tua opinião, mas neste momento vou ter em conta a opinião do V. e M. ok? Eu percebo que não concordes, mas neste momento eles estão a dar opiniões muito interessantes. Mas respeito a tua opinião. Ora, temos mais decisões a tomar! Mergulhador, tubarão-baleia e baleia azul, certo?”</p> <p>Crianças em coro: “Sim.”</p> <p>Crianças em coro: “Não.”</p> <p>Ed.: “Ora, eu vou deixar de fazer as assembleias e vou passar a pôr-vos a fazer outro tipo de coisas se vocês não conseguem mandar no vosso corpinho e respeitar a opinião dos outros, é isso que querem?”</p> <p>Crianças: “Não.”</p> <p>Ed.: “Então, comportem-se. Estamos entendidos? Ótimo.”</p>
Outros			
Sessões de quebra-gelo	S x	N	<p>Observações</p> <p>Houve a dinamização da sessão de quebra-gelo, no entanto, realizou-se no final – o que acabou por comprometer o sucesso da assembleia, não assumindo o papel que era suposto. A sessão de quebra-gelo, consistiu no jogo das estátuas.</p>

Apêndice 13

Grelha de Observação da Assembleia de Sala

Instituição A – PES II em Educação Pré-Escolar (13/03/23)

Temas				
	Criança	Adulto	Observações	
Quem escolhe os temas	x	x	Crianças falam de assuntos que foram observados durante a semana; adulto questiona sugestões de atividades para realizar na semana seguinte;	
	S	N	Observações	
Assuntos referentes à sala	X		Crianças falam de assuntos que foram observados durante a semana; adulto questiona sugestões de atividades para realizar na semana seguinte;	
Assuntos referentes à escola	X		Crianças falam de assuntos que foram observados durante a semana; adulto questiona sugestões de atividades para realizar na semana seguinte;	
Assuntos referentes à comunidade		X		
Assuntos referentes ao dia a dia	X		Crianças falam de assuntos que foram observados durante a semana; adulto questiona sugestões de atividades para realizar na semana seguinte;	
Outros assuntos		x		
Organização				
	Criança	Adulto	Observações	
Quem organiza os grupos		x	Grupo mantém-se completo.	
	C/ base na idade	C/ base na maturidade	C/ base nos interesses	Observações
Individual				
Pares				
Grupos				
Atitude/Postura das Crianças				
	S	N	Observações	
Crianças no controlo				
Criança tem direito à sua privacidade	x		Adulto: “V, e tu? Queres dar alguma sugestão?” (silêncio) Adulto: “Tens alguma sugestão? Alguma atividade que gostasses de fazer?” (V. abana com a cabeça que não.) Adulto: “Não? Queres pensar um bocadinho, para ver se te lembras de alguma coisa?” (V. abana a cabeça que sim.) Adulto: “B. queres dar alguma ideia?” B.: “não.” Adulto: “A. e tu? Tens alguma sugestão?” A.: (abana com a cabeça que não) Adulto: “também não?” A.: (abana com a cabeça que não.)	
Criança identifica desigualdades				
Criança manifesta vontade de justiça				
Criança negocia				
Criança pode expressar o seu ponto de vista/opinião	x		(Criança F. coloca o dedo no ar) Adulto: “Diz, F.” Criança F.: “então, nós estamos 1, 2, 3, 4, 5, 6... (faz a contagem dos alunos que estão em sala)... 20, 21.” Adulto: “21, sim.”	



			<p>Criança F.: “Se estão 21, nós temos de pôr 20, que é para algum deles, perder.” Adulto: “Exatamente! Certíssimo!”</p>
Ideias das crianças são levadas em conta	x		<p>(Criança F. coloca o dedo no ar) Adulto: “Diz, F.” Criança F.: “então, nós estamos 1, 2, 3, 4, 5, 6... (faz a contagem dos alunos que estão em sala)... 20, 21.” Adulto: “21, sim.” Criança F.: “Se estão 21, nós temos de pôr 20, que é para algum deles, perder.” Adulto: “Exatamente! Certíssimo!”</p> <p>R.: “experiências.” Adulto: “que experiências gostavas de fazer?” R.: “uma experiência que nós podemos pôr corantes, algumas coisas...” Adulto: “tu já fizeste alguma experiência?” R.: “sim, em minha casa. Pus corantes, mentos e depois aquilo explodiu.” Adulto: “Ahhhh já sei! Então, experiências. Registado.” (na semana seguinte, foi realizada uma experiência, tal como a criança sugeriu.)</p>
Crianças têm opiniões distintas/opostas	x		<p>C.: “um desenho sobre os peixes.” M.: “o mar com lixo.” C.A.: “Pinturas.” L.: “pintura do mar com os peixinhos só que com o arco-íris por cima.” R.: “experiências.” M.: “fazer um carro.” Adulto: “outra vez? Fizemos no outro dia, com a mãe do Miguel.” S.: “eu gostava de fazer o jogo do telefone estragado.” T.: “desenhar o fundo do mar.” T.F.: “fazer um desenho com a tartaruga” F.: “jogar ao rei manda.” V.: “fazer uma baleia.” F.: “nós podíamos fazer vários animais marinhos: baleias, tubarões, peixinhos e pendurá-los aqui no teto.”</p>
Crianças tomam decisões	x		<p>Adulto: “muito bem! Então, a partir de agora, o presidente e o vice-presidente, vão ter um colar para utilizarem todos os dias. Devem colocá-los assim que chegarem ao colégio. Assim vão andar identificados, para os colegas se lembrarem sempre quem é o presidente e o vice-presidente, está bem?” Adulto: “agora, é altura do nosso presidente escolher quem é que vai ser o vice-presidente.” Criança presidente: “é o V.” Adulto: “ok. Então, V, também podes vir aqui colocar o colar.” (ambas as crianças se encontram com os colares colocados)</p>
Adulto			
	S	N	Observações
Dá feedback às crianças	x		<p>Criança S.: “Sim. O jogo das cadeiras é assim: nós temos de fazer... uma roda de cadeiras...” Adulto: “Certo.” Criança S.: “..e depois nós temos de fazer uma roda... uma volta à volta das cadeiras...” Adulto: “Isso.” Criança S.: “...e depois com a música... e quando a música parar nós sentamos numa cadeira...” Adulto: “Exatamente.” Criança R.: “e quem não sentar num lugar, perde.” Adulto: “É isso mesmo.”</p> <p>T.F.: “fazer um desenho com a tartaruga” Adulto: “a turtle? Turtle é tartaruga em inglês. The turtle is White, Brown or green?” T.F.: “green.” Adulto: “Very good.”</p> <p>V.: “fazer uma baleia.”</p>



			<p>Adulto: “uau! Fazer uma baleia. E como é que fazíamos a baleia?” V.: “queria uma baleia grande.” Adulto: “ok e onde é que querias colocá-la, aqui na nossa sala?” V.: “no teto.” Adulto: “boa ideia!”</p>
Adulto escuta a criança	x		<p>C.: “fazer um desenho.” Adulto: “sobre o quê?” C.: “um desenho sobre os peixes.” Adulto: “registado.”</p> <p>B.: “gostava de fazer um desenho sobre a poluição, como a C. estava a dizer.” Adulto: “mas a C. não disse sobre a poluição, pois não?” C.: “Não. Foi dos peixes. Dos animais do mar.”</p> <p>C.A.: “Pinturas.” Adulto: “Pinturas com o quê?” (silêncio) Adulto: “com pincéis...? Com..” C.A.: “com pincéis.” Adulto: “uma pintura com pinceis.”</p> <p>L.: “pintura do mar com os peixinhos só que com o arco-íris por cima.” Adulto: “e como é que gostavas de pintar o fundo do mar?” L.: “com lápis de cor, numa folha.”</p> <p>R.: “experiências.” Adulto: “que experiências gostavas de fazer?” R.: “uma experiência que nós podemos pôr corantes, algumas coisas...” Adulto: “tu já fizeste alguma experiência?” R.: “sim, em minha casa. Pus corantes, mentos e depois aquilo explodiu.” Adulto: “Ahhhh já sei! Então, experiências. Registado.”</p> <p>M.: “fazer um carro.” Adulto: “outra vez? Fizemos no outro dia, com a mãe do Miguel.” M.: “não, mas era um carro gigante, que entrávamos lá dentro.” Adulto: “ah! Um carro gigante!”</p> <p>S.: “eu gostava de fazer o jogo do telefone estragado.” Adulto: “ah! Como fizemos no outro dia!”</p> <p>T.F.: “fazer um desenho com a tartaruga” Adulto: “a turtle? Turtle é tartaruga em inglês. The turtle is White, Brown or green?” T.F.: “green.” Adulto: “Very good.”</p> <p>V.: “fazer uma baleia.” Adulto: “uau! Fazer uma baleia. E como é que fazíamos a baleia?” V.: “queria uma baleia grande.” Adulto: “ok e onde é que querias colocá-la, aqui na nossa sala?” V.: “no teto.” Adulto: “boa ideia!”</p> <p>F.: “nós podíamos fazer vários animais marinhos: baleias, tubarões, peixinhos e pendurá-los aqui no teto.” Adulto: “vamos ver... Gostavam?” Crianças em coro: “sim.”</p>
Metodologias ajustadas às crianças	x		<p>Adulto: “então agora, vou pedir às meninas que se levantem e que vão buscar uma cadeira cada uma, por favor.” (meninas levantam-se e vão buscar as cadeiras) R.: “e os rapazes?”</p>



			Adulto: “esperam um bocadinho por favor.” (meninas já têm as cadeiras colocadas) Adulto: “e agora, os rapazes podem também ir buscar as cadeiras, por favor.” (meninas colocam as cadeiras) Adulto: “agora, vão por favor rodar as vossas cadeiras para o lado de fora. Vamos andar do lado de fora das cadeiras.” (criança roda a cadeira dela para o lado de fora) Adulto: “isso, assim! Exatamente. Assim como tens a tua, T.” Adulto: “agora vão chegar as vossas cadeiras para trás, mais juntinhas. Porque vocês vão andar aqui à volta e precisam de espaço.”
Assimetrias entre criança e adulto			
Adulto como mediador	x		Adulto: “Vamos dar início à nossa..?” Crianças: (silêncio) Adulto: “Assemb..?” Crianças: “..bleia” Adulto: “Assembleia. Que fazemos todas as semanas, certo?” Crianças: “Certo!” Adulto: “A semana passada fizemos o jogo das..?” Crianças: “estátuas” Adulto: “Boa! E hoje vamos fazer o jogo das ca..?” Crianças: “Cadeiras!” C.A.: “Pinturas.” Adulto: “Pinturas com o quê?” (silêncio) Adulto: “com pincéis...? Com..” C.A.: “com pincéis.” Adulto: “uma pintura com pincéis.”
Adulto como defensor			
Adulto proporciona informação adequada à criança	x		B.: “gostava de fazer um desenho sobre a poluição, como a C. estava a dizer.” Adulto: “mas a C. não disse sobre a poluição, pois não?” C.: “Não. Foi dos peixes. Dos animais do mar.” M.: “fazer um carro.” Adulto: “outra vez? Fizemos no outro dia, com a mãe do Miguel.” M.: “não, mas era um carro gigante, que entrávamos lá dentro.” Adulto: “ah! Um carro gigante!”
Adulto é empático – coloca-se no lugar da criança			
Outros			
	S	N	Observações
Sessões de quebra-gelo	x		Para a sessão de quebra-gelo, foi jogado o jogo das cadeiras.

Apêndice 14

Grelha de Observação da Assembleia de Sala

Instituição A – PES II em Educação Pré-Escolar (20/03/23)

Temas				
	Criança	Adulto	Observações	
Quem escolhe os temas		x	Eleição dos novos presidentes e vice-presidentes da assembleia; Sugestões de atividades para realizarmos na semana seguinte;	
	S	N	Observações	
Assuntos referentes à sala	X		Eleição dos novos presidentes e vice-presidentes da assembleia; Sugestões de atividades para realizarmos na semana seguinte;	
Assuntos referentes à escola	X			
Assuntos referentes à comunidade		X		
Assuntos referentes ao dia a dia	X		Eleição dos novos presidentes e vice-presidentes da assembleia; Sugestões de atividades para realizarmos na semana seguinte;	
Outros assuntos		x		
Organização				
	Criança	Adulto	Observações	
Quem organiza os grupos		x	Grupo mantém-se todo junto.	
	C/ base na idade	C/ base na maturidade	C/ base nos interesses	Observações
Individual				
Pares				
Grupos				
Atitude/Postura das Crianças				
	S	N	Observações	
Crianças no controlo				
Criança tem direito à sua privacidade				
Criança identifica desigualdades	X		F.: “Então e a presidente não vai escolher um vice-presidente?” Adulto: “Sim, calma! C., vais ter escolher um amigo ou uma amiga para ser vice-presidente.” C.: “A R.”	
Criança manifesta vontade de justiça	x		F.: “Então e a presidente não vai escolher um vice-presidente?” Adulto: “Sim, calma! C., vais ter escolher um amigo ou uma amiga para ser vice-presidente.” C.: “A R.”	
Criança negocia				
Criança pode expressar o seu ponto de vista/opinião	x		M.S.: “podemos fazer um buraco no chão para conseguirmos fazer animais marinhos.” Adulto: “era uma ideia boa, tal como vimos no SeaLife mas era se conseguíssemos transformar a nossa sala num aquário...” C. “podíamos ouvir uma história e depois quando acabasse a história, podíamos fazer um desenho da história.” Adulto: “olha que ótima ideia! E que história é que tu gostavas de ouvir?” C.: “uma história do lobo.” Adulto: “ok, vamos ver o que é que encontramos...” C.: “fazer uma colagem” Adulto: “uma colagem de quê?” C.: “uma qualquer.”	
Ideias das crianças são levadas em conta	x		Adulto: “..C., vais ter escolher um amigo ou uma amiga para ser vice-presidente.” C.: “A R.” Adulto: “A R., muito bem. R. pode ser?”	

			<p>R.: "Sim."</p> <p>Adulto: "Bem, para terminar. Gostava de saber atividades que vocês gostassem de fazer esta semana. Que ideias é que vocês têm?" B.: "aqueles espelhos. Transformarmos noutras coisas." Adulto: "ah! Que boa ideia! As pinturas de simetrias.. podemos transformar noutra coisa. Em que é que podemos transformar?" B.: "numa borboleta." Adulto: "Sim! Boa! Estamos na primavera... é uma boa ideia!" (foram realizadas as transformações das pinturas de simetrias, em borboletas, na semana seguinte.)</p>
Crianças têm opiniões distintas/opostas	x		<p>Adulto: "Bem, para terminar. Gostava de saber atividades que vocês gostassem de fazer esta semana. Que ideias é que vocês têm?" C.: "campo de jogos." B.: "aqueles espelhos. Transformarmos noutras coisas." B.: "numa borboleta." F.: "irmos à mata." D.: "uma colagem de peixinhos." M.: "fazer flores." R.: "podemos fazer uma pintura." M.: "uma pintura da primavera." M.S.: "podemos fazer um buraco no chão para conseguirmos fazer animais marinhos." C. "podíamos ouvir uma história e depois quando acabasse a história, podíamos fazer um desenho da história." R.: "fazer corridas lá fora." S.: "hmm... fazermos uma pintura do fundo do mar" C.: "fazer uma colagem" S.: "desenhar o fundo do mar, dois a dois, em trabalho de equipa."</p>
Crianças tomam decisões	x		<p>Adulto: "Então agora, cada um de vocês, vai ter de escolher um colega para ser presidente. Mas desta vez, vêm aqui ao ouvido da Raquel, dizer. Vão dizer o nome do colega, ao meu ouvido. Mas só eu é que posso ouvir, mais ninguém." Criança: "Tem de ser baixinho."</p> <p>Adulto: "...C., vais ter escolher um amigo ou uma amiga para ser vice-presidente." C.: "A R." Adulto: "A R., muito bem. R. pode ser?" R.: "Sim."</p> <p>Adulto: "Bem, para terminar. Gostava de saber atividades que vocês gostassem de fazer esta semana. Que ideias é que vocês têm?" B.: "aqueles espelhos. Transformarmos noutras coisas." Adulto: "ah! Que boa ideia! As pinturas de simetrias.. podemos transformar noutra coisa. Em que é que podemos transformar?" B.: "numa borboleta." Adulto: "Sim! Boa! Estamos na primavera... é uma boa ideia!" (foram realizadas as transformações das pinturas de simetrias, em borboletas, na semana seguinte.)</p>
Adulto			
	S	N	Observações
Dá feedback às crianças	x		<p>B.: "aqueles espelhos. Transformarmos noutras coisas." Adulto: "ah! Que boa ideia! As pinturas de simetrias.. podemos transformar noutra coisa. Em que é que podemos transformar?" B.: "numa borboleta." Adulto: "Sim! Boa! Estamos na primavera... é uma boa ideia!"</p> <p>M.: "fazer flores." Adulto: "também é uma boa ideia.." R.: "podemos fazer uma pintura." Adulto: "sim, podemos fazer mais pinturas."</p> <p>M.S.: "podemos fazer um buraco no chão para conseguirmos fazer animais marinhos."</p>

		<p>Adulto: “era uma ideia boa, tal como vimos no SeaLife mas era se conseguíssemos transformar a nossa sala num aquário... na sala debaixo da nossa o que é que existe? Existem peixes?” M.S.: “não” Adulto: “pois, então se fizessemos um buraco no chão, íamos encontrar peixes ou íamos encontrar uma sala?” M.S.: “uma sala.” R.: “podíamos fazer um buraco grande e pôr lá água do chuveiro.” Adulto: “se fizessemos um buraco grande íamos estragar o chão da nossa sala, não era...?” R.: “Pois era.”</p> <p>C. “podíamos ouvir uma história e depois quando acabasse a história, podíamos fazer um desenho da história.” Adulto: “olha que ótima ideia! E que história é que tu gostavas de ouvir?” C.: “uma história do lobo.” Adulto: “ok, vamos ver o que é que encontramos...”</p> <p>S.: “desenhar o fundo do mar, dois a dois, em trabalho de equipa.” Adulto: “olha que bem! E quem é que escolhias para fazer esse trabalho contigo?” S.: “O T.F.” Adulto: “muito bem! Gostei muito dessa ideia, de trabalhar em equipa.”</p> <p>Adulto: “Que belas ideias que temos aqui! Então, terminamos assim a nossa assembleia.”</p>
Adulto escuta a criança	x	<p>B.: “aqueles espelhos. Transformarmos noutras coisas.” Adulto: “ah! Que boa ideia! As pinturas de simetrias.. podemos transformar noutra coisa. Em que é que podemos transformar?” B.: “numa borboleta.” Adulto: “Sim! Boa! Estamos na primavera... é uma boa ideia!”</p> <p>M.: “fazer flores.” Adulto: “também é uma boa ideia..” R.: “podemos fazer uma pintura.” Adulto: “sim, podemos fazer mais pinturas.”</p> <p>M.S.: “podemos fazer um buraco no chão para conseguirmos fazer animais marinhos.” Adulto: “era uma ideia boa, tal como vimos no SeaLife mas era se conseguíssemos transformar a nossa sala num aquário... na sala debaixo da nossa o que é que existe? Existem peixes?” M.S.: “não” Adulto: “pois, então se fizessemos um buraco no chão, íamos encontrar peixes ou íamos encontrar uma sala?” M.S.: “uma sala.” R.: “podíamos fazer um buraco grande e pôr lá água do chuveiro.” Adulto: “se fizessemos um buraco grande íamos estragar o chão da nossa sala, não era...?” R.: “Pois era.”</p> <p>C. “podíamos ouvir uma história e depois quando acabasse a história, podíamos fazer um desenho da história.” Adulto: “olha que ótima ideia! E que história é que tu gostavas de ouvir?” C.: “uma história do lobo.” Adulto: “ok, vamos ver o que é que encontramos...”</p> <p>C.: “fazer uma colagem” Adulto: “uma colagem de quê?” C.: “uma qualquer.”</p> <p>S.: “desenhar o fundo do mar, dois a dois, em trabalho de equipa.” Adulto: “olha que bem! E quem é que escolhias para fazer esse trabalho contigo?”</p>

			<p>S.: "O T.F."</p> <p>Adulto: "muito bem! Gostei muito dessa ideia, de trabalhar em equipa."</p>
Metodologias ajustadas às crianças	x		<p>Adulto: "Então, vamos jogar ao Apito 1, 2, 3. Eu vou colocar música e quando a música parar, vou tocar o meu apito. Uma vez, duas vezes ou três vezes. Se eu tocar uma vez, vocês têm de cumprimentar o colega que estiver mais perto de vocês, com um aperto de mão, com um abraço, com um beijinho, como vocês quiserem, ok?"</p> <p>Crianças em coro: "ok."</p> <p>Adulto: "então se eu apitar uma vez (adulto apita uma vez) o que é que vocês fazem?"</p> <p>Crianças: "cumprimentar."</p> <p>Adulto: "certo, cumprimentar o colega que estiver mais perto."</p> <p>Adulto: "quando eu apitar duas vezes, vocês têm de ficar sérios a olhar para o colega que estiver mais perto, não se podem rir."</p> <p>Criança: "é jogar ao jogo do sério?"</p> <p>Adulto: "é parecido, sim. Não se podem rir, como no jogo do sério."</p> <p>Adulto: "então se eu apitar duas vezes (adulto apita duas vezes), o que é que vocês fazem?"</p> <p>Criança: "ficar sério com os amigos."</p> <p>Adulto: "boa. Exatamente. Então, uma vez, o que é que fazemos?"</p> <p>Criança: "cumprimentar."</p> <p>Adulto: "e duas vezes?"</p> <p>Crianças: "ficar sério."</p> <p>Adulto: "muito bem! E por fim, se eu tocar três vezes (adulto apita três vezes) vocês têm de dançar com o amigo que estiver mais perto. Perceberam?"</p> <p>Crianças em coro: "sim."</p> <p>Adulto: "então se eu tocar três vezes, fazem o quê?"</p> <p>Crianças: "dançar com o amigo."</p> <p>Adulto: "boa! Então desta vez é só para verem se perceberam, ok?"</p>
Assimetrias entre criança e adulto			
Adulto como mediador	X		<p>S.: "desenhar o fundo do mar, dois a dois, em trabalho de equipa."</p> <p>Adulto: "olha que bem! E quem é que escolhias para fazer esse trabalho contigo?"</p> <p>S.: "O T.F."</p> <p>Adulto: "muito bem! Gostei muito dessa ideia, de trabalhar em equipa."</p>
Adulto como defensor	x		<p>S.: "desenhar o fundo do mar, dois a dois, em trabalho de equipa."</p> <p>Adulto: "olha que bem! E quem é que escolhias para fazer esse trabalho contigo?"</p> <p>S.: "O T.F."</p> <p>Adulto: "muito bem! Gostei muito dessa ideia, de trabalhar em equipa."</p>
Adulto proporciona informação adequada à criança	x		<p>Adulto: "Hoje vamos jogar o jogo Apito 1, 2, 3."</p> <p>Criança: "Apito, 1, 2, 3?"</p> <p>Adulto: "Sim e desta vez, é um jogo sem competição, o que é que significa?"</p> <p>Criança R.: "que ninguém é vencedor."</p> <p>Adulto: "Isso! Sem competição, quer dizer que não vai haver nenhum vencedor. Ninguém ganha e ninguém perde."</p> <p>Criança F.: "Então não vai haver presidente e vice-presidente?"</p> <p>Adulto: "Vai haver na mesma, mas hoje não vai ser através do jogo que vamos decidir quem vai se o presidente e o vice-presidente. Mas depois eu já vou explicar, ok?"</p> <p>Adulto: "Bem, para terminar. Gostava de saber atividades que vocês gostassem de fazer esta semana. Que ideias é que vocês têm?"</p> <p>C.: "campo de jogos."</p> <p>Adulto: "Meninos, já está decidido que todas as quartas-feiras vamos para o campo de jogos. Já é certo. Já é uma certeza. Portanto não vale a pena estarem a sugerir, estarem a dizer para irmos para o campo de jogos, porque já temos a certeza que vamos. Aproveitem para dar outras ideias, de coisas que não está planeado fazermos. Pensem noutras coisas."</p>



			<p>Adulto: “Então agora, cada um de vocês, vai ter de escolher um colega para ser presidente. Mas desta vez, vêm aqui ao ouvido da Raquel, dizer. Vão dizer o nome do colega, ao meu ouvido. Mas só eu é que posso ouvir, mais ninguém.”</p> <p>Criança: “Tem de ser baixinho.”</p> <p>Adulto: “Exatamente. Ninguém pode ouvir, só eu. Pensem bem. Não é pensar por amizade. Não é escolher o vosso melhor amigo... Também pode ser, mas pensem quem é o menino ou menina que vocês acham que é a pessoa indicada para vos ajudar durante a semana, para tomar as melhores decisões...”</p> <p>Adulto: “C., Foste eleita para presidente. Podes-te levantar. Foste eleita com 6 votos, 6 amigos votaram na C. 1/4 da sala... significa que é uma maioria.”</p> <p>R.: “Eu escolhi-te”</p> <p>A.: “Eu também escolhi a C.”</p> <p>Adulto: “Meninos, o voto é secreto! Se nós quiséssemos que vocês dissessem quem iam escolher em voz alta, não tínhamos pedido para irem dizer ao ouvido da Raquel. Por isso mesmo, é que desta vez, escolhemos uma forma diferente de exercer o presidente ou a presidente. Foi com o voto secreto. O voto em que ninguém sabe em quem vocês votaram. Isso só vos diz respeito a vocês. Ok?”</p> <p>Crianças em coro: “Sim.”</p>
Adulto é empático – coloca-se no lugar da criança	x		<p>(Uma das crianças, dirige-se ao pé do adulto...)</p> <p>V.: “Não sei o que é para fazer.”</p> <p>Adulto: “Toda a gente ouviu o que é para fazer?”</p> <p>(silêncio)</p> <p>Adulto: “Têm de escolher o colega que vocês acham que deve ser presidente esta semana. Perceberam?”</p> <p>Crianças em coro: “Sim.”</p>
Outros			
	S	N	Observações
Sessões de quebra-gelo	x		<p>Jogo do Apito 1, 2, 3 (jogo sem competição)</p> <p>Coloca-se música e quando a música parar, toca-se o apito - Uma vez: as crianças têm de cumprimentar o colega que estiver mais perto, com um aperto de mão, abraço, beijinho..;</p> <p>Duas vezes: ficar sérios/jogar ao jogo do sério com o colega que está mais perto, não se podendo rir;</p> <p>Três vezes: dançar com o colega que estiver mais perto;</p>

Apêndice 15

Notas de Campo: Observação da Assembleia de Turma do 1º Ano – Instituição A

A Assembleia de Turma do 1º ano realizou-se na Instituição A, no dia 25 de maio de 2022 tendo a duração de 30 min.

No que concerne ao tema, este foi previamente escolhido pelos adultos: Ementa para o Dia da Criança; Atividades para o Dia da Criança; Atividades para a 1ª semana de julho. A professora titular, optou ainda, por abordar o motivo pelo qual se comemora o Dia da Criança.

Relativamente à organização da turma, esta ficou exatamente como é habitual estar ao longo das atividades letivas: os alunos sentados no seu lugar, em filas.

Em relação à atitude/postura das crianças, estas nunca se encontraram no controlo, tendo sido a professora a única orientadora ao longo da assembleia. Era esta que falava, anotava e questionava. Os alunos apenas contribuíam com as suas sugestões e ainda assim, nem sempre considerava oportuno «Aluno: *“eu sei como podemos escolher o que vamos comer: votamos.”* Professora *“ok, mas agora ainda não é altura para isso.”*». Ainda assim, aquando da professora questionar os alunos, quais os seus direitos e deveres enquanto crianças, estes responderam *“ler livros, brincar...”*. Ao longo da assembleia, pôde-se verificar que estas possuíam opiniões opostas, por exemplo, na escolha da ementa para o Dia da Criança – alguns alunos sugeriram ser *“massa à bolonhesa”*, outros *“pizza”*, *“lasanha”*, entre outros.

Quanto ao adulto, este procurou ir dando feedback aos seus alunos «Professora: *“Então pelo que eu percebi, vocês querem é jogar jogos e torneiros no Dia da Criança. É isso, não é?”*» e proporcionar-lhes informação adequada «Aluno: *“Professora, eu não gosto de sumo. Prefiro água.”* Professora: *“Pronto, água temos sempre. Quem não quer beber sumo, pode beber água.”* No entanto, nem sempre os escutava «Aluna: *“Eu gostava de fazer aquele jogo que..”* Professora: *“Pronto, jogos”* Aluna: *“...aquele jogo que dá música e depois quando pára..”* Professora: *“ah o macaquinho chinês!”* Aluna: *“não, aquele jogo que a música pára e nós ficamos parados”* Professora: *“pronto, jogos”*».

Nesta assembleia, não existiu nenhuma sessão de quebra-gelo. A professora apenas partilhou um PowerPoint no início.

Apêndice 16

Grelha de Observação da Assembleia de Turma do 2º Ano – Instituição A

Notas de campo: 25 de maio de 2022.

A Assembleia de Turma do Pré-Escolar realizou-se na Instituição A, no dia 25 de maio de 2022 tendo a duração de 45 min.

No que concerne ao tema, este foi previamente escolhido pelos adultos: Ementa para o Dia da Criança; Atividades para o Dia da Criança; Atividades para a 1ª semana de julho.

Relativamente à organização da turma, esta ficou exatamente como é habitual estar ao longo das atividades letivas: os alunos sentados no seu lugar, com as mesas colocadas aleatoriamente.

Em relação à postura/atitude das crianças, estas não se encontraram no controlo, tendo sido a professora a fazê-lo. Esta é que dinamizou a assembleia. Os alunos iam expressando a suas opiniões «Aluno: *“Não gosto nada dessa atividade.”*, *“Eu gostava de fazer ski”*, *“Eu gostava de ir à disneyland”*» manifestando assim, opiniões distintas. Estas não tiveram oportunidade de tomar todas as decisões, pois quando a professora expõe os resultados dos votos e se verifica um empate entre dois pratos, é esta que vota para os desempatar, não dando oportunidade que sejam os alunos a fazê-lo.

Quanto ao adulto, procurou dar feedback aos alunos ao longo da assembleia «Aluno: *“Professora, quero alterar a minha escolha para peixe com salada.”* Professora: *“Ok, mas vamos levar à assembleia de escola os dois pratos mais votados. Acabaste de alterar para um prato que não tem nenhum voto... queres alterar?”* Aluno: *“Não.”*» procurou ainda, ouvi-los/escutá-los, validando as suas escolhas «*“Professora, quero alterar a escolha. Em vez de folhado de carne, quero hambúrguer”* (Professora altera o registo)». Procurou ainda proporcionar informação adequada aos alunos «Aluno: *“Gostava de fazer ski”* Professora: *“Ski? No verão vai ser difícil”*»

Nesta assembleia, não existiu nenhuma sessão de quebra-gelo, tendo sido iniciada com a professora a informar que *“vamos dar início à nossa assembleia...”*

Apêndice 17

Notas de Campo: Observação da Assembleia de Turma do 4º Ano – Instituição A

A Assembleia de Turma do Pré-Escolar realizou-se na Instituição A, no dia 12 de maio de 2022 tendo a duração de 45 min.

No que concerne ao tema, este foi previamente escolhido pelos adultos: Ementa para o Dia da Criança; Atividades para o Dia da Criança; Atividades para a 1ª semana de julho e Newsletter “A despedida”.

Relativamente à organização da turma, esta já se encontrava previamente preparada em grupos de 5/6 elementos, pois é assim que a turma se encontra durante as atividades letivas.

Em relação à postura/atitude das crianças, estas não se encontravam no controlo, foi a professora que projetou os temas, solicitou a delegada que abrisse a assembleia, anotou os temas e sugestões que os alunos iam dando. Num momento em que deveria ser a delegada a delegar a assembleia, era a professora que acabava por controlar, chegando a dizer «*Delegada, tem de pôr ordem na assembleia – és tu que lideras a assembleia. Estão a fazer muito barulho, não estão a respeitar a presidente da assembleia.*» “*Há mais alguma sugestão?*” (silêncio) *Não há? Ok! Avançamos!*» *É possível referir ainda que os alunos não podem expressar livremente o seu ponto de vista, por exemplo, um aluno sugere fazerem um cozido À portuguesa, se existirem legumes, ao qual a professora responde «” Chegou a hora da parvalheira”».* De um modo geral, os alunos têm opiniões distintas, sugerindo ementas distintas umas das outras. As crianças não tomam decisões, pois apesar de algumas ideias serem aceites para levarem à reunião, não há garantia que sejam aceites.

Quanto ao adulto, este procura dar feedback aos alunos, por exemplo «*Aluno: “Dar uma volta no elétrico no porto.” Professora: “Essa é gira ” Aluno: “Ir ao cinema.” Professora (acena com a cabeça.)*». Verificou-se ainda que o adulto proporcionou informação adequada às crianças «*Professora: “Nas assembleias, por lei, costumamos dar 30min de tolerância, neste caso, não damos tolerância porque já estão todos presentes.”*»

Nesta assembleia, não existiu nenhuma sessão de quebra-gelo.

Apêndice 18

Notas de Campo: Observação da Assembleia de Escola – Instituição A

Notas de campo: 27 de maio de 2022.

A Assembleia de Turma do Pré-Escolar realizou-se na Instituição A, no dia 27 de maio de 2022 tendo a duração de 45 min.

No que concerne ao tema, este foi previamente escolhido pelos adultos: Ementa para o Dia da Criança; Atividades para o Dia da Criança; Atividades para a 1ª semana de julho.

Relativamente à organização do grupo, estes encontravam-se organizados por turma, no campo de jogos do Colégio, ao ar livre.

Em relação à postura/atitude das crianças, verificou-se que as crianças estavam no controlo, sendo que eram 4 crianças, do 4º ano a orientar/liderar a assembleia, escolhendo quem falava, o que se seguia, entre outros. Todas as crianças podiam expressar o seu ponto de vista, acabando por fazer referência ao comportamento dos alunos do Colégio, no geral, uma vez que foi um tema abordado na assembleia de Escola anterior «*Aluno: “acho que tem melhorado pois agora no futebol não há assim tanta disputa” Aluna: “acho que não está melhor porque há meninos que abrem as torneiras e deixam-nas as correr e continua a haver comida no caixote do lixo...”*» No entanto, apesar dos alunos poderem manifestar livremente o seu ponto de vista, estes nem sempre tomam as decisões na totalidade: quanto às atividades escolhidas para a 1ª semana de julho, as atividades sugeridas pelas turmas previamente, foram tidas em conta, sendo que algumas delas foram selecionadas para se realizarem. No entanto, quanto às ementas, nenhuma das ementas selecionadas foi sugerida por nenhuma das turmas, tendo-se chegado à conclusão que foi a decisão do adulto que prevaleceu.

Quanto ao adulto, este procurou dar feedback aos alunos e ouvindo-os, pois, acabou por verificar que o tema do comportamento estava a gerar muito interesse, sugeriu realizar uma assembleia de turma para abordarem e discutirem os assuntos que foram falados: mau comportamento no colégio e soluções. Confessou ainda: «*Professor: “Muito bem, estão a falar de temas muito interessantes!”*» Este procurou ainda proporcionar informação adequada a todas

as crianças «*”Professor: “este ano são 4 representantes do 4º ano, para o ano, são os representantes que estão agora no 3º, que vão estar aqui, a orientar a assembleia de escola – mas não foram só eles que decidiram, foram todos os delegados de turma, depois de terem reunidos com as suas turmas.”*»

Nesta assembleia, verificou-se a existência de uma sessão de quebra-gelo, sendo que os orientadores da assembleia (alunos do 4º ano), iniciaram esta sessão, com uma adivinha para cada turma. Estes fazem uma breve descrição de uma professora/o e os alunos têm de adivinhar a quem se referem.

Apêndice 19

Notas de Campo: Observação da Assembleia de Sala do Pré-Escolar – Instituição B

Notas de campo: 25 de novembro de 2022.

A Assembleia de Sala do Pré-Escolar realizou-se na Instituição B, no dia 25 de novembro 2022 tendo a duração de 20min.

No que concerne ao tema, este foi previamente escolhido pelo adulto, a educadora quis saber o que é que as crianças mais gostaram de fazer naquela semana, o que é que gostaram menos de fazer e o que é que gostavam de fazer para o projeto lúdico a decorrer em sala – portanto, o assunto mostrou-se referente à sala, à escola e a outros assuntos.

Relativamente à organização do grupo, este manteve-se sentado em U, na manta, como é costume estar no acolhimento. De salientar que esta assembleia ocorreu a seguir ao acolhimento e não houve alterações na forma como as crianças estavam.

Em relação à postura/atitude das crianças, houve momentos em que as crianças se encontravam no controlo e outros momentos em que não. Por exemplo quando a educadora questiona de que cor é que as crianças querem pintar a loja, as crianças respondem «*de verde e vermelho e rosa.*» Adulto: «*assim com tantas cores acham que vai ficar gira?*» Até que uma criança diz que quer rosa e outra laranja, procedendo a votações entre rosa e laranja. – Ou seja, o adulto acaba por influenciar a escolha das crianças, no entanto, no final das votações, prevalece a escolha destas. Por outro lado, temos o exemplo do momento em que o adulto questiona: «*de que cor querem pintar o tolde?*» Criança: «*azul*» Adulto: «*ok, pode ser azul. E quem quer pintar?*» Nesta situação, é dado o controlo às crianças. Nesta assembleia, não foi possível verificar se as crianças têm ou não direito à sua privacidade, se identificam desigualdades, se manifestam vontade de justiça e se a criança negocia. No entanto, foi possível verificar que a criança pode manifestar a sua opinião Criança: «*não gostei de estar no cavalete porque os pincéis são muito grossos e não há amarelo.*» Criança: «*eu não me lembro o que fizemos em ginástica.*» Criança: «*gostei da visita da cientista.*» Podemos ainda acrescentar que há momentos em que as

ideias das crianças são levadas em conta, mas noutros momentos não; por exemplo, tal como já foi exemplificado em anteriormente, educadora: «*de que cor querem pintar o tolde?*» Criança: “*azul*” Adulto: “*ok, pode ser azul. E quem quer pintar?*»» Por outro lado, também foi possível observar-se momentos em que as ideias das crianças não foram levadas em conta, quando por exemplo, a educadora questiona de que cor querem pintar a loja e crianças respondem: «*de verde e vermelho e rosa.*” Adulto: “*assim com tantas cores acham que vai ficar gira?*»» Até que uma criança diz que quer rosa e outra laranja, procedendo a votações entre rosa e laranja. Finalmente, quanto às crianças terem opiniões distintas/opostas, foi claramente visível quando a educadora questionou de que cor queriam pintar a loja e 7 crianças votaram em laranja e 8 crianças votaram no cor-de-rosa; as restantes crianças não manifestaram a sua opinião. Podemos observar ainda a diferença de opiniões das crianças no que concerne à escolha de materiais, adulto: «*então e como é que vamos pintar? Com o que é que vamos pintar?*” Criança X: “*cotonetes, pincéis...*” Criança Y: “*e com aquela bolinha pequenina que eu tenho.*»» Nesta assembleia, as crianças também puderam tomar decisões, por exemplo na escolha da cor da loja, 7 crianças votaram no laranja e 8 crianças no cor-de-rosa - adulto: «*então quem tem mais? (votos) O rosa tem 8, o laranja tem 7 – quem ganha?*” “*Crianças: o rosa*”» Tendo sido o cor-de-rosa a cor que as crianças utilizaram para pintar a loja.

Quanto ao adulto, este procurou dar feedback às crianças. Quando estas se começaram a mostrar inquietas (por estarem sentadas há muito tempo) o adulto disse: «*já estamos a acabar; pronto, vocês já estão cansados de falar do projeto, à tarde continuamos.*»» No que concerne ao adulto escutar a criança: algumas vezes verificou-se que este a escutava, mas em outros momentos não. Por exemplo, o adulto escutou a criança quando as questionou da cor que queriam pintar o tolde e estas disseram «*azul*” Adulto: “*ok, pode ser azul.*»» Tendo sido efetivamente a cor usada para a pintura do tolde; e ainda quando a educadora questiona: «*então quem vai pintar a nossa loja?*»» (crianças põem o dedo no ar.) Adulto anota no caderno as crianças que estão com o dedo no ar, enquanto diz o nome das crianças em voz alta. No entanto, também houve momentos em que o adulto não escutou a criança, quando por exemplo este questionou: «*O que é que gostaram mais de fazer esta semana?*” Criança:

“fazer a árvore de Natal em casa” Adulto: “mas estou a perguntar na escola.”» Ou ainda quando a criança diz: «“tenho um dói-dói.” Adulto: “amor, agora não é hora de falar de dói-dóis, estamos a falar da nossa lojinha.”» Constatou-se que as metodologias não eram ajustadas às crianças, uma vez que estas se acabaram por demonstrar irrequietas, pois a assembleia decorre depois do acolhimento e já estão há muito tempo sentadas. Desta forma, o adulto procura realizar uma dinâmica de movimento que contrarie a irritabilidade que estes estão a sentir, pedindo para estes: saltarem, baterem os pés de força, devagar, sentar, pôr de pé, voltar a sentar, entre outros. Apesar de esta metodologia se ter demonstrado adequada, não teria sido necessária, se a assembleia não se tivesse realizado a seguir ao acolhimento, mantendo exatamente as posições em que estes se encontravam já anteriormente, durante algum tempo. O adulto podia ter privilegiado este momento de libertação de energia, antes de iniciar a assembleia, ou seja, entre o acolhimento e a assembleia. Não se verificaram assimetrias entre a criança e o adulto. Nesta assembleia, o adulto revelou-se mediador, uma vez que procurou ir orientando as crianças e guiando-as, por exemplo, após procederem a votações para as crianças escolherem de que cor queriam pintar a loja, o adulto questionou: «“então quem tem mais? O rosa tem 8, o laranja tem 7 – quem ganha?” levando a que as crianças chegassem à resposta: Crianças: “o rosa.”» Outro exemplo é quando o adulto imagina uma situação, juntamente com as crianças, de modo a guiá-las, adulto: «“faz de conta que a nossa loja já está pintada: o que é que vamos fazer a seguir?” Criança: “podemos pôr aquela coisa por cima.” Adulto: “um tolde! Boa!”» ou ainda quando o adulto questiona: «“então e quem vai pintar?” (Crianças põem o dedo no ar.) Adulto regista na folha e diz “Ok, se mais ninguém se oferece, ficam estes.”» Não se verificou o adulto como defensor. Quando ao adulto proporcionar informação adequada à criança, foi possível verificar-se diversas vezes, adulto: «“mais alguma coisa que gostaram de fazer?” Criança: “cantar a música da Alegria!” Adulto: “mas essa música foi a que cantamos na nossa festa de final de ano.”» Ou quando o adulto questiona de que cores querem pintar a lojinha, as crianças respondem: «“pintar a nossa loja com várias cores.” adulto: “de que cores?” Crianças: “cores de Natal.” Adulto: “mas a loja não é só para o Natal.”» Ou ainda, depois de dizerem que podiam fazer um tolde para a lojinha, criança acrescentou: «“depois temos de ter assim uma coisa para puxar para a frente e

para trás.” Adulto: “pois, isso é que é mais difícil, mas podemos arranjar alguma coisa para fechar a nossa loja quando tiver fechada.”» Outro exemplo, foi quando o adulto perguntou: «“então e como é que vamos pintar? Com o que é que vamos pintar?” Criança X: “cotonetes, pincéis...” Criança Y: “e com aquela bolinha pequenina que eu tenho.” Adulto: “tenho aqui no meu bolso – podemos pintar com esta bola, mas temos de arranjar mais.”» Explicando às crianças que uma bola apenas, não é suficiente para 24 crianças. Finalmente, nesta assembleia, o adulto não se demonstrou empático com a criança, uma vez que uma delas partilhou: «“tenho um dói-dói.” Adulto: “amor, agora não é hora de falar de dói-dóis, estamos a falar da nossa lojinha.”» Tendo-se revelado carinhoso, no entanto, o que para a criança tinha um significado importante, o adulto não lhe deu importância.

Nesta assembleia, não existiu nenhuma sessão de quebra-gelo.

Apêndice 20

Notas de campo: Observação da Assembleia de Sala do Pré-Escolar – Instituição B

A Assembleia de Sala do Pré-Escolar realizou-se na Instituição B, no dia 06 de janeiro de 2023 tendo a duração de 20min.

No que concerne ao tema, este foi escolhido pelo adulto; este queria saber o que é que as crianças mais gostaram e menos gostaram de fazer naquela semana, quais as atividades que gostariam de realizar na semana seguinte e ideias do que gostavam mais de fazer para o projeto lúdico da sala – tendo sido então, assuntos referentes à sala, escola, dia a dia e outros assuntos.

Relativamente à organização do grupo: o grupo encontrava-se todo reunido em sala, ao final da tarde, no entanto, as crianças mais novas mostravam-se inquietas – posto isto, o adulto optou por pedir ao auxiliar que se dirigisse para o exterior com essas mesmas crianças, enquanto as crianças mais velhas realizavam a assembleia, sentadas à volta de uma mesa.

Em relação à postura/atitude das crianças, as crianças tiveram direito à sua privacidade pois uma criança questionou: «*Oh T., mas tu choraste. Porque é que o T. chorou no meio do teatro?*» e a criança não respondeu, remetendo-se ao silêncio. Quanto a expressar o seu ponto de vista, as crianças fizeram-no frequentemente, podendo verificar-se quando o adulto questiona: «*o que é que gostaram mais?*» criança 1: «*de fazer teatro*» criança 2: «*também gostei*» adulto: «*e porque é que gostaram?*» criança 2: «*porque eu ri.*» Criança 3: «*todos nos estávamos a rir.*» criança 4: «*era fixe.*» Verificou-se ainda que as ideias das crianças são levadas em conta, por exemplo quando o adulto questiona: «*e na próxima semana, o que é que gostavam de fazer?*» e a criança responde: «*pôr a abelha lá em cima.*» No que concerne às crianças terem opiniões distintas, verificou-se, dando a título de exemplo: criança 1: «*podíamos pôr corações.*» Criança 2: «*mas a nossa lojinha por acaso chama-se corações?*» adulto: «*como é que se chama a nossa loja?*» crianças em conjunto: «*loja da flor*» criança 1: «*podíamos pôr flores então.*» E finalmente, relativamente às crianças tomarem decisões, o mesmo acontece, por exemplo, quando o adulto questiona: «*então, olhem, se eu for ali à loja e quiser comprar uma maçã, qual é o preço da maçã?*»

criança 1: *“temos de colocar lá os preços! Não temos.”* Criança 2: *“fazemos assim um papel pequenino e fazemos lá os números.”* criança 1: *“temos de fazer, eu quero fazer o preço.”* Adulto *“ok, vou escrever aqui quem quer fazer os preços.”»*

Quanto ao adulto, este deu feedback às crianças – criança: *«em ginástica fizemos um comboio, o coiso do pino e depois o banco e depois por cima e depois passamos por baixo e jogamos à macaca.»* Criança *“e depois temos de passar pela corda e passar à volta das cadeiras”* criança *“e depois voltamos à fila outra vez.”* Adulto: *“a isso chama-se um circuito.”»* O adulto escutou a criança, em diversas situações, por exemplo: adulto: *«então pronto, gostaram de fazer ginástica. Vamos apontar aqui (na folha) ginástica. E mais? O que é que gostaram de fazer mais?»* crianças: *“eu gostei dos mimiinhos braços.”* Adulto: *“ok, vou pôr aqui: mi-mi-nhos nos bra-ços” (escrevendo na folha)»*. No entanto, as metodologias não se revelaram ajustadas às crianças, uma vez que uma pronunciou: criança: *“já estou a ficar cansada.”* Adulto: *“pronto, então para terminar: o que é que vocês gostavam de fazer mais para o projeto?”»* O adulto assumiu o papel de mediador, por exemplo, após verificar que as crianças não estavam a conseguir chegar à resposta final, adulto: *«por exemplo, quando nós vamos a um restaurante tem lá um papel que diz assim «massa à bolonhesa» e à frente...”* criança: *“tem o preço”* adulto: *“boa! Bife com arroz...”* criança: *“e tem o preço”* adulto: *“pois, para sabermos quanto custa.”»* O adulto assumiu ainda o papel de defensor, criança: *«oh T., mas tu choras-te. Porque é que o T. chorou no meio do teatro?”* (T. não responde) adulto: *“chorou porque não queria fazer de rei.”»* E finalmente, o adulto proporcionou informação adequada às crianças, adulto: *«e porque é que querem pendurar a abelha?”* criança: *“porque nós gostamos da natureza.”* Adulto: *“mas aquilo não é natureza, é a fazer de conta.”»*

Nesta assembleia, não existiu nenhuma sessão de quebra-gelo.

Apêndice 21

Notas de Campo: Observação da Assembleia de Sala do Pré-Escolar – Instituição B

A Assembleia de Sala do Pré-Escolar realizou-se na Instituição B, no dia 07 de fevereiro de 2023 tendo a duração de 20min.

No que concerne ao tema, este foi selecionado pelo adulto, tendo como objetivo o diálogo sobre as profissões dos familiares das crianças e se estes gostavam de os ter em sala a realizar uma atividade ou não. O assunto foi assim referente à sala e à comunidade.

Relativamente à organização do grupo, foi o adulto o responsável pela formação dos mesmos – sendo que, selecionou as crianças de 5 anos (crianças mais velhas e com mais maturidade) para a realização da assembleia.

Em relação à postura/atitude das crianças, estas encontraram-se no controlo, uma vez que o diálogo se desenrolou mediante a partilha de ideias/opiniões das crianças e levando a que as mesmas se concretizassem. Por exemplo: «criança: *“tive uma ideia fantástica! Os meninos mais crescidos, que já vão para a primária, a minha mãe podia fazer com eles crepes.”* Adultos: *“pois, era o que já tínhamos falado. Vir cá fazer crepes.”*» ou ainda, «criança: *“eu tive uma ideia! O meu pai trabalha com livros, pode vir cá contar uma história que ele conta muito bem.”*». A criança pôde ainda expressar o seu ponto de vista/opinião: «criança: *“eu tive uma ideia! O meu pai trabalha com livros, pode vir cá contar uma história que ele conta muito bem, quando eu vou dormir.”*» ou «adulto: *“e o teu pai, H.?”* criança: *“é cabeleireiro. Podia fazer penteados.»* ou ainda «criança: *“eu quero muito que o meu pai venha aqui.”*». As ideias das crianças também foram levadas em conta: «criança: *“o meu pai ensina-nos futebol.”* Adulto: *“o pai do P. podia-nos ensinar a jogar futebol. Boa!”*» ou «criança: *“tive uma ideia fantástica! Os meninos mais crescidos, que já vão para a primária, a minha mãe podia fazer com eles crepes.”* Adulto: *“pois, era o que já tínhamos falado – vir cá fazer crepes.”* Criança: *“sim, mas não é a minha mãe sozinha, é a minha mãe e os meninos mais velhos.”* Adulto: *“é isso mesmo! Vai ser muito giro. Tens de falar com a mamã para ver quando é que pode vir cá.”*» As crianças demonstraram ter opiniões distintas: «adulto: *“então o teu pai podia vir cá um dia, para jogarmos*

todos futebol, o que é que acham? Querem?” crianças em conjunto: “*sim*”
criança: “*sim! Contra mim. Todos contra mim. Era fácil.*” Criança: “*não era nada. Era difícil.*”» Foi possível verificar ainda que as crianças podem tomar decisões:
«criança: “*tive uma ideia fantástica! Os meninos mais crescidos, que já vão para a primária, a minha mãe podia fazer com eles crepes.*” Adulto: *pois, era o que já tínhamos falado: vir cá fazer crepes.*”» «criança: “*o meu pai ensina-nos futebol.*”
Adulto: “*o pai do P. podia-nos ensinar a jogar futebol. Boa!*”»

Quanto ao adulto, este procurou dar feedback às crianças: «adulto: “*então o que é que a R. vai fazer hoje com vocês? Vocês sabem?*” crianças: “*uma assembleia.*” Adulto: “*boa!*”» e ainda, «criança: “*eu também, a minha mãe é cozinheira* (pronunciando coxinheira em vez de cozinheira)” adulto: “*olha diz: sozinha.*” Criança: “*sozinha* (pronunciando sozinha)” adulto: “*cozinheira. Ziiii*”
criança: “*cozinheira* (pronunciando com z)” adulto: “*boa! Isso mesmo!*”» O adulto escutou a criança: «criança: “*sabes que um amigo meu do futebol, que tem 6 anos, a mãe dele é bombeira.*” Adulto: “*olha, era muito giro termos aqui um bombeiro.*” Criança: “*eu não conheço mais ninguém que seja bombeiro.*”» e
«adulto: “*pois é, sabem onde trabalhava o pai do P.? Na china e o P. já foi lá visitar o papá.*” Criança: “*pois, quando era bebé. Tinha saudades e fui para a Arábia.*” Adulto: “*pois foi! A Arábia também é muito longe... treinou jogadores na Arábia. E agora? Está a trabalhar onde?*” criança: “*está perto.*” Adulto: “*pois, está em Braga. Está em Portugal, pertinho. Que bom, P.*”» e ainda «criança: *a minha avó é professora.*” Adulto: “*pois é, como nós.*” Criança: “*sim, também podia vir cá. A minha avó não tem alunos, mas a amiga dela, a professora H., tem alunos e ela quando vai à biblioteca da escola dela, ela lê livros aos alunos da professora H.*” Adulto: “*pois, ajuda a amiga e faz atividades com eles também.*”» Esta assembleia revelou-se com metodologias ajustadas ao grupo de crianças em questão, uma vez que foram criados grupos com base na maturidade destes – ou seja, as crianças de 3/4 anos ainda não possuía conhecimento e maturidade suficiente para participar nesta assembleia, uma vez que não conseguem ainda identificar/verbalizar quais as profissões dos familiares e que contributo/atividade estes podiam realizar em sala. No que concerne ao adulto como mediador, este desempenhou com rigor esse papel, por exemplo: «adulto: “*e a tua mãe, P.? Qual é a profissão?*” criança: “*não sei... é cozinheira.*” Adulto: “*cozinheira?*”

Cozinheira são as mães todas em casa, não é? A tua mamã é professora, não é? Trabalha aqui na escola. Ensina os meninos a ler e a escrever. E o teu pai?» criança: “futebol.” Adulto: “treina...?!” criança: “treinador.” Adulto: “treinador de futebol, o pai do nosso P.”» «adulto: “olhem, por exemplo, o papá da M. é professor de ciências, em ciências o que é que costumam fazer? Vocês sabem? (silêncio) Ainda hoje de manhã estiveram a fazer” crianças: “experiências” adulto: “pois! Os cientistas e os professores de ciências costumam fazer experiências.” Crianças: “podíamos fazer uma experiência com os pais da M.”» O adulto proporcionou ainda informação adequada à criança «criança: “mas em que dia é que é para os pais virem à escola?” adulto: “temos de combinar. Não podem vir todos ao mesmo tempo.” E «criança: “os pais da M. são professores, podiam-nos vir aprender.” Adulto: “podiam-nos vir ensinar, não é?” criança: “sim. São professores.”» O adulto é empático, colocando-se no lugar da criança; após todas as crianças dizerem que iam dizer aos pais para virem à escola, uma criança pronuncia-se sobre ser a irmã a pessoa que poderá vir à sala «criança: “eu hoje vou dizer à minha mana para vir cá.” Adulto: “vão todos falar com alguém da família para virem cá à sala, quando puderem, para falar da sua profissão, ok? Ou um irmão, ou uma irmã, a mãe, o pai, um tio, uma tia...”»

Nesta assembleia, não existiu nenhuma sessão de quebra-gelo.

Apêndice 22

Notas de Campo: Observação da Assembleia de Sala do Pré-Escolar – Instituição A

A Assembleia de Sala do Pré-Escolar realizou-se na Instituição A, no dia 13 de fevereiro de 2023 tendo a duração de 15min com o grupo azul.

No que concerne ao tema, este foi escolhido pelo adulto, tendo sido referente à sala, à escola e ao dia a dia: foi questionado às crianças o que é mais gostaram de fazer a semana passada, o que é que menos gostaram e sugestões de atividades a realizar na semana seguinte.

Relativamente à organização do grupo, foi o adulto que formou os grupos, uma vez que metade do grupo foi com outro docente realizar atividades de consciência fonológica e a outra metade, ficou em sala para a realização da assembleia – a organização destes grupos foi feita com base na maturidade das crianças. No final, os grupos inverteram-se.

Em relação à postura/atitude das crianças, foi possível observar que as crianças têm opiniões distintas em diversos assuntos: «“Adulto: *M. do que fizeste aqui no colégio, o que é que mais gostaste de fazer?*” “M.: *a lagarta.*” “Adulto.: *Rita? E tu? Dos desenhos, das pinturas...?*” “R.: *também gostei da lagarta. Duas lagartas.*” “Adulto: *M.C.?*” “M.C.: *o desenho do coração.*” “1.: *fazer os foguetes.*” “1.: *o coração*” “Criança 1: *eu não gostei de fazer o desenho do coração, porque não sabia o que fazer.*” “Criança 2: *eu gostei, porque me lembrava dos pormenores todos: os olhos, os braços, as pernas, a pilinha, os pés...*» Nesta assembleia, as crianças não puderam tomar decisões «“Criança: *brincar ao rei manda.*” “Criança: *rei manda.*” “Adulto: *ensem noutras coisas para fazermos!*”» outro ainda «“Adulto: *C. e tu? O que queres fazer esta semana?*” “C.: *não sei.*” “Adulto: *então só vamos fazer coisas lá na sala.*”»

Quanto ao adulto, este procurou dar feedback às crianças: «“Adulto: *alguém mais se lembra de não ter gostado de alguma coisa?*” “Criança: *eu já disse!*” “Adulto: *é verdade, foste o único.*”» Nesta assembleia, o adulto não escutou a criança: «“T.M.: *eu gostei de...*” “Adulto: *T.M. tu não vais falar porque não vieste. Ah, vieste, vieste. Dois dias.*” “T.M: *desenhos do Colégio do sardão.*”» Ou «“S.: *não gostei de ser o guarda-redes no campo de jogos.*” “Adulto: *ora aí está uma*

coisa importante! (recorrendo à ironia) “Adulto: e agora a parte importante: cada um de vocês vai pensar o que gostava de fazer esta semana? Estamos na semana do Carnaval, não se esqueçam.”» O adulto assumiu o papel de mediador «*“L.: gostava de brincar às borboletas e às fadas.” “Adulto: boa! Onde é que queres brincar às borboletas e às fadas?” “L: lá fora porque é o lugar onde as borboletas e as fadas sempre ficam.” “Adulto: M.:?” “M.: brincar às borboletas e às fadas.” “Adulto: isso significa que queres brincar com a l. às fadas?” “M.: sim.”*» O adulto proporcionou informação adequada à criança «*“Adulto: S., dos dias que vieste o que é que gostaste de fazer? Tu só vieste 1 dia.” “S.: fazer a lagarta.” “Adulto: tu nem chegaste a fazer a lagarta, como é que podes ter gostado de fazer uma coisa que não fizeste?!”*» e ainda «*“Adulto: e agora o que é que gostamos menos de fazer? Não gostamos assim tanto...” “Criança: na verdade eu gostei de tudo.” “Adulto: pois, mas há sempre alguma coisa que não gostamos assim tanto.”*» Na presente assembleia, o adulto não se revelou empático, não se tendo colocado no lugar da criança «*“S.: não gostei de ser o guarda-redes no campo de jogos.” “Adulto: ora aí está uma coisa importante! (recorrendo à ironia) “Adulto: e agora a parte importante: cada um de vocês vai pensar o que gostava de fazer esta semana? Estamos na semana do Carnaval, não se esqueçam.”*» O adulto acabou por não dar importância nenhuma ao que a criança disse, tendo avançado para outro assunto.

Nesta assembleia, não existiu nenhuma sessão de quebra-gelo.

Apêndice 23

Notas de Campo: Observação da Assembleia de Sala do Pré-Escolar – Instituição A

A Assembleia de Sala do Pré-Escolar realizou-se na Instituição A, no dia 13 de fevereiro de 2023 tendo a duração de 15min com o grupo laranja.

No que concerne ao tema, este foi escolhido pelo adulto, tendo sido referente à sala, à escola e ao dia a dia: foi questionado às crianças o que é mais gostaram de fazer a semana passada, o que é que menos gostaram e sugestões de atividades a realizar na semana seguinte.

Relativamente à organização do grupo, foi o adulto que formou os grupos, uma vez que metade do grupo foi com outro docente realizar atividades de consciência fonológica e a outra metade, ficou em sala para a realização da assembleia – a organização destes grupos foi feita com base na maturidade das crianças. No final, os grupos inverteram-se.

Em relação à postura/atitude das crianças, as crianças tiveram direito à sua privacidade: «“Adulto: *F. o que é gostaste menos?*” “(*F. a mexer nas botas e não respondeu*)” “Adulto: *F. estou a falar contigo. Não sabes? Precisas de mais tempo?*” “*F. (abana a cabeça que sim)*”» A criança pôde expressar o seu ponto de vista/opinião «“*T.: ir ao campo de jogos.*” “Adulto: *gostaste ou não gostaste?*” “*T.: gostei.*” “Adulto: *porquê?*” “*T.: porque pude chutar à bola.*” As ideias das crianças são levadas em conta, pois sugeriram fazer uma pintura de Carnaval e esta foi feita. Foi possível observar que por vezes as crianças têm a mesma opinião que os outros «“Adulto: *...vou escrever aqui no meu caderno com um smile, daquilo que mais gostaram de fazer.*” “*F.: ir ao campo de jogos.*” “*T.: a mesma coisa.*” “*R.T.: campo de jogos.*”» ou «“*C.: fazer aquela pintura.*” “*B.: ir ver os peixinhos no lago.*” “*D.: também ver os peixinhos no lago.*”» ou ainda, «“Adulto: *então vamos ver o que é que gostávamos de fazer esta semana – esta semana é a semana do Carnaval.*” “*C.: uma pintura de Carnaval.*” “*F.: pintura de Carnaval.*” “*R.T.: pintura de Carnaval.*”» ou ainda «“*M.: gostava de fazer um daqueles carros que nós podemos andar.*” “Adulto: *ái querias fazer um carrinho de rolamentos como o que andamos hoje? Olha, eu vou por aqui, mas esta semana é difícil.*” “*B.: fazer também um carrinho de rolamentos.*” “*D.: também*

fazer um carrinho de rolamentos.” “T.F.: também um carrinho de rolamentos.”» ou seja, verificamos que houve várias crianças a ter a mesma opinião quando sugeriram ir ao campo de jogos, houve várias crianças a quererem ver os peixinhos no lago – partilhando a mesma opinião; várias crianças a querer fazer pinturas de Carnaval – partilhando a mesma opinião; e várias crianças a quererem fazer carrinho de rolamentos – partilhando a mesma opinião; ou seja, por um lado, as crianças têm a mesma opinião, houve várias crianças a fazer a mesma atividade, por outro lado, houve várias sugestões de atividades, o que também nos faz concluir que têm ideias distintas, uma vez que uns querem ir ao campo de jogos, outros querem ver os peixinhos no lago, outros querem fazer uma pintura de Carnaval e outros um carrinho de rolamentos, logo, também têm opiniões distintas. As crianças, tomam decisões, pois sugeriram fazer uma pintura de Carnaval e fizeram-na.

Quanto ao adulto, este deu feedback às crianças «*“Adulto: é só isso que querem fazer? Quanto ao carrinho de rolamentos, posso já dizer que não vai ser possível fazer. Porquê? C. explica aos colegas o que é preciso para fazer um carrinho de rolamentos.” “C.: tábuas, cordas, rodas, que são difíceis de encontrar...” “Adulto: pois. Entendem agora?”*» O adulto escutou as crianças «*“Adulto: ok. Agora quero que pensem naquilo que não gostaram de fazer; que gostaram menos de fazer; pronto, que fizeram e que não gostaram assim tanto de fazer...” “T.F.: cair ao lago.” “B.: ir ao campo de jogos” “Adulto: há alguma razão para não teres gostado de ir ao campo de jogos?” “B.: não.” “D.: também não gostei de ir ao campo de jogos.” “Adulto: estás a dizer isso porque não gostaste? Ou estás a dizer isso porque foi o que a B. disse?” “D.: porque não gostei.” “Adulto: então o que é que não gostaste? Qual foi a razão?” “D.: das cordas não puderem ir lá para baixo.”*» ou «*“Adulto: Oh M. tu não me disseste o que é que gostaste mais de fazer na semana passada e tu estiveste cá a semana toda. De todas as coisas que tu fizeste, qual é que mais gostaste?” “M.: de ir ao campo de jogos.”*» e ainda *“Adulto: M. o que é que não gostaste?” “M.: de fazer aquele desenho.” “Adulto: que desenho? Vai apontar.” (criança foi apontar) “Adulto: porque é que não gostaste?” “M.: porque demorou muito tempo.” “Adulto: ok, então que coisa é que gostavas de fazer nesse tempo? Com o que é que gostavas de ocupar esse tempo?” “M.: colagens.”* O adulto assumiu o papel de defensor «*“Adulto: T. o que*

é que menos gostaste?” (colega S.: fala-lhe ao ouvido) “Adulto: S, não é para dizeres ao colega o que é que para ele dizer. O T. tem boca para falar e cabeça para pensar.”» O adulto proporcionou informação adequada à criança: «“Adulto: então o que é que não gostaste? Qual foi a razão?” “D.: das cordas não puderem ir lá para baixo.” “Adulto: ah, sabes porque é que as cordas não podem andar na parte de baixo? Porque assim não conseguem rodá-las. É só por isso.”» e ainda «“Adulto: T. o que é que menos gostaste?” (colega S.: fala-lhe ao ouvido) “Adulto: S, não é para dizeres ao colega o que é que para ele dizer. O T. tem boca para falar e cabeça para pensar.”» O adulto não foi empático, não se tendo colocado no lugar da criança: «“Adulto: T.C., o que é que queres fazer esta semana?” (criança em silêncio)” “Adulto: T.C.. estou a falar contigo...” (criança em silêncio) “Adulto: olha diz...” (criança em silêncio)» o adulto acabou por insistir demasiado, com uma criança que não queria partilhar a sua opinião/manifestar-se.

Nesta assembleia, não existiu nenhuma sessão de quebra-gelo.

Apêndice 24

Notas de Campo: Observação da Assembleia de Sala do Pré-Escolar – Instituição A

A Assembleia de Sala do Pré-Escolar realizou-se na Instituição A, no dia 27 de fevereiro de 2023 tendo a duração de 30min.

No que concerne ao tema, este foi escolhido pelo adulto, sendo tratados assuntos referentes à sala e à escola: as crianças sugeriram atividades para fazerem na semana seguinte; foi implementada a escolha de um presidente e vice-presidente nas assembleias semanais e respetiva explicação das funções destes elementos.

Relativamente à organização do grupo: este manteve-se completo (24 crianças) durante toda a assembleia, formando um grande grupo.

Em relação à postura/atitude das crianças, estas estiveram no controlo pois puderam dar sugestões, expressar o seu ponto de vista e as suas ideias acabaram por ser postas em prática, por exemplo: «“C.: *fazer o fundo do mar com cartão.*” “Adulto: *para o mergulhador?*” “Criança: *sim.*” “Adulto: *acho uma excelente ideia. E como é que achas que podíamos fazer o fundo do mar em cartão?*” “C.: *podíamos fazer a forma de um cartão e depois pintarmos e cortarmos.*”» As crianças puderam expressar o seu ponto de vista ao longo da assembleia «“Adulto: *Agora vou-vos mostrar o que trouxe comigo hoje.... Trouxe um...*” “Crianças: *chapéu!*” “Adulto: *..chapéu! Então que jogo é que acham que vamos jogar?*” “Criança: *Um jogo do chapéu.*” “Adulto: *Exato! Alguém sabe como é que se joga?*” “Crianças em coro: *Não.*” “Criança: *Um amigo esconde o chapéu e depois um amigo tira o lugar e depois, e depois... vai outra vez assim e depois vai esconder outro amigo e depois apanha outra vez e depois fica o outro lugar.*”» ou «“Criança: *vai ser a música do homem do chapéu?*” “Adulto: *Não... podia ser, era uma boa ideia! Mas não é.*”» ou ainda «“Criança: *Mas e se a presidente F. não estiver na escola?*” “Adulto: *pois a F. se calhar precisa de alguém que a possa substituir se ela não estiver.*” “Criança: *Um vice-presidente.*” As ideias das crianças foram levadas em conta «“Adulto: *pois a F. se calhar precisa de alguém que a possa substituir se ela não estiver.*” “Criança: *Um vice-presidente.*” “Adulto: *Quem é que gostava de ocupar esse lugar?*” (Crianças colocam o dedo no ar.)

“Crianças em coro: *Eu!*” “Adulto: *Será que a presidente F. pode escolher?*”
“Crianças: *Sim.*” “Adulto: *F., vais ter de pensar em alguém que te possa ajudar nesta tarefa e substituir se tu não estiveres.*” “Presidente F.: *T.F.*” “Adulto: *T.F., pode ser?*” “T.F.: *Sim.*» ou «*S.: Jogar ao monopólio.*” “Adulto: *Temos o monopólio aqui no colégio. Pode ser.*” Ou ainda «*B.: dançar.*” “Adulto: *também podemos dançar.*” As crianças demonstraram ter opiniões distintas «*Adulto: Então para finalizar a assembleia, vamos só conversar um bocadinho sobre o que vocês gostavam de fazer esta semana? Ideias de atividades para fazermos.*” “R.S.: *jogo das cadeiras.*” “M.: *fazer um carrinho de papelão, como o mergulhador.*” “S.: *jogar ao jogo do telefone estragado.*” “B.: *fazer desenhos.*” “E.: *macaquinho do chinês.*” “M.: *brincar no insuflável.*” “A.: *jogar às apanhadinhas.*” “V.: *jogar futebol no campo de jogos.*” “R.L.: *um torneio de futebol.*” “S.: *jogar ao monopólio.*” “C.: *brincar no parque dos grandes.*” “S.: *brincar no escorrega.*” “C.: *irmos brincar para a mata.*” “B.: *dançar.*» As crianças tomaram decisões «*Adulto: “F., vais ter de pensar em alguém que te possa ajudar nesta tarefa e substituir se tu não estiveres.”* “Presidente F.: *T.F.*” “Adulto: *T.F., pode ser?*” “T.F.: *Sim.*»

Quanto ao adulto, este foi dando feedback às crianças durante a assembleia: «*Adulto: F., vais ter de pensar em alguém que te possa ajudar nesta tarefa e substituir se tu não estiveres.*” “Presidente F.: *T.F.*” “Adulto: *T.F., pode ser?*” “T.F.: *Sim.*” “Criança: *E se o T.F. não estiver?*” “Adulto: *Se o T.F. não estiver, está a F. Acho difícil faltarem os dois. Então fazemos assim: a F. é presidente e o T.F. é o vice-presidente.*» ou «*S.: jogar ao jogo do telefone estragado.*” “Adulto: *olha que boa ideia! Vocês já jogaram esse jogo?*” ou «*M.: brincar no insuflável.*” “Adulto: *era uma ótima ideia, mas aqui no colégio não temos insufláveis.*» ou “S.: *Jogar ao monopólio.*” “Adulto: *Temos o monopólio aqui no colégio. Pode ser.*» ou ainda, «*C.: fazer o fundo do mar com cartão.*” “Adulto: *para o mergulhador?*” “Criança: *sim.*” “Adulto: *acho uma excelente ideia. E como é que achas que podíamos fazer o fundo do mar em cartão?*” “C.: *podíamos fazer a forma de um cartão e depois pintarmos e cortarmos.*» Ou por fim, «*R.L.: Eu gostava de fazer uma batalha de dança.*” “Adulto: *Que boas ideias!*» O adulto escutou a criança: «*Adulto: Vamos dar início à nossa assembleia. Alguém sabe o que significa? Uma assembleia?*” “Criança: *É uma reunião*” “Adulto: *Também*

é. *É onde nós partilhamos ideias, problemas que existem...*” “Criança: *Sim, por exemplo, como um dia eu estava a andar de bicicleta em casa e depois eu choquei contra o meu gato e deu-me quase um arranhão enorme.*” “Adulto: *Ficaste com um arranhão enorme?*” “Criança: *Sim, porque eu estava em casa a andar na mesma direção que o meu gato estava a correr.*”» ou «“S.: *jogar ao jogo do telefone estragado.*” “Adulto: *olha que boa ideia! Vocês já jogaram esse jogo?*” (Algumas crianças responderam que sim e outras responderam que não.) “Adulto: *Alguns jogaram e outros não... É isso?*” “Crianças em coro: *Sim.*”» ou «“B.: *fazer desenhos.*” “Adulto: *Sobre quê?*” “B.: *(silêncio)*” “Adulto: *desenhos livres? Sobre aquilo que quisermos?*” “B.: *Sim. Só desenho.*”» ou ainda «“A.: *jogar às apanhadinhas.*” “Adulto: *em que lugar é que queres jogar às apanhadinhas?*” “A.: *no parque.*”» e por fim, «“C.: *fazer o fundo do mar com cartão.*” “Adulto: *para o mergulhador?*” “Criança: *sim.*” “Adulto: *acho uma excelente ideia. E como é que achas que podíamos fazer o fundo do mar em cartão?*” “C.: *podíamos fazer a forma de um cartão e depois pintarmos e cortarmos.*”» As metodologias foram adequadas às crianças «“(Meninas vão buscar as cadeiras, colocando-as de modo a formar um círculo) “Adulto: *E agora, podem ir os meninos buscar as cadeiras.*” (Meninos vão buscar as cadeiras, colocando-as de modo a formar um círculo) “Adulto: *Então agora vamos rodar as nossas cadeiras, para termos à nossa frente, as costas do nosso colega.*” “(Crianças rodam as cadeiras de modo a terem à sua frente as costas dos colegas.) “Adulto: *Boa! Muito bem! Todos conseguem colocar a mão na cabeça do colega da frente? Vamos experimentar!*” “(Crianças colocam a sua mão na cabeça do colega da frente.)” “Adulto: *Agora podemos colocar a mão para baixo.*” “Adulto: *...então que jogo é que acham que vamos jogar?*” “Criança: *Um jogo do chapéu.*” “Adulto: *Exato! Alguém sabe como é que se joga?*” “Crianças em coro: *Não.*” “Criança: *Um amigo esconde o chapéu e depois um amigo tira o lugar e depois, e depois... vai outra vez assim e depois vai esconder outro amigo e depois apanha outra vez e depois fica o outro lugar.*” “Adulto: *Não vamos esconder o chapéu. O chapéu vai estar sempre à vista de toda a gente. Então vamos fazer assim: eu vou pôr aqui o chapéu (colocando na cabeça de uma criança) e depois vou pôr a dar uma música. E então o que é que vamos ter de fazer? Vamos tirar o chapéu da nossa cabeça (pedindo à criança que o tire da cabeça, para exemplificar) e vamos colocar no colega da frente (criança coloca*

o chapéu no colega da frente) e o colega da frente vai passar para outro colega, sempre assim com a música a dar; quando a música parar...» ou seja, é possível verificar que as metodologias foram adequadas, pois foram dadas indicações uma de cada vez e não todas em simultâneo, dando espaço à criança para que ela entenda e assimile o que é suposto fazer; é dada oportunidade das crianças mostrarem o seu ponto de vista, a sua opinião, as suas sugestões... O adulto assumiu o papel de mediador «*“Adulto: Cada um já sabe a sua função, certo? Vamos estar muito atentos. Olhinhos bem abertos, ouvidos bem abertos para vermos o que se passa à nossa volta – que problemas é que nós temos de falar aqui todos juntos, para resolvermos.”* “Presidente F.: e depois vêm-me dizer a mim.” (silêncio) “Adulto: Exato! E vão dizer a quem?” “Crianças: À F. e ao T.F.”» Ao longo da assembleia, o adulto foi proporcionando informação adequada à criança «*“Adulto: Quando a música parar, a criança que tiver o chapéu na cabeça, vai sair do jogo. Ok? Tentem ser rápidos a passar o chapéu. Perceberam?”* “Crianças em coro: Sim.” “Adulto: Alguma dúvida?” “Crianças em coro: Não.” “Adulto: Então, ouvidos bem abertos (colocando o cabelo atrás das orelhas) para conseguirmos ouvir bem a música (crianças colocam também o cabelo atrás dos ouvidos). Estão preparados?” “Crianças em coro: Sim.” “Adulto: Então vamos lá.” (colocando a música)» ou «*“Adulto: E depois na assembleia nós vamos falar desses problemas todos e juntos arranjar soluções. Parece-vos bem?”* “Crianças em coro: Sim.” “Criança: Mas na assembleia a sério?” “Adulto: Sim, a sério! Vamos reunir aqui todos, como uma assembleia.. vamos ter a presidente e vamos falar de assuntos sérios. Todos vão dar as suas opiniões, as vossas sugestões e soluções para resolver os problemas. Parece-vos bem?” “Crianças em coro: Sim.”» ou ainda, «*“C.: Ir para o campo de jogos.” “L.: Ir para o campo de jogos.” “R.T.: Ir para o campo de jogos.” “V.B.: Ir ao campo de jogos.”* “Adulto: Posso só dar uma sugestão? Hoje de manhã já conversámos que esta semana, numa tarde, vamos ao campo de jogos, não falamos?” “Crianças: Sim.” “Adulto: Pois, portanto, porque é que não aproveitam para sugerir/dizer outras atividades que não sejam ir ao campo de jogos, uma vez que já está decidido que vamos lá?”» O adulto foi empático, colocando-se no lugar da criança, assumindo uma postura de tolerância «*“V.F.: Gostava de fazer o mesmo que o T.F.”* “Adulto: que é o quê?” “V.F.: Não sei... esqueci-me” “Adulto:

Podes repetir o que pediste?” “T.F.: Jogar futebol no campo de jogos.” “V.F.: Jogar futebol no campo de jogos.”

Nesta assembleia, decorreu uma sessão de quebra-gelo onde as crianças jogaram o “jogo do chapéu” – as crianças encontravam-se sentadas numa roda, em cadeiras, e ao som da música, iam colocando o chapéu na cabeça do colega da frente e assim sucessivamente; quando a música parasse a criança que estivesse com o chapéu na cabeça, saia do jogo.

Apêndice 25

Notas de Campo: Observação da Assembleia de Sala do Pré-Escolar – Instituição A

A Assembleia de Sala do Pré-Escolar realizou-se na Instituição A, no dia 6 de março de 2023 tendo a duração de 30min.

No que concerne ao tema, este foi escolhido pelo adulto, tendo sido referente à sala, à escola e ao dia a dia: apresentação de trabalhos referentes ao projeto lúdico, levando a uma votação; eleição do presidente e vice-presidente da assembleia de sala.

Relativamente à organização do grupo: este manteve-se completo (24 crianças) durante toda a assembleia, formando um grande grupo.

Em relação à postura/atitude das crianças, estas não estiveram no controlo, o adulto acabou por assumir o papel de protagonista, contrariamente ao que é suposto: «“Ed.: *Então vamos fazer assim, R. já deste uma ideia antes, vamos pela ideia do V. e do M.; vamos fazer uma baleia azul e um tubarão baleia.*” “B.: *Não quero...*” “Ed.: *Oh B. eu respeito a tua opinião, mas neste momento vou ter em conta a opinião do V. e M. ok? Eu percebo que não concordes, mas neste momento eles estão a dar opiniões muito interessantes. Mas respeito a tua opinião. Ora, temos mais decisões a tomar! Mergulhador, tubarão-baleia e baleia azul, certo?*” “Crianças em coro: *Sim.*” “Crianças em coro: *Não.*” “Ed.: *Ora, eu vou deixar de fazer as assembleias e vou passar a pôr-vos a fazer outro tipo de coisas se vocês não conseguem mandar no vosso corpinho e respeitar a opinião dos outros, é isso que querem?*” “Crianças: *Não.*” “Ed.: *Então, comportem-se. Estamos entendidos? Ótimo.*”» ou «“Ed.: *levantem-se quem quer fazer um novo mergulhador, que eu estou baralhada.*” (Ed. faz contagem) “Ed.: *Dá-me 9. E agora quem está sentado...*” (Ed. faz contagem de votos) “Ed.: *11. Ok. Vamos agora sentar-nos todos. Temos aqui uma situação: 9 e 11, não é muito expressiva a diferença, mas... deixa-me assim um sabor amargo esta vitória. Posso dar uma sugestão?*” “Crianças em coro: *Sim.*” “Ed.: *Ora vamos fazer um novo mergulhador? Mais pequeno? Não acham? Que este aqui é um bocadinho grande... Este aqui pode-nos acompanhar mais um mergulhador mais pequeno, para podermos levar na mão. Certo?*” (Crianças em silêncio) “Ed.: *Este não vai*

sair daqui. Aquele não vai desaparecer. Aquele pode acompanhar-nos. Pode fazer tudo o que nós quisermos.” (Criança murmura) “Ed.: E tu, podes-te manter de boquinha calada. Não concordas? Mas eu também não pedi a tua opinião. Tens o direito à tua opinião e nós temos direito à nossa opinião.”» ou seja, o que prevaleceu, não foi a decisão da maioria, mas sim da minoria, que era a ideia que o adulto queria concretizar. A criança teve direito à sua privacidade «“Adulto: Certo. E ao T. também. Então e houve algum colega a partilhar alguma situação contigo, que queiras partilhar?” (silêncio) “Adulto: Ou contigo, T.?” (silêncio)».

Nesta assembleia, as crianças identificaram desigualdades e em simultâneo, vontade de justiça «“Adulto: Então vou-vos dar tempo para terminar.” “V.: Mas o R.T. ainda não apresentou.” “Adulto: Pois não. Não terminou porque ainda não fez. Vai fazer a seguir. Mas nem todos precisam de ter feito: alguns meninos deram as ideias e outros fizeram as ilustrações – foi trabalho em equipa; todos participaram.” Houve momentos em que a criança pôde expressar o seu ponto de vista «“Adulto: ... E este?” “V.: (levanta-se do lugar dirigindo-se ao centro) Fui eu. Um peixe morto e um peixe triste.” “Adulto: pois, são animais tristes no fundo do mar. E porque é que achas que eles estão tristes?” “V.: Porque comeram poluição e lixo.”» ou por exemplo «“Adulto: não? Ok. Então que soluções é que podemos arranjar para os colegas partilharem a bola com os outros? O que é que nós podemos fazer?” “R.: por exemplo, se eles não sabem partilhar a bola, saem do jogo.”» no entanto, houve outros momentos em que não puderam expressar o seu ponto de vista «“Ed.: E tu, podes-te manter de boquinha calada. Não concordas? Mas eu também não pedi a tua opinião. Tens o direito à tua opinião e nós temos direito à nossa opinião.”»

As ideias das crianças, não foram levadas em conta nesta assembleia «“Ed.: levantem-se quem quer fazer um novo mergulhador, que eu estou baralhada.” (Ed. faz contagem) “Ed.: Dá-me 9. E agora quem está sentado...” (Ed. faz contagem de votos) “Ed.: 11. Ok. Vamos agora sentar-nos todos. Temos aqui uma situação: 9 e 11, não é muito expressiva a diferença, mas... deixa-me assim um sabor amargo esta vitória. Posso dar uma sugestão?” “Crianças em coro: Sim.” “Ed.: Ora vamos fazer um novo mergulhador? Mais pequeno? Não acham? Que este aqui é um bocadinho grande... Este aqui pode-nos acompanhar mais um mergulhador mais pequeno, para podermos levar na mão. Certo?” (Crianças em silêncio)».

Foi possível observar que as crianças têm opiniões distintas «“Ed.: Temos de pensar: vamos

construir um mergulhador? Ou vamos levar connosco o nosso mergulhador?”
“Crianças: *Vamos levar o nosso mergulhador.*” “Crianças: *Vamos construir o mergulhador.*”» ou «“Ed.: *Então que peixe é que nós podemos fazer com plásticos no estomago?*” “B.: *Salmão.*” “V.: *Dourada.*” “R.: *Camarão.*” “V.: *Baleia azul. É a maior baleia do planeta.*” “M.: *Tubarão-baleia.*”» No que concerne às crianças tomarem decisões, houve momentos em que o puderam fazer «“Adulto: *Então agora, vamos passar a apresentar aos colegas aquilo que cada um esteve a fazer. Temos aqui o primeiro desenho, quem é que fez?*” “M.: *Eu.*” “Adulto: *Foi a M. Queres apresentar aos colegas?*” “M.: *(levanta-se do lugar dirigindo-se ao centro) Sim. Eu fiz o mundo do mar com lixo.*”» e momentos em que não o puderam fazer «“Ed.: *Então vamos fazer assim, R. já deste uma ideia antes, vamos pela ideia do V. e do M.; vamos fazer uma baleia azul e um tubarão-baleia.*” “B.: *Não quero...*” “Ed.: *Oh B. eu respeito a tua opinião, mas neste momento vou ter em conta a opinião do V. e M. ok? Eu percebo que não concordes, mas neste momento eles estão a dar opiniões muito interessantes. Mas respeito a tua opinião. Ora, temos mais decisões a tomar! Mergulhador, tubarão-baleia e baleia azul, certo?*” “Crianças em coro: *Sim.*” “Crianças em coro: *Não.*” “Ed.: *Ora, eu vou deixar de fazer as assembleias e vou passar a pô-ros a fazer outro tipo de coisas se vocês não conseguem mandar no vosso corpinho e respeitar a opinião dos outros, é isso que querem?*” “Crianças: *Não.*” “Ed.: *Então, comportem-se. Estamos entendidos? Ótimo.*”»

Quanto ao adulto, este deu feedback às crianças: «“Adulto: *não? Ok. Então que soluções é que podemos arranjar para os colegas partilharem a bola com os outros? O que é que nós podemos fazer?*” “R.: *por exemplo, se eles não sabem partilhar a bola, saem do jogo.*” “Adulto: *isso é a consequência, agora o que é que podemos fazer para os meninos partilharem a bola?*”» O adulto não escutou a criança: «“Ed.: *É.. temos de pensar nisto.. Duas ou três frases fortes.. [O mar vamos proteger. Sem os lixos...] Arranjarmos assim um slogan... para salvar os mares e os peixes, não era? Mas era capaz de ser engraçado, com um bocadinho desta dança.. Porque acho que esta música com estes movimentos...*” “M.: *Tenho borbulhas.*” “Ed.: *Oh M. deixa as borbulhas! Deixa de andar a beliscar e a mexer em tudo..*” “Ed.: *... estes movimentos... eram capazes de ficar engraçados... e pomos a dizer tipo dois ou três slogans... com a música*

de fundo enquanto a F. dançava ou outros diziam os slogans... é que a F. tem esta vertente... em termos de slogan era capaz de resultar.” “M.: Tenho comichão.” “Ed.: Eu digo-te: estás a ser can-sa-tiva.” Com base nas expressões textuais anteriores, podemos verificar que existiram assimetrias entre criança e adulto, lembrando por exemplo: «“Ed.: levantem-se quem quer fazer um novo mergulhador, que eu estou baralhada.” (Ed. faz contagem) “Ed.: Dá-me 9. E agora quem está sentado...” (Ed. faz contagem de votos) “Ed.: 11. Ok. Vamos agora sentar-nos todos. Temos aqui uma situação: 9 e 11, não é muito expressiva a diferença, mas... deixa-me assim um sabor amargo esta vitória. Posso dar uma sugestão?” “Crianças em coro: Sim.” “Ed.: Ora vamos fazer um novo mergulhador? Mais pequeno? Não acham? Que este aqui é um bocadinho grande... Este aqui pode-nos acompanhar mais um mergulhador mais pequeno, para podermos levar na mão. Certo?” (Crianças em silêncio) “Ed.: Este não vai sair daqui. Aquele não vai desaparecer. Aquele pode acompanhar-nos. Pode fazer tudo o que nós quisermos.” (Criança murmurinha) “Ed.: E tu, podes-te manter de boquinha calada. Não concordas? Mas eu também não pedi a tua opinião. Tens o direito à tua opinião e nós temos direito à nossa opinião.”» ou seja, o que prevaleceu, não foi a decisão da maioria, mas sim da minoria, que era a ideia que o adulto queria concretizar. O adulto assumiu o papel de mediador em diversos momentos «“Adulto: Vamos dar início à nossa..” “Crianças: Assembleia.” “Adulto: Boa! F. a semana passada, foste eleita presidente, recordas-te?” “F.: Sim.” “Adulto: E então? Qual era a tua função durante esta semana?” “F.: Era ouvir.” “Adulto: Ouvir quem?” “F.: Por exemplo se não partilhassem a bola...” “Adulto: E mais? Era só isso?” “F.: Não.” “Adulto: Pois, isso foi um exemplo. Não te lembras? Por exemplo se existisse algum problema no colégio ou alguma situação que quiséssemos conversar todos juntos, os colegas tinham de te dizer. Certo?” “L.: E ao T. (vice-presidente)”» ou «“T.M.: Já fiz isto e isto.” “Adulto: E o que é isso e isso?” “T.M.: Não sei.” “Adulto: Não sabes? Eu ajudo. Então o que é isto aqui?” (apontando com o dedo) “T.M.: É o mar.” “Adulto: Vês como sabes? É o mar. E aqui?” (apontando com o dedo) “T.M.: Tenho de pensar para dar nomes a isso.” “Adulto: Então eu dou-te tempo.” (silêncio) “T.M.: Caixote do lixo. Uma pessoa a pôr lixo no caixote do lixo.” “Adulto: Exatamente! Perfeito.”» ou «“B.: (levantam-se do lugar dirigindo-se ao centro) Nós fizemos o mar com um golfinho preso na rede.” “Adulto: Isso mesmo!

Mas porque é que o golfinho ficou preso na rede?” (Silêncio) “Adulto: Como é que essa rede ficou presa no fundo do mar?” “C.: Porque o pescador, ele atirou a rede.”» O adulto assumiu também o papel de defensor «“Ed.: Portanto, a C. e a C.C. esta semana, vão ser as responsáveis. Temos de agradecer a F. e ao T.F. – podem-se pôr de pé – parabéns porque souberam desempenhar muito bem as vossas funções. Estiveram à altura daquilo para o qual foram eleitos. Parabéns a ambos. Os amigos têm de vos agradecer porque vocês foram impecáveis.” “T.: Para mim não.” “Ed.: Ah.. quando as pessoas têm coisas bonitas e boas a dizer nós ouvimos, quando não têm coisas simpáticas a dizer, nós fazemos de conta quem nem ouvimos. Certo? Porque só as coisas que são importantes é que nós devemos ouvir, está bem?”» O adulto proporcionou informação adequada à criança «“Adulto: E este?” “T.M.: (levanta-se do lugar dirigindo-se ao centro) É meu, mas ainda não está terminado.” “Adulto: Pois não, mas não faz mal. Vamos ter tempo de terminar.”» O adulto não revelou empatia nesta assembleia, não se colocando no lugar das crianças, recorrendo à ironia por diversas vezes, algo que é de evitar com crianças desta idade, uma vez não a compreendem «“Adulto: Há meninos que não se levantaram, não votaram, nem para uma coisa, nem para outra?” “V.: Eu.” “Ed.: Porquê?” “V.: Porque não quero.” “Ed.: Não queres o quê?” “V.: Fazer.” “Ed.: Não queres fazer nada? Mas isso é hoje que tu não queres fazer nada. E amanhã?” (recorrendo a ironia) “V.: (acena que não com a cabeça)”»

Nesta assembleia, houve a dinamização da sessão de quebra-gelo, no entanto, realizou-se no final – o que acabou por comprometer o sucesso da assembleia, não assumindo o papel que era suposto.

A sessão de quebra-gelo, consistiu no jogo das estátuas.

Apêndice 26

Notas de Campo: Observação da Assembleia de Sala do Pré-Escolar – Instituição A

A Assembleia de Sala do Pré-Escolar realizou-se a Instituição A, no dia 13 de março de 2023 tendo a duração de 30min.

No que concerne ao tema, estes foram escolhidos pelas crianças e pelos adultos, sendo eles referentes à sala, à escola e ao dia a dia: crianças falam de assuntos que foram observados durante a semana; crianças sugerem atividades para realizar na semana seguinte.

Relativamente à organização do grupo: este manteve-se completo (24 crianças) durante toda a assembleia, formando um grande grupo.

Em relação à postura/atitude das crianças, estas tiveram direito à sua privacidade «“Adulto: V, e tu? Queres dar alguma sugestão?” (silêncio) “Adulto: Tens alguma sugestão? Alguma atividade que gostasses de fazer?” (V. abana com a cabeça que não.) “Adulto: Não? Queres pensar um bocadinho, para ver se te lembras de alguma coisa?” (V. abana a cabeça que sim.)”» ou ainda «“Adulto: B. queres dar alguma ideia?” “B.: não.” “Adulto: A. e tu? Tens alguma sugestão?” “A.: (abana com a cabeça que não) “Adulto: também não?” “A.: (abana com a cabeça que não.)”» As crianças puderam manifestar a sua opinião, por exemplo: «“Criança F. coloca o dedo no ar) “Adulto: Diz, F.” “Criança F.: Então, nós estamos 1, 2, 3, 4, 5, 6... (faz a contagem dos alunos que estão em sala)... 20, 21.” “Adulto: 21, sim.” “Criança F.: Se estão 21, nós temos de pôr 20, que é para algum deles, perder.” “Adulto: Exatamente! Certíssimo!”» As ideias das crianças foram levadas em conta «“R.: experiências.” “Adulto: que experiências gostavas de fazer?” “R.: uma experiência que nós podemos pôr corantes, algumas coisas...” “Adulto: tu já fizeste alguma experiência?” “R.: sim, em minha casa. Pus corantes, mentos e depois aquilo explodiu.” “Adulto: Ahhhh já sei! Então, experiências. Registado.”» na semana seguinte, foi realizada uma experiência, tal como a criança sugeriu. As crianças manifestaram opiniões distintas «“C.: um desenho sobre os peixes.” “M.: o mar com lixo.” “C.A.: Pinturas.” “L.: pintura do mar com os peixinhos só que com o arco-íris por cima.” “R.: experiências.” “M.: fazer um carro.” “Adulto: outra vez? Fizemos no outro dia,

com a mãe do Miguel.” “S.: eu gostava de fazer o jogo do telefone estragado.” “T.: desenhar o fundo do mar.” “T.F.: fazer um desenho com a tartaruga” “F.: jogar ao rei manda.” “V.: fazer uma baleia.” “F.: nós podíamos fazer vários animais marinhos: baleias, tubarões, peixinhos e pendurá-los aqui no teto.”» As crianças tomaram decisões «“Adulto: muito bem! Então, a partir de agora, o presidente e o vice-presidente, vão ter um colar para utilizarem todos os dias. Devem colocá-los assim que chegarem ao colégio. Assim vão andar identificados, para os colegas se lembrarem sempre quem é o presidente e o vice-presidente, está bem?” “Adulto: agora, é altura do nosso presidente escolher quem é que vai ser o vice-presidente.” “Criança presidente: é o V.” “Adulto: ok. Então, V, também podes vir aqui colocar o colar.”» (ambas as crianças se encontram com os colares colocados)

Quanto ao adulto, este deu feedback às crianças «“Criança S.: Sim. O jogo das cadeiras é assim: nós temos de fazer... uma roda de cadeiras...” “Adulto: Certo.” “Criança S.: ..e depois nós temos de fazer uma roda... uma volta à volta das cadeiras...” “Adulto: Isso.” “Criança S.: ...e depois com a música... e quando a música parar nós sentamos numa cadeira...” “Adulto: Exatamente.” “Criança R.: e quem não sentar num lugar, perde.” “Adulto: É isso mesmo.” ou ainda «“V.: fazer uma baleia.” “Adulto: uau! Fazer uma baleia. E como é que fazíamos a baleia?” “V.: queria uma baleia grande.” “Adulto: ok e onde é que querias colocá-la, aqui na nossa sala?” “V.: no teto.” “Adulto: boa ideia!”» O adulto escutou as crianças «“B.: gostava de fazer um desenho sobre a poluição, como a C. estava a dizer.” “Adulto: mas a C. não disse sobre a poluição, pois não?” “C.: Não. Foi dos peixes. Dos animais do mar.”» ou por exemplo «“R.: experiências.” “Adulto: que experiências gostavas de fazer?” “R.: uma experiência que nós podemos pôr corantes, algumas coisas...” “Adulto: tu já fizeste alguma experiência?” “R.: sim, em minha casa. Pus corantes, mentos e depois aquilo explodiu.” “Adulto: Ahhhh já sei! Então, experiências. Registado.”» As metodologias foram ajustadas às crianças as metodologias foram adequadas, pois foram dadas indicações uma de cada vez e não todas em simultâneo, dando espaço à criança para que ela entenda e assimile o que é suposto fazer; é dada oportunidade de as crianças mostrarem o seu ponto de vista, a sua opinião, as suas sugestões... «“Adulto: então agora, vou pedir às meninas que se levantem e que vão buscar

uma cadeira cada uma, por favor.” (meninas levantam-se e vão buscar as cadeiras) “R.: e os rapazes?” “Adulto: esperam um bocadinho por favor.” (meninas já têm as cadeiras colocadas) “Adulto: e agora, os rapazes podem também ir buscar as cadeiras, por favor.” (meninas colocam as cadeiras) “Adulto: agora, vão por favor rodar as vossas cadeiras para o lado de fora. Vamos andar do lado de fora das cadeiras.” (criança roda a cadeira dela para o lado de fora) “Adulto: isso, assim! Exatamente. Assim como tens a tua, T.” “Adulto: agora vão chegar as vossas cadeiras para trás, mais juntinhas. Porque vocês vão andar aqui à volta e precisam de espaço.”» O adulto foi mediador nesta assembleia «“Adulto: A semana passada fizemos o jogo das..?” “Crianças: estátuas” “Adulto: Boa! E hoje vamos fazer o jogo das ca..?” “Crianças: Cadeiras!”» ou «“C.A.: Pinturas.” “Adulto: Pinturas com o quê?” “(silêncio) “Adulto: com pincéis...? Com..” “C.A.: com pincéis.” “Adulto: uma pintura com pincéis.”» O adulto proporcionou informação adequada às crianças «“B.: gostava de fazer um desenho sobre a poluição, como a C. estava a dizer.” “Adulto: mas a C. não disse sobre a poluição, pois não?” “C.: Não. Foi dos peixes. Dos animais do mar.”» ou ainda «“M.: “fazer um carro.” “Adulto: outra vez? Fizemos no outro dia, com a mãe do M.” “M.: não, mas era um carro gigante, que entrávamos lá dentro.” “Adulto: ah! Um carro gigante!”»

Nesta assembleia, existiu uma sessão de quebra-gelo, onde foi jogado o jogo das cadeiras.

Apêndice 27

Notas de Campo: Observação da Assembleia de Sala do Pré-Escolar – Instituição A

A Assembleia de Sala do Pré-Escolar realizou-se na Instituição A, no dia 20 de março de 2023 tendo a duração de 30min.

No que concerne ao tema, este foi escolhido pelo adulto, tendo sido referente à sala, à escola e ao dia a dia: eleição dos novos presidentes e vice-presidentes da assembleia da sala; sugestões de atividades para realizarmos na semana seguinte;

Relativamente à organização do grupo: este manteve-se completo (24 crianças) durante toda a assembleia, formando um grande grupo.

Em relação à postura/atitude das crianças, esta identificou desigualdades e simultaneamente, vontade de justiça «F.: *Então e a presidente não vai escolher um vice-presidente?*» “Adulto: *Sim, calma! C., vais ter escolher um amigo ou uma amiga para ser vice-presidente.*” “C.: *A R.*» As crianças puderam expressar o seu ponto de vista, por exemplo «C. *podíamos ouvir uma história e depois quando acabasse a história, podíamos fazer um desenho da história.*” “Adulto: *olha que ótima ideia! E que história é que tu gostavas de ouvir?*” “C.: *uma história do lobo.*” “Adulto: *ok, vamos ver o que é que encontramos...*» ou ainda «C.: *fazer uma colagem*” “Adulto: *uma colagem de quê?*” “C.: *uma qualquer.*» As ideias das crianças foram levadas em conta «Adulto: *Bem, para terminar. Gostava de saber atividades que vocês gostassem de fazer esta semana. Que ideias é que vocês têm?*” “B.: *aqueles espelhos. Transformarmos noutras coisas.*” “Adulto: *ah! Que boa ideia! As pinturas de simetrias.. podemos transformar noutra coisa. Em que é que podemos transformar?*” “B.: *numa borboleta.*” “Adulto: *Sim! Boa! Estamos na primavera... é uma boa ideia!*» – sendo que foram realizadas as transformações das pinturas de simetrias, em borboletas, na semana seguinte. As crianças demonstraram ter opiniões distintas umas das outras: «Adulto: *Bem, para terminar. Gostava de saber atividades que vocês gostassem de fazer esta semana. Que ideias é que vocês têm?*” “C.: *campo de jogos.*” “B.: *aqueles espelhos. Transformarmos noutras coisas.*” “B.: *numa borboleta.*” “F.: *irmos à mata.*” “D.: *uma colagem de peixinhos.*”

“M.: fazer flores.” “R.: podemos fazer uma pintura.” “M.: uma pintura da primavera.” “M.S.: podemos fazer um buraco no chão para conseguirmos fazer animais marinhos.” “C.: podíamos ouvir uma história e depois quando acabasse a história, podíamos fazer um desenho da história.” “R.: fazer corridas lá fora.” “S.: hmm... fazemos uma pintura do fundo do mar” “C.: fazer uma colagem” “S.: desenhar o fundo do mar, dois a dois, em trabalho de equipa.”» As crianças tomaram decisões, por exemplo a criança escolheu se queria assumir a função de vice-presidente ou não «“Adulto: ..C., vais ter escolher um amigo ou uma amiga para ser vice-presidente.” “C.: A R.” “Adulto: A R., muito bem. R. pode ser?” “R.: Sim.”»

Quanto ao adulto, este deu feedback às crianças «“C.: podíamos ouvir uma história e depois quando acabasse a história, podíamos fazer um desenho da história.” “Adulto: olha que ótima ideia! E que história é que tu gostavas de ouvir?” “C.: uma história do lobo.” “Adulto: ok, vamos ver o que é que encontramos...”» ou por exemplo, “S.: desenhar o fundo do mar, dois a dois, em trabalho de equipa.” “Adulto: olha que bem! E quem é que escolhias para fazer esse trabalho contigo?” “S.: O T.F.” “Adulto: muito bem! Gostei muito dessa ideia, de trabalhar em equipa.”» O adulto escutou a criança «“M.S.: podemos fazer um buraco no chão para conseguirmos fazer animais marinhos.” “Adulto: era uma ideia boa, tal como vimos no SeaLife mas era se conseguíssemos transformar a nossa sala num aquário... na sala debaixo da nossa o que é que existe? Existem peixes?” “M.S.: não” “Adulto: pois, então se fizéssemos um buraco no chão, íamos encontrar peixes ou íamos encontrar uma sala?” “M.S.: uma sala.” “R.: podíamos fazer um buraco grande e pôr lá água do chuveiro.” “Adulto: se fizéssemos um buraco grande íamos estragar o chão da nossa sala, não era...?” “R.: Pois era.” As metodologias foram adequadas às crianças, pois mais uma vez foram dadas indicações e exemplificações reais em simultâneo, (por exemplo, na sessão de quebra-gelo, onde foi jogado o jogo “Apito 1, 2, 3”) de modo que as crianças conseguissem compreender o que era suposto realizar e foi dado espaço para as crianças manifestarem as suas ideias e sugestões, realizando-as. O adulto agiu como mediador e em simultâneo, como defensor «“S.: desenhar o fundo do mar, dois a dois, em trabalho de equipa.” “Adulto: olha que bem! E quem é que escolhias para fazer esse trabalho contigo?” “S.: O T.F.” “Adulto: muito bem!

Gostei muito dessa ideia, de trabalhar em equipa.”» O adulto proporcionou informação adequada às crianças «“Adulto: Hoje vamos jogar o jogo Apito 1, 2, 3.” “Criança: Apito, 1, 2, 3?” “Adulto: Sim e desta vez, é um jogo sem competição, o que é que significa?” “Criança R.: que ninguém é vencedor.” “Adulto: Isso! Sem competição, quer dizer que não vai haver nenhum vencedor. Ninguém ganha e ninguém perde.” “Criança F.: Então não vai haver presidente e vice-presidente?” “Adulto: Vai haver na mesma, mas hoje não vai ser através do jogo que vamos decidir quem vai se o presidente e o vice-presidente. Mas depois eu já vou explicar, ok?”» ou ainda, por exemplo: «“Adulto: Então agora, cada um de vocês, vai ter de escolher um colega para ser presidente. Mas desta vez, vêm aqui ao ouvido da Raquel, dizer. Vão dizer o nome do colega, ao meu ouvido. Mas só eu é que posso ouvir, mais ninguém.” “Criança: Tem de ser baixinho.” “Adulto: Exatamente. Ninguém pode ouvir, só eu. Pensem bem. Não é pensar por amizade. Não é escolher o vosso melhor amigo... Também pode ser, mas pensem quem é o menino ou menina que vocês acham que é a pessoa indicada para vos ajudar durante a semana, para tomar as melhores decisões...”» O adulto colocou-se no lugar da criança, agindo com base na empatia e na tolerância «“(Uma das crianças, dirige-se ao pé do adulto...) “V.: Não sei o que é para fazer.” “Adulto: Toda a gente ouviu o que é para fazer?” (silêncio) “Adulto: Têm de escolher o colega que vocês acham que deve ser presidente esta semana. Perceberam?” “Crianças em coro: Sim.”»

Nesta assembleia, decorreu uma sessão de quebra-gelo, onde foi jogado o jogo “Apito 1, 2, 3” que consistia em colocar-se música e quando a música para-se, o adulto tocava o apito: Uma vez: as crianças têm de cumprimentar o colega que estiver mais perto, com um aperto de mão, abraço, beijinho..; Duas vezes: ficar sérios/jogar ao jogo do sério com o colega que está mais perto, não se podendo rir; Três vezes: dançar com o colega que estiver mais perto.